

SOBRENATURAL

O que a Bíblia ensina a respeito do mundo invisível—e porque isso é tão importante!

Michael S. Heiser

Tradução

Sandra M. Alex

Supernatural

Copyright © 2015 por Michael S. Heiser

Supernatural tradução para o Português

© 2017, Miqlat

O trecho inteiro desta tradução pode ser copiado e disseminado em qualquer formato, por permissão do autor e do proprietário dos direitos autorais. Tal permissão se aplica apenas à tradução publicada por miqlat.org. Miqlat.org é uma organização dos Estados Unidos 501(c)(3) sem fins lucrativos. Tal permissão, portanto, não abrange qualquer outra tradução na mesma língua, ou em qualquer outra língua, publicada pela Lexham Press.

ISBN

Tradução: Sandra Alex

As citações bíblicas foram extraídas das seguintes versões: ARA (Almeida Revista e Atualizada), ARC95 (Almeida Revista e Corrigida), NTLH (Nova Tradução na Linguagem de Hoje), PTNVI (Nova Versão Internacional) e TB10 (Tradução Brasileira), todas indicadas pelas siglas correspondentes.

Para a minha mãe e meu pai,

Ed e Jan Speraw

Quem poderia imaginar?

Acho que sabemos.

1 SAMUEL 1:1–28

Agradecimentos pela obra original em inglês

Já que *Sobrenatural* se baseia no meu livro *A Esfera Invisível*, os pensamentos expressados nos agradecimentos por aquele livro se aplicam aqui, mesmo que de forma abreviada.

Agradeço ao grupo de debate virtual que se formou logo após eu decidir que o concílio divino e o mundo invisível da teologia bíblica se tornariam o enfoque da minha carreira acadêmica. Não é surpresa nenhuma eu tê-lo chamado de Grupo de Estudo Concílio Divino. O GECD se dissolveu em 2004, após eu me graduar do programa de doutorado e começar a trabalhar na Logos Bible Software, mas o exercício contribuiu ao meu preparo para a autoria de ambos os livros.

A Esfera Invisível se iniciou como um manuscrito intitulado *O Mito Que É Verdade*, que eu produzi para os seguidores do website que mostraram interesse no conteúdo e no meu romance, *A Fachada*. A maioria deste material apareceu, pela primeira vez, em um boletim eletrônico e mais tarde em um blog— a ideia era que eu me forçasse a ser responsável por produzir algo, pelo menos uma vez por mês. O primeiro esboço do livro inteiro “O Mito,” como ficou conhecido, completou-se em 2012. O manuscrito aprimorou-se quando comecei a receber comentários dos leitores. Contribuintes específicos estão registrados nos agradecimentos de *A Esfera Invisível*.

Aqueles que deram muita força e apoiaram a publicação de *A Esfera Invisível*—e, por conseguinte, *Sobrenatural*—foram três executivos na Faithlife Corporation/Logos Bible Software: Bob Pritchett, Dale Pritchett e Bill Nienhuis. Não só eles conseguiram elevar o meu manuscrito para o próximo patamar, mas também anteviram a necessidade de uma versão destilada do conteúdo. *Sobrenatural* é, portanto, um produto da visão deles.

Dave Lambert, meu editor no livro *A Esfera Invisível*, também editou *Sobrenatural*. O benefício da sua habilidade e experiência se encontra em cada página. Ele manteve o congregante em mente—na minha mente.

Por fim, sou grato à minha esposa, Drenna. Ela torna possível tudo o que eu faço

Agradecimentos por esta Tradução

Gostaria de agradecer àqueles que fizeram doações à Miqlat.org. Sem a sua generosidade, este projeto de tradução não seria possível.

Índice

CAPÍTULO UM: Credo na Bíblia

CAPÍTULO DOIS: A Esfera Invisível: Deus e os Deuses

CAPÍTULO TRÊS: Reis de Outrora e do Futuro

CAPÍTULO QUATRO: Rebeliões Divinas

CAPÍTULO CINCO: Geografia Cósmica

CAPÍTULO SEIS: A Palavra, o Nome e o Anjo

CAPÍTULO SETE: Regras de Engajamento

CAPÍTULO OITO: Espaço Sagrado

CAPÍTULO NOVE: Guerra Santa

CAPÍTULO DEZ: Escondido em Plena Vista

CAPÍTULO ONZE: A Intenção Sobrenatural

CAPÍTULO DOZE: O Cavalgante das Nuvens

CAPÍTULO TREZE: A Grande Reversão

CAPÍTULO QUATORZE: Eles Não São Do Mundo

CAPÍTULO QUINZE: Coparticipantes da Natureza Divina

CAPÍTULO DEZESSEIS: Governando os Anjos

Conclusão

A Oração do Perdão

Um Pedido do Autor

CAPÍTULO UM

Crendo na Bíblia

Você crê, mesmo, no que a Bíblia diz?

Para alguns, esta pergunta pode até parecer esquisita, vinda de um livro que, provavelmente, será lido, na maior parte, por cristãos. Mas eu não a considero tão esquisita assim. A Bíblia contém assuntos bem estranhos—assuntos estes que são difíceis de acreditar, principalmente no mundo moderno.

Não estou me referindo aos grandes tópicos, tais quais a vinda de Jesus à terra como Deus, que depois morreu na cruz e ressuscitou de dentre os mortos. Não estou nem pensando nas histórias miraculosas, como a do êxodo, quando Deus resgatou Israel do Egito, provendo-lhe livramento através do mar Vermelho. A maioria dos cristãos diz que crê nestas coisas. Afinal de contas, se você não crê em Deus nem em Jesus e nem que Eles fizeram coisas milagrosas, então qual é a vantagem de dizer que é cristão?

Refiro-me a coisas não bem conhecidas, coisas sobrenaturais com as quais você se depara, de vez em quando, ao ler a Bíblia mas que raramente escuta a menção delas na igreja.

Por exemplo: em 1 Reis 22, lemos a história de Acabe, um rei ímpio de Israel. Ele quer unir as suas forças às do rei de Judá para atacar um inimigo em um local chamado Ramote-Gileade. O rei de Judá quer ver, de relance, o futuro: quer saber o que vai acontecer se eles atacarem. Assim sendo, os dois reis fazem a pergunta aos profetas de Acabe e recebem confirmação positiva de todos eles. Porém, os profetas de Acabe só lhe dizem o que ele quer ouvir e ambos os reis percebem isso. Decidem, portanto, indagar o profeta de Deus, um rapaz chamado Micaías. A resposta dele não traz boas notícias para Acabe:

Ouve, pois, a palavra do Senhor: Vi o Senhor assentado no Seu trono, e todo o exército do céu estava junto a Ele, à Sua direita e à Sua esquerda. Perguntou o Senhor: Quem enganará a Acabe, para que suba e caia em Ramote-Gileade? Um dizia desta maneira, e outro, de outra. Então, saiu um espírito, e se apresentou diante do Senhor, e disse: Eu o enganarei. Perguntou-lhe o Senhor: Com quê? Respondeu ele: Sairei e serei espírito mentiroso na boca de todos os seus profetas. Disse o Senhor: Tu o enganarás e ainda prevalecerás; sai e faze-o assim. Eis que o Senhor pôs o espírito mentiroso na boca de todos estes teus profetas e o Senhor falou o que é mau contra ti. (1 Reis 22:19-23)

Você captou o que a Bíblia lhe pede para crer? Que Deus se reúne com um grupo de seres espirituais para decidir o que acontece na terra? É verdade isso?

Segue mais um exemplo, por cortesia de Judas:

E a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, ele tem guardado sob trevas, em algemas eternas, para o juízo do grande Dia. (Judas 1:6)

Deus enviou um monte de anjos para uma prisão subterrânea? É mesmo?

Como eu disse, a Bíblia contém vários assuntos estranhos, principalmente no que diz respeito ao mundo invisível, espiritual. Eu conheci muitos cristãos que não fazem objeção nenhuma aos ensinamentos não tão controversos da Bíblia (pelo menos no mundo cristão) que se referem ao sobrenatural, como por exemplo, quem foi Jesus e o que Ele fez; porém, passagens como esta acima os deixam um tanto ou quanto apreensivos, a ponto deles as ignorarem. Eu já observei esta tendência bem de perto. Uma vez, a minha esposa e eu visitamos uma igreja onde o pastor pregava uma série de sermões baseados na epístola de 1 Pedro. Na manhã em que a leitura seria 1 Pedro 3:18-22, a primeira coisa que ele disse, ao se posicionar por detrás do púlpito, foi:

— Vamos omitir estes versículos, pois são muito esquisitos.

O que ele quis dizer com o termo *esquisito* é que esses versículos continham elementos sobrenaturais que não condiziam com a teologia dele. Tais como:

Pois também Cristo sofreu pelos pecados uma vez por todas, o justo pelos injustos, para conduzir-nos a Deus. Ele foi morto no corpo, mas vivificado pelo Espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão que há muito tempo desobedeceram, quando Deus esperava pacientemente nos dias de Noé, enquanto a arca era construída. (1 Pedro 3:18-20 PTNVI)

Quem são e onde estão estes espíritos aprisionados? Ou aquele pastor não sabia, ou não gostava da resposta de modo que, simplesmente, decidiu ignorar tais versículos.

Por ser conhecedor da Bíblia, eu aprendi que as passagens estranhas (e muitos outros trechos pouco conhecidos e pouco compreendidos das Escrituras Sagradas) são, na realidade, importantes demais! Elas nos ensinam ideias específicas a respeito de Deus, do mundo invisível e das nossas próprias vidas. Quer você creia ou não, se ficássemos mais conscientes delas e compreendêssemos melhor o que significam, por mais difíceis e perplexas que sejam, a nossa maneira de pensar se transformaria—sobre Deus, sobre uns aos outros, sobre o porquê de estarmos aqui e sobre o nosso destino final.

Na primeira carta que o apóstolo Paulo escreveu aos coríntios, ele se zangou com os crentes daquela igreja por levarem uns aos outros ao tribunal, a fim de apaziguarem as suas discórdias. Ele sentiu que aquilo não passava de uma perda de tempo e de energia emocional, sem mencionar o quanto refletia mal nos da fé. Declarou, com um suspiro: “Vocês não sabem que hão de julgar o mundo? Não sabem que hão de governar os anjos?” (1 Coríntios 6:3, eu parafraseei).

Julgar o mundo? *Governar os anjos?*

O que Paulo está dizendo neste versículo enigmático é suficiente para lhe deixar boquiaberto e mudar a sua vida. A Bíblia conecta as atividades dos seres sobrenaturais com as nossas vidas e destinos. Nós, um dia, *vamos* julgar o mundo. *Vamos* governar os anjos, como disse Paulo. Expandirei este assunto mais à frente.

Paulo só teve condições de dizer o que disse aos coríntios—e a nós—porque a história da Bíblia se

resume em Deus nos ter criado e no quanto Ele deseja que façamos parte da Sua família celestial. Não é por acaso que a Bíblia usa termos que se aplicam a relacionamentos familiares—tais como termos um lar em comum e trabalharmos junto—para descrever, de forma coletiva, Deus, Jesus, os seres do mundo invisível, e aqueles que creem: *eu e você*. Deus quer que a humanidade faça parte da Sua família e do Seu domínio sobre a criação.

Todos nós reconhecemos o conceito *assim como é no céu, que seja na terra*, derivado das ideias e até mesmo da fraseologia encontrada na oração do Pai Nosso (Mateus 6:10). Desde o princípio, Deus almejava que a Sua família humana vivesse com Ele em um mundo perfeito—junto com a família que Ele já possuía no mundo invisível: o Seu exército celestial. Esta história—o objetivo de Deus, o quanto este foi combatido pelos poderes das trevas, o seu fracasso e o seu sucesso final no futuro—é o que este livro representa, da mesma forma que a Bíblia. E nós não conseguiremos apreciar o drama da história da Bíblia se não incluirmos *todos* os personagens—inclusive os sobrenaturais que fazem parte da epopeia mas são ignorados por muitos mestres da Bíblia.

Os membros do exército celestial de Deus não são periféricos nem insignificantes, e nem mesmo desconectados da nossa história, a história humana, na Bíblia. Eles desempenham um papel central. Só que os leitores modernos da Bíblia, com muita frequência, a leem desatentos e deixam passar despercebido o quanto este mundo sobrenatural fascinante está presente em dezenas dos episódios mais conhecidos da Bíblia. Eu levei décadas para enxergar o que enxergo hoje na Bíblia—e quero compartilhar com você o fruto de todos estes anos de estudo.

Porém, não vamos nos desviar da pergunta que fiz no início. *Você crê mesmo no que a Bíblia diz?* É aí que a porca torce o rabo. Não vai adiantar nada você aprender o que a Bíblia ensina a respeito do mundo invisível e o quanto este atravessa a sua vida, sem que creia nele.

Em 2 Reis 6:8-23, o profeta Eliseu enfrenta dificuldades (de novo). Um rei, zangado, envia as suas tropas para cercar a casa de Eliseu. Quando o seu servo entra em pânico, Eliseu lhe diz: “Não tenha medo, pois aqueles que estão conosco são mais do que aqueles que estão com eles.” Antes que o servo tivesse a oportunidade de contestar, Eliseu orou: “Ó Senhor, peço a Ti que abra-lhe os olhos para que veja.” Deus respondeu de imediato: “O Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu.”

A oração de Eliseu é a minha oração por você. Que Deus lhe abra os olhos para que você veja e jamais consiga pensar na Bíblia da mesma forma outra vez.

CAPÍTULO DOIS

A Esfera Invisível: Deus e os Deuses

Muita gente fica fascinada com o mundo sobrenatural e sobre-humano. Considere o setor de entretenimento nos anos recentes. Milhares de livros, programas de televisão e filmes da década passada abordaram anjos, extraterrestres, monstros, demônios, fantasmas, bruxas, magia, vampiros, lobisomens e super-heróis. Muitas das franquias dos filmes de sucesso em Hollywood retratam o mundo sobrenatural: *X-Men*, *Os Vingadores*, a série de *Harry Potter*, *Super-homem* e a saga do *Crepúsculo*. Programas de televisão tais como *Fronteiras*, *Sobrenatural*, é claro, e *Arquivo X*, gozam de seguidores dedicados mesmo muito depois de se terminar a filmagem de novos episódios. Aliás, estes assuntos sempre foram populares em contos, livros e arte, não é mesmo?

Por que?

Uma resposta é por representarem a fuga do ordinário. Eles nos oferecem um mundo mais interessante e mais empolgante do que o nosso. Existe algo na luta entre o bem e o mal que, ampliada em escala cósmica, nos entusiasma. A contenda épica dos heróis da Terra-Média (Gandalf, Frodo e cia.) contra Sauron, o Senhor do Escuro, na trilogia *O Senhor dos Anéis* vem cativando leitores (e agora frequentadores de cinema) há mais de cinquenta anos. Quão mais o vilão é extranatural, maior é o espetáculo do triunfo.

Em um nível diferente, as pessoas se atraem a outros mundos porque, como expressa o livro de Eclesiastes, Deus “pôs eternidade nos [nossos] corações” (Eclesiastes 3:11). Existe algo na condição humana que anseia por uma experiência além da humana—algo divino. O apóstolo Paulo descreveu este anseio também, ao ensinar que este procede de simplesmente estarmos vivos no mundo que Deus fez. A criação é testemunha de um Criador e, portanto, de um mundo além do nosso (Romanos 1:18-23). Aliás, Paulo disse que este impulso é tão poderoso que precisou ser voluntariamente suprimido (v. 18).

No entanto, parece-me que não consideramos as histórias épicas da Bíblia da mesma forma que os nossos próprios contos do mundo sobrenatural nos livros, filmes e lendas. Existem motivos para isso que vão além da falta de efeitos especiais. Para alguns, os personagens da Bíblia são muito ordinários ou ultrapassados. Não nos parecem dinâmicos ou heroicos. Afinal de contas, são as mesmas pessoas e as mesmas histórias de escola dominical que aprendemos quando crianças. Sem mencionar a barreira cultural. É difícil nos identificarmos com a imagem aparente de uma procissão infundável de pastores da antiguidade e homens vestidos de robes—iguais aos atores na peça de natal da sua igreja.

Contudo, eu creio que um fator ainda maior que contribui para que a ficção-científica ou o mundo sobrenatural captem a nossa imaginação com mais facilidade, deve-se à maneira em que aprendemos a pensar sobre o mundo invisível da Bíblia. O que eu ouvi na igreja durante muitos anos não só pega o bonde andando, mas também transforma o sobrenatural em um assunto chato. E o pior é que o ensinamento da igreja emascula o mundo invisível e sobrenatural, tornando-o impotente.

Muito do que os cristãos imaginam ser verdade quanto ao mundo invisível, não é. Anjos não têm asas. (Os querubins não contam, pois eles jamais foram chamados de anjos e são considerados criaturas. Anjos sempre aparecem em forma humana.) Demônios não têm chifres nem cauda, e não vivem aqui para nos fazer pecar (nós o fazemos, numa boa, por nós mesmos). Embora a Bíblia descreva, com todo o direito, a possessão demoníaca de formas horríveis, a inteligência maléfica tem coisas mais sinistras a fazer do que transformar as pessoas em fantoches de meia. E acima de tudo, anjos e demônios exercem papel secundário. A igreja nunca consegue se aproximar dos chefões nem dos planos deles.

Os Deuses São Reais

No primeiro capítulo, eu perguntei se você crê, mesmo, no que a Bíblia diz. Considere, então, o seguinte teste surpresa:

A Bíblia diz que Deus conta com uma força-tarefa de seres divinos que executam as Suas decisões, conhecida como a assembleia, concílio ou corte de Deus (Salmos 89:5-7; Daniel 7:10). Um dos versículos mais claros sobre o assunto se encontra em Salmo 82:1. A tradução da versão em inglês “Good News” expressa bem o conceito: “Deus preside no concílio celestial; na assembleia dos deuses Ele profere a Sua decisão.”

Se você pensar bem, é um versículo surpreendente! Ele me embaralhou todo, quando prestei atenção pela primeira vez. Porém, o versículo significa o que diz, plena e claramente. Como qualquer outro versículo, Salmo 82:1 precisa ser entendido no contexto de tudo o mais que a Bíblia diz—no caso, o que ela diz a respeito *dos deuses* e como este termo precisa ser definido.

A palavra original para “deuses,” traduzida do hebraico, é *elohim*. Muitos de nós pensamos, durante tanto tempo, que *elohim* possuísse um só significado—um dos nomes de Deus, o Pai—que talvez seja difícil definirmos este nome dentro do seu contexto mais amplo. No entanto, a palavra se refere a *qualquer* habitante do mundo invisível espiritual. É por isso que ela se aplica ao próprio Deus (Gênesis 1:1), a demônios (Deuteronômio 32:17), e a seres humanos mortos que habitam no porvir (1 Samuel 28:13). Para a Bíblia, qualquer ser desincorporado, cujo o endereço é o mundo espiritual, é um *elohim*.

O termo hebraico não se refere a um conjunto específico de habilidades que só Deus possui. A Bíblia distingue Deus de todos os outros deuses de outras maneiras, mas não usando a palavra *elohim*. Por exemplo, a Bíblia comanda que os deuses adorem o Deus da Bíblia (Salmo 29:1). Ele é o seu Criador e Rei (Salmo 95:3; 148:1-5). Salmo 89:6-7 (PTNVI) diz: “Pois quem nos céus poderá comparar-se ao Senhor? Quem entre os seres celestiais assemelha-se ao Senhor? (1 Reis 8:23; Sl. 97:9). No concílio dos santos Deus é temível.” Os escritores da Bíblia são bem francos quanto a não existir outro igual ao Deus de Israel—Ele é o “Deus dos deuses” (Deuteronômio 10:17; Sl. 136:2).

Estes seres no “concílio dos santos” são reais. No primeiro capítulo deste livro, eu citei uma passagem em que Deus Se reuniu com o Seu exército celestial para decidir um meio de Se livrar do rei Acabe. Naquela passagem, os membros deste grupo celestial são chamados de espíritos. Se cremos que o mundo espiritual é real e que nele habitam Deus e os seres espirituais que Ele criou (tais como os anjos), então temos que admitir que a força-tarefa sobrenatural de Deus, descrita nos versículos que citei acima e em

muitos outros, também é real. Caso contrário, afirmamos “realidade espiritual” só da boca para fora.

Já que a Bíblia identifica estes membros do concílio divino como espíritos, sabemos que os deuses não são apenas ídolos de pedra ou de madeira. As estatuetas não trabalham para Deus em um concílio celestial. Está certo que as pessoas da antiguidade que adoravam deuses rivais, fabricavam ídolos. Mas elas sabiam que os ídolos que construíam com as suas próprias mãos não tinham poder de verdade. Aqueles ídolos artesanais eram objetos que os deuses ocupavam para receber sacrifícios e conceber conhecimento aos seus seguidores—aqueles que realizavam rituais, solicitando que os deuses se aproximassem deles e passassem a residir no ídolo.

A Estrutura do Concílio e a Empresa

Os deuses do Salmo 82:1 são chamados de “filhos do Altíssimo [Deus]” no versículo posterior (v.6). Os “filhos de Deus” aparecem várias vezes na Bíblia, geralmente na presença de Deus (como em Jó 1:6, 2:1). Jó 38:7 relata que eles estavam presentes quando Deus começou a formar a terra e a criar a humanidade.

Interessante, isso. Deus chama estes seres espirituais de filhos. Já que Ele os criou, a linguagem de “família” se aplica, da mesma forma que você se refere aos seus descendentes como o seu filho ou sua filha, pois participou em gerá-los. Todavia, além de ser Pai, Deus também é o Rei deles. No mundo antigo, os reis, de um modo geral, reinavam por intermédio de seus familiares. O reinado era transferido para os herdeiros. Domínio era uma empresa de família. Deus é o Senhor do Seu concílio. E aos Seus filhos incumbem-se os mais altos cargos, devido ao relacionamento que têm com Ele. Porém, como argumentaremos em todo este livro, algo aconteceu: alguns deles se tornaram desleais.

Os filhos de Deus também são responsáveis por decisões. Aprendemos em 1 Reis 22 (como em muitas outras passagens) que a empresa de Deus incluía interação com a história humana. Quando Deus determinou que havia chegado a hora do perverso Acabe morrer, deixou que a decisão do método ficasse a cargo do Seu concílio.

As reuniões do concílio divino em Salmos 82 e 1 Reis 22 não são as únicas que se associam a nós na Bíblia. Algumas delas determinaram a sorte de impérios.

Em Daniel 4, Nabucodonosor, o rei da Babilônia, foi castigado por Deus com insanidade temporária. A sentença foi proferida “pelo decreto do Altíssimo” (Daniel 4:24) e “o decreto dos sentinelas” (Daniel 4:17). *Sentinela* era o termo usado para denotar seres divinos no concílio de Deus, referindo-se ao seu estado de vigilância permanente quanto aos interesses da humanidade; ou seja, eles nunca dormiam.

Estes cenários bíblicos das sessões do concílio divino deixam claro que os membros do concílio de Deus *participam* do governo Dele. Em alguns casos, pelo menos, Deus decreta o que deseja realizar mas atribui aos Seus agentes sobrenaturais a liberdade de decidir os meios.

Os anjos também participam do concílio de Deus. Nas línguas originais da Bíblia, os termos traduzidos para *anjo*, tanto no Antigo como no Novo Testamento, significam, na realidade, *mensageiro*. A palavra *anjo* é, basicamente, uma descrição de encargos. Os anjos entregam mensagens para as pessoas. Aprenderemos mais a respeito dos anjos e seus deveres—bem como os deveres dos outros membros do

concílio de Deus—mais adiante, no livro.

Por Que Isso É Importante

A sua reação a tudo o que acabou de ler neste livro, talvez seja:

— Fascinante! Nunca havia percebido isto na Bíblia antes. Mas como é que toda esta informação se repercute—se é que de alguma forma—na minha vida cotidiana e no funcionamento da minha igreja?

A resposta é: a verdade apresentada neste livro tem *tudo* a ver com o nosso entendimento de quem Deus é, de como nos relacionamos com Ele e do nosso propósito na terra. Para ajudar a esclarecer esta resposta, concluirei cada capítulo com um trecho semelhante a este que desempacota as repercussões práticas das verdades apresentadas no capítulo.

Neste capítulo, exploramos como a Bíblia descreve a administração cósmica de Deus e quais perspectivas estas descrições nos proporcionam de Deus e, em última instância, de como Deus se relaciona conosco.

Em primeiro lugar, a empresa celestial de família de Deus é um modelo de como Ele se relaciona com a Sua família terrestre. Examinaremos este assunto mais profundamente no próximo capítulo. Segue, porém, um exemplo: Você talvez esteja se perguntando porque Deus precisa de um concílio. Deus não devia precisar de ajuda para fazer nada, inclusive no mundo espiritual. Ele é Deus! Mas a Bíblia deixa bem claro que Ele usa seres inferiores para alcançar objetivos.

Ele não *precisa* de um concílio divino, mas escolhe fazer uso de um. E Ele também não precisa de nós. Se quisesse, Deus poderia falar bem alto para todo mundo que precisa do evangelho, dar a todos o encorajamento necessário para que se voltem a Ele, e pronto. Ele pode persuadir as pessoas a amarem umas as outras, simplesmente colocando a Sua voz na cabeça delas. Mas Ele não o faz. Antes, usa as pessoas—você e eu—para concluir o trabalho.

Em segundo lugar, Deus pode, facilmente, predeterminar os eventos para que se saiam do jeito que Ele quer. Mas não o faz. Na história do rei Acabe, Deus permitiu que os Seus assistentes celestiais decidissem como a Sua vontade seria cumprida. Ou seja, Ele deixou que eles usassem o livre arbítrio. Isso indica que nem tudo é pré-determinado. Esta verdade não se aplica só ao mundo invisível, mas ao nosso mundo também.

Na Bíblia, o mundo invisível é estruturado. Deus é o Diretor Executivo. Aqueles que trabalham para Ele, são Seus familiares. Eles compartilham o domínio. Participam na operação da empresa.

Surpreendentemente, a Bíblia se refere à humanidade da mesma forma. Desde o início, no Éden, Deus criou a humanidade para reger a terra com Ele. Disse Deus a Adão e Eva: “Tenham muitos e muitos filhos; espalhem-se por toda a terra e a dominem” (Gênesis 1:28 NTLH). Adão e Eva eram filhos de Deus—uma família terrestre de Deus. Deus queria viver com eles e deixar que eles participassem em transformar a terra toda, até ficar igual ao Éden.

Este conceito é familiar à maioria dos leitores. O que não é tão aparente assim é que Adão e Eva não eram os únicos membros da família de Deus no Éden. A Sua família divina também se encontrava lá. Éden era onde Deus morava—e onde mora Deus, a Sua família mora também. Nós imaginamos o céu sendo um lugar onde viveremos com Deus e Seus anjos—a Sua família divina. O propósito original era esse, e *será* assim. Não é coincidência a Bíblia terminar com os céus retornando à terra, para um Éden novo e global (Apocalipse 21—22).

Para compreendermos o nosso destino, precisamos retornar à época em que as duas famílias de Deus ocupavam o mesmo espaço. Precisamos voltar ao jardim.

CAPÍTULO TRÊS

Reis de Outrora e do Futuro

Recebemos uma introdução breve ao concílio celestial de Deus—a Sua família e força-tarefa. O assunto não termina aí—precisamos examinar, como os protagonistas, principalmente Jesus e Satanás, se encaixam na cena. Mas antes de retornarmos para o que ocorre no mundo invisível, precisamos pensar a nosso respeito de maneira renovada. O governo de Deus no mundo invisível espiritual por intermédio do Seu concílio é um modelo para o Seu governo na terra—o que os teólogos chamam de reino de Deus. Tudo isso começou em Gênesis, no jardim do Éden.

Éden—O Escritório Residencial de Deus

Qual é o primeiro pensamento que lhe vem à cabeça quando escuta o termo “jardim do Éden”? A maioria das pessoas com quem eu converso pensa em Adão e Eva. Éden era o lar deles. Foi onde Deus os colocou (Gênesis 2:15-25).

Entretanto, Éden também era o *lar de Deus*. Ezequiel se refere ao Éden como “o jardim de Deus” (Ezequiel 28:13; 31:8-9). Isso não me surpreende, de jeito nenhum. O que talvez seja surpreendente é saber que, logo após chamar o Éden de “jardim de Deus,” Ezequiel o chama de “montanha santa de Deus” (v. 28:14). Em várias religiões da antiguidade, jardins luxuosos e montanhas inacessíveis eram considerados os lares dos deuses. A Bíblia atribui ambas descrições ao Éden. Éden era o lar de Deus e, portanto, onde Ele realizava os seus negócios. Era a sede, ou o Seu escritório residencial.

E onde quer que Deus esteja, o Seu concílio se encontra também.

Os Geradores da Imagem de Deus

Um dos versículos mais importantes da Bíblia nos dá uma dica de que tanto Deus *quanto* o Seu concílio estavam no Éden. Em Gênesis 1:26 Deus diz: “Façamos o homem à *nossa* imagem, conforme a *nossa* semelhança” (PTNVI, *itálico* acrescentado por mim). Deus anuncia as Suas intenções a um grupo. Com quem Ele está falando? Com o Seu exército celestial—o Seu concílio. Ele não está falando com os outros membros da Trindade, pois Deus não pode saber de um assunto sem Eles saberem também! E aqui o grupo a quem Ele Se dirige acaba de saber o que Deus decidiu fazer.

O anúncio é fácil de entender. Seria o equivalente a eu falar para uns amigos:

— Vamos pedir uma pizza!

Vamos fazer isso! É bem claro. Só que tem mais um ponto que não podemos deixar de entender: Deus não inclui o grupo ao executar a Sua decisão.

Contrário a outros trechos que estudamos abordando o concílio divino, os membros do concílio de

Deus não participam desta decisão. Quando a humanidade foi criada, no próximo versículo (Gênesis 1:27), Deus é o único criador. Deus cuidou da situação sozinho. De volta para a minha análise da pizza; se eu desse seguimento ao meu anúncio levando todo mundo no carro para a pizzaria, insistindo em pagar, estaria fazendo tudo. Foi o que aconteceu.

É aceitável que Deus seja o único criando os seres humanos. Os seres divinos do Seu concílio não possuem tal poder—o que gera mais uma excentricidade. Em Gênesis 1:27, os homens são criados à imagem *de Deus* (“Criou Deus o ser humano à *Sua* imagem,” NA17 *itálico* acrescentado por mim). O que aconteceu com “à *nossa* imagem” do versículo 26?

Na verdade, não aconteceu nada. A permuta entre “à *nossa* imagem” e “à *Sua* imagem” em Gênesis 1:26-27 revela algo fascinante. A declaração de Deus: “Façamos o ser humano à *nossa* imagem,” significa que Ele e aqueles a quem Ele está se dirigindo possuem algo em comum. Seja lá o que for, os seres humanos também vão compartilhar disso assim que Deus os criar. Não só somos semelhantes a Deus, de alguma forma, mas também somos semelhantes aos seres divinos do Seu concílio.

Este “algo” é comunicado por meio da frase: “à imagem de Deus.” Uma tradução melhor de Gênesis 1:26 é que Deus criou os homens *conforme* a Sua imagem. Ser humano significa *ser* um gerador da imagem de Deus. Melhor dizendo, somos os representantes de Deus.

A imagem de Deus não é uma faculdade que nos foi concedida por Deus, como a inteligência. Podemos perder nossas faculdades mentais, mas não podemos perder o nosso estado de geradores da imagem de Deus. Se fosse o caso, não seríamos humanos! Todo ser humano, a partir da concepção até a morte, será sempre humano e será sempre portador da imagem de Deus. É por isso que a vida humana é sagrada.

Como é que representamos Deus? No capítulo anterior, vimos que Deus compartilha a Sua autoridade com os seres divinos da Sua força-tarefa. Ele faz o mesmo com os seres humanos na terra. Deus é o rei altíssimo de todas as coisas, visíveis e invisíveis. Ele reina. Ele compartilha este reinado com a Sua família no mundo espiritual e no mundo humano. Estamos aqui para participar do plano de Deus de fazer do mundo tudo o que Ele quer que seja e desfrutarmos desta obra com Ele.

Mais cedo ou mais tarde, Deus nos mostraria a maneira de efetuarmos este plano. Jesus é o exemplo máximo da representação de Deus. Ele é chamado a imagem do Deus invisível (Colossenses 1:15) e a expressão exata de Deus (Hebreus 1:3). Por este motivo, devemos imitar Jesus (Romanos 8:29; 2 Coríntios 3:18).

Dois Concílios, Um Destino

Há um significado nisso tudo que eu espero que você esteja captando. Os seres humanos são, basicamente, a administração de Deus—o Seu concílio—*na terra*. Fomos criados para viver na presença de Deus, com a Sua família celestial. Fomos criados para adorá-Lo e servi-Lo para sempre. Inicialmente, isso também devia ter acontecido na terra. O Éden era o local onde o céu e a terra se cruzavam. Deus e os membros do Seu concílio ocupavam o mesmo espaço que a humanidade.

Mas com que finalidade?

Deus disse a Adão e a Eva: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre...todo animal que rasteja pela terra” (Gênesis 1:28). Aos geradores da imagem de Deus incumbiu-se tal tarefa. Eles serviriam a Deus como reis-guardiões da criação. A responsabilidade da humanidade era a de povoar a terra e estender o Éden ao planeta inteiro, ou seja, cultivar o reino de Deus. Esta obra era imensa demais para só duas pessoas, portanto, Deus quis que Adão e Eva tivessem filhos.

Como já sabemos, Adão e Eva e a sua progenitura fracassaram. A humanidade pecou. Se não houvesse ocorrido isso, a terra teria se transformado, gradativamente, em um Éden global. Nós teríamos vida eterna em um planeta aperfeiçoado, vivendo com Deus e a Sua família espiritual.

Deus amava a humanidade e, assim, perdoou Adão e Eva. Mas o resto da humanidade, a partir daquele ponto, estava destinada a seguir os passos de Adão e Eva. Todos nós pecamos e merecemos a morte sem a intervenção de Deus (Romanos 6:23). Somos mortais e, portanto, pecadores. Precisamos de salvação.

A ideia de Deus querer que nos unamos à Sua família divina, façamos parte do Seu concílio e vivamos na Sua presença, nos ajuda a compreender coisas incríveis que a Bíblia nos diz.

Ela explica porque a Bíblia denomina os crentes de “filhos de Deus” (João 1:12; 11:52; Gálatas 3:26; 1 João 3:1-3). Explica porque descreve os crentes como “adotados” na família de Deus (Gálatas 4:5-6; Rom. 8:14-16). Explica porque somos considerados “herdeiros” de Deus e do Seu reino (Gálatas 4:7; Tito 3:7; Tiago 2:5) e “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4; veja também 1 João 3:2). Explica porque, após o retorno de Jesus, Ele diz que dará aos crentes o direito de “se alimentarem da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus” (Apocalipse 2:7). Explica porque Ele prometeu compartilhar a regência das nações conosco (Apocalipse 2:26-28) e até mesmo o Seu trono (Apocalipse 3:21). Nós *avancamos* nesta vida *retornando* ao Éden. *Os céus retornarão à terra.*

É *isso* que vamos fazer no porvir—reger o novo Éden global. Estaremos desfrutando daquilo que Adão e Eva foram, originalmente, destinados a ajudar a produzir. A essência da vida eterna não é tocar harpas e cantar 24 horas por dia, 7 dias na semana. É sim descobrir e saborear a criação imaculada em toda a sua plenitude imponderável, junto ao próprio Deus, a Jesus ressurreto, e aos nossos cogeradores de imagem, humanos e sobrenaturais.

Por Que Isso É Importante

Não parece, mas muitas ideias que transformam a vida derivam disso tudo. Viver conscientemente como se as nossas vidas representassem Deus e avançassem os Seus planos—mesmo que ainda não enxerguemos o plano—mudaria o modo de enfrentarmos cada dia.

O plano original de Deus era de transformar a terra inteira no Éden. Deus queria que os humanos participassem na expansão do Seu bom reinado sobre toda a terra, assim como no Éden. Disse Ele a Adão e Eva que tivessem filhos e se tornassem senhores e guardiões da criação (Gênesis 1:26-28). Este mandamento não foi esquecido depois da queda. Aliás, foi repetido mesmo depois dos eventos terríveis

que sucederam o dilúvio (Gênesis 8:17; 9:1). Embora tenhamos perdido o Éden, Deus pretende restaurá-lo. Em última instância, o Seu domínio—o Seu reino—retornará em plenitude quando Jesus voltar e Deus criar um novo céu e uma nova terra (uma terra que, segundo Apocalipse 21 e 22, vai ser igual ao Éden). Enquanto isso, podemos espalhar a verdade de Deus e o evangelho de Jesus por toda a parte. Podemos também representar Deus mediante a todos que encontramos e em toda parte. Somos os agentes de Deus que vão restaurar o Éden aqui e agora, ansiando também pelo dia em que Jesus conduzirá este plano ao auge.

Considerarmo-nos agentes de Deus, conscientemente—os Seus geradores de imagem—significa que *as decisões que tomamos, fazem toda a diferença*. Cristãos que não estão mais perdidos no pecado podem cumprir o plano de Deus com a ajuda do Espírito Santo. Estamos aqui para espalhar a bondade da vida com Deus e explicar para os que precisam do evangelho que eles também podem desfrutar disso. As nossas vidas se cruzam com muitas pessoas. A memória que elas guardam desses encontros se repercute em suas vidas e nas vidas daqueles que tocam. Somos um vislumbre, ou da vida com Deus ou da vida sem Deus. Não tem meio termo.

O conhecimento de que todos os humanos são geradores da imagem de Deus também precisa nos instigar a considerarmos sagrada a vida humana. Este ponto se estende além de decisões sérias de ética que lidam com a vida e a morte. O que aprendemos impacta demais a forma de enxergarmos uns aos outros e de nos relacionarmos uns com os outros. Não há espaço para racismo no mundo de Deus. Injustiça é incompatível com a nossa representação de Deus. O abuso de poder—em casa, no trabalho, ou no governo—é ímpio. Não foi assim que Deus lidou com os Seus filhos no Éden, de modo que não existe espaço para tratarmos assim os nossos cogeradores de imagem.

Por fim, representar Deus significa que todo trabalho que O honre é um chamado *espiritual*. Toda tarefa legítima pode fazer parte de avançarmos o nosso mundo para mais perto do Éden e abençoarmos cogeradores de imagem—ou não. Deus não considera as pessoas no ministério mais santas nem mais especiais só por causa da descrição de seus encargos. Deus Se importa com o modo de cada um de nós O representarmos onde nos encontramos. Ou nos posicionamos contra as trevas, compartilhando a vida que Deus quer que todo mundo experimente em última instância, ou não. A oportunidade não precisa ser espetacular; só precisa ser aproveitada.

Por mais espetacular que fosse a intenção de Deus no Éden, a visão morreu com a mesma rapidez. Só Deus é perfeito. A liberdade nas mãos de seres imperfeitos—mesmo os seres divinos—pode provocar resultados desastrosos.

CAPÍTULO QUATRO

Rebeliões Divinas

Terminei o capítulo anterior com a ideia de que o livre arbítrio nas mãos de seres imperfeitos, quer sejam divinos, quer humanos, pode provocar resultados desastrosos. Aliás, isto é um eufemismo. Algumas catástrofes nos capítulos iniciais da Bíblia, todas envolvendo seres humanos e sobrenaturais, ilustram bem este ponto.

Lembre-se que Deus decidiu compartilhar a Sua autoridade com ambos os seres divinos na esfera sobrenatural e seres humanos na terra. Foi este o cenário de fundo para a declaração de Deus: “*Façamos a humanidade segundo à nossa imagem*” (Gênesis 1:26, *itálico acrescentado por mim*) e o fato de Deus, em seguida, ter criado os seres humanos à Sua imagem. Seres espirituais e humanos são os geradores da imagem de Deus. Nós compartilhamos da Sua autoridade e O representamos como cogovernantes.

Por um lado, foi uma decisão maravilhosa. O livre arbítrio faz parte da nossa semelhança a Deus. Não seríamos como Ele se não o tivéssemos. Sem o livre arbítrio, conceitos tais quais o amor e o autossacrifício desvanecem. Se você é, meramente, programado para “amar,” isso não exige decisão. Não é real. Palavras e roteirizações não são genuínas. Pensar nisso me faz lembrar do último filme da série original Star Wars, *O Retorno do Jedi*. O espírito de Obiwan Kenobi diz a Lucas que seu pai, Darth Vader, “agora é mais máquina do que homem.” Mesmo assim, no final, descobrimos que não é verdade. Vader salva Lucas das garras do imperador, o que lhe custou a própria vida. Ele não era apenas uma máquina programada. A sua decisão procedeu do coração, da sua humanidade—do seu livre arbítrio.

Mas existe um lado sinistro na decisão de Deus. A concessão de liberdade a seres inteligentes significa que eles podem e vão fazer más escolhas ou se rebelarem intencionalmente. Isso vai acontecer sem falha, pois o único ser verdadeiramente perfeito é Deus. Ele é o único em Quem pode confiar. É por isso que as coisas podiam dar, e deram, errado no Éden.

Problemas no Paraíso

Pense bem na situação no Éden. Adão e Eva não estavam sozinhos. Deus estava lá com o Seu concílio. Éden é a sede divina/humana para “subjugar” o resto da terra (Gênesis 1:26-28)—espalhando a vida do Éden para o resto do planeta. Só que um membro do concílio não ficou contente com os planos de Deus.

Da mesma forma que observamos em Gênesis 1, encontramos alusões em Gênesis 3 de que o Éden é o lar de outros seres divinos. No versículo 22, após Adão e Eva terem pecado, Deus diz: “Eis que o homem se tornou como *um de nós*, conhecendo o bem e o mal” (*itálico acrescentado por mim*). Esta frase representa o mesmo aviso que vimos em Gênesis 1:26 (“à nossa imagem”).

Reconhecemos que o ator principal de Gênesis 3, a serpente, na realidade não era uma cobra. Aliás, não era nem um animal. Nenhum esforço para aprisioná-lo por trás de um painel de vidro no zoológico teria sido eficaz, e ele não gostaria disso, pois era um ser divino. Apocalipse 12:9 o identifica como o Diabo,

Satanás.

Alguns cristãos presumem, baseados em Apocalipse 12:7-12, que houve uma rebelião angélica logo após a criação:

Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e os seus anjos revidaram. Mas estes não foram suficientemente fortes, e assim perderam o seu lugar nos céus. O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à terra. (Apocalipse 12:7-9 PTNVI)

Mas a guerra nos céus descrita neste versículo se associa ao nascimento do messias (Apocalipse 12:4-5, 10 PTNVI):

Sua cauda arrastou consigo um terço das estrelas do céu, lançando-as na terra. O dragão pôs-se diante da mulher que estava para dar à luz, para devorar o seu filho no momento em que nascesse. Ela deu à luz um filho, um homem, que governará todas as nações com cetro de ferro. Seu filho foi arrebatado para junto de Deus e de Seu trono...

Então ouvi uma forte voz dos céus, que dizia:

“Agora veio a salvação e o poder

e o Reino do nosso Deus

e a autoridade do Seu Cristo,

pois foi lançado fora o acusador dos nossos irmãos,

que os acusa diante do nosso Deus, dia e noite.”

A Bíblia não nos oferece nenhuma indicação de que, antes dos eventos no Éden, qualquer dos seus geradores de imagem—humanos ou divinos—se opusessem à vontade de Deus ou se encontrassem em estado de rebelião. As circunstâncias mudaram de forma dramática em Gênesis 3.

O crime da serpente foi o de escolher, de livre arbítrio, rejeitar a autoridade de Deus. Deus havia determinado que Adão e Eva se uniriam à empresa da família, por assim dizer. Eles expandiriam o Éden na terra. Mas o inimigo não os queria ali. Ele se colocou no lugar de Deus. Disse em seu coração: “Subirei até o céu e me sentarei no meu trono, acima das estrelas de Deus. Reinarei no monte onde os deuses se reúnem” (Isaías 14:13 NTLH).

Ele foi, inesperadamente, surpreendido. Já que o engano da serpente resultou no pecado de Adão e Eva, ela foi expulsa da casa de Deus (Ezequiel 28:14-16) e exilada da terra—“atirada [ou lançada] ao chão” em linguagem bíblica (Isaías 14:12)—para o lugar onde a morte domina, onde a vida não é eterna. Ao invés de ser senhor da vida, ele se tornou senhor dos mortos; ou seja, o grande inimigo agora tinha direito a todos os seres humanos, já que os eventos do Éden provocaram a perda da imortalidade na terra. A

humanidade agora precisaria ser redimida para obter a vida eterna com Deus em um novo Éden.

A queda (como uma precipitação nuclear) foi uma série de maldições. A maldição que sobreveio à serpente incluiu uma profecia. Deus disse que colocaria inimizade entre a semente de Eva e a semente da serpente: “Então o Senhor Deus declarou à serpente: Porei inimizade [hostilidade] entre ti e a mulher, entre a tua semente e a semente dela” (Gênesis 3:14-15 TB10). Quem é a semente, ou a descendência, de Eva? A humanidade. E quem é a semente da serpente? Bom, aí a resposta é mais abstrata. O apóstolo João nos dá exemplos—como os líderes judaicos que odiavam Jesus. “Vós sois do vosso pai, o diabo,” disse-lhes Jesus (João 8:44). Jesus também chamou o traidor, Judas, de diabo (João 6:70). A semente da serpente é qualquer pessoa que se opõe ao plano de Deus, como a serpente o fez.

A Má Semente

Não levou muito tempo para mais problemas surgirem. Um dos filhos de Adão e Eva se tornou assassino. Caim matou Abel, demonstrando que ele era “do maligno” (1 João 3:12). Da mesma forma que a população humana se multiplicou na história bíblica, o mesmo aconteceu com o mal (Gênesis 6:5).

Em seguida, uma outra transgressão sobrenatural ocorre; transgressão esta que, embora não seja muito comentada nos sermões de domingo de manhã, teve grande impacto na expansão da impiedade na terra. Desta vez, foram mais do que um só rebelde. O contágio do mal que se espalhou pela humanidade em Gênesis 6:5 está associado à história de Gênesis 6:1-4 em que os filhos de Deus passaram a gerar seus próprios filhos terrestres, que ficaram conhecidos como Nefilim.

A Bíblia não menciona mais, em Gênesis, o que aconteceu, mas fragmentos desta história se revelam em outras partes da Bíblia, bem como em tradições judaicas não incluídas na Bíblia que os autores do Novo Testamento conheciam bem e, inclusive, citaram em seus escritos.

Por exemplo, Pedro e Judas descrevem os anjos que pecaram antes do dilúvio (2 Pedro 2:4-6 ARC95; leia também Judas 5-6). Algumas das suas citações provêm da literatura judaica que não foi incluída na Bíblia. Pedro e Judas dizem que os filhos de Deus que cometeram esta transgressão foram presos debaixo da terra—ou seja, estão pagando sentença no inferno—até os últimos dias. Eles estarão incluídos no juízo final, o que a Bíblia chama de “O Dia do Senhor.”

As referências que Pedro e Judas citaram são bem conhecidas entre os estudiosos da Bíblia. Uma delas é um livro intitulado *1 Enoque*, popular entre os judeus da época de Jesus e os cristãos da igreja primitiva, embora não fosse considerado sagrado nem inspirado. Contudo, Pedro e Judas acharam que trechos deste conteúdo eram suficientemente importantes para os incluírem em suas epístolas.

Estas fontes de informação especulam que os filhos de Deus, ou queriam “ajudar” a humanidade, concedendo-lhe conhecimento, e depois se desviaram, ou queriam imitar a Deus criando os seus próprios geradores de imagem. Elas também incluem uma explicação quanto a origem dos demônios. Demônios são espíritos defuntos dos nefilins que morreram antes e durante o dilúvio. Eles perambulam pela terra atordoando os homens, em busca de reincorporação. Nos livros da Bíblia que sucedem Gênesis, os descendentes do Nefilim de Gênesis 6:1-4 são chamados de Anaquim e Refaim (Números 13:32-33;

Deuteronômio 2:10-11). Alguns desses refains aparecem na esfera do submundo dos mortos (Isaías 14:9-11) onde a serpente foi lançada. Os escritores do Novo Testamento mais tarde chamaram este lugar de inferno.

Estas ideias demonstram que os escritores judaicos primitivos compreenderam a ameaça que Gênesis 6:1-4 representava. Os filhos de Deus estavam tentando reformular o Éden, onde o divino e o humano coexistiam, só que de sua própria maneira. Eles achavam que sabiam mais do que Deus, quanto ao que devia acontecer na terra, assemelhando-se ao inimigo original. A alteração do plano de Deus de restaurar o Seu domínio acaba piorando uma situação que já havia ficado ruim.

O episódio de Gênesis 6:1-4 não só foi uma repercussão terrível da semente da serpente—oposição deliberada a Deus—mas também o prelúdio de coisas piores que estavam por vir. Durante os dias de Moisés e Josué, alguns dos oponentes que eles encontraram ao tentarem tomar posse da Terra Prometida eram os clãs de gigantes espalhados (Deuteronômio 2—3). Estes gigantes eram conhecidos por vários nomes. Em Números 13:32-33 são chamados de anaquins [ou filhos de Anaque]. Eles são especificamente designados como descendentes vivos do Nefilim—a descendência dos filhos de Deus em Gênesis 6:1-4. O Antigo Testamento nos conta que os israelitas continuaram combatendo estes inimigos desproporcionalmente altos até a época de Davi. Ele derrubou Golias (1 Samuel 17) e alguns dos seus homens mataram os irmãos de Golias até conseguirem eliminar a ameaça (2 Samuel 21:15-22).

Por Que Isso É Importante

A maldição profética que sobreveio à serpente e a transgressão divina que ocorreu em seguida são os estágios iniciais daquilo que os teólogos chamam de batalha espiritual—a batalha entre o bem e o mal, a guerra prolongada contra Deus e o Seu povo. É uma guerra travada nos campos de batalha de duas esferas: a visível e a invisível.

Por mais esquisitas que sejam, estas histórias nos ensinam uma lição importante: Deus encarou competição divina quando se tratou do destino da humanidade. E ainda a encara. A oposição à vontade de Deus para a terra e para a humanidade está viva e bem presente, tanto na esfera espiritual quanto em meio à humanidade. Mas Deus tem os Seus próprios planos para a reunificação dos céus e da terra. A interferência hostil não vai deixar de ser punida. A humanidade é muito valiosa. O próprio plano de Deus para esta família humana não será alterado nem subvertido.

Estas passagens também nos ensinam lições positivas. Embora esta guerra prolongada contra Deus remonte à Sua decisão de criar geradores de imagem, humanos e divinos, que compartilhariam do Seu atributo de liberdade, Deus não é a *causa* do mal.

Não existe nenhuma indicação na Bíblia de que Deus tenha provocado os Seus geradores de imagem a desobedecerem e nem de que a desobediência deles tenha sido predestinada. O fato de Deus conhecer o futuro não significa que este seja predestinado. Disso temos certeza, pois passagens como 1 Samuel 23:1-14 nos contam da época em que Davi livrou a cidade fortificada de Queila das mãos dos filisteus. Após a batalha, Saul soube que Davi se encontrava na cidade. Saul vinha tentando matar Davi já há um bom tempo, por causa de um medo paranoico de que Davi lhe haveria de roubar o trono. Saul enviou seu

exército a Queila, na esperança de encerrar Davi na cidade fortificada. Quando Davi soube do plano de Saul, perguntou a Deus:

—Será que os moradores de Queila vão me trair e me entregar nas mãos de Saul? Será que Saul virá mesmo, como ouvi dizer? Ó Senhor, Deus de Israel, peço-Te que me respondas.

—Saul virá!—respondeu o Senhor... Sim, eles o entregarão. (1 Samuel 23:11-12 NTLH)

Davi fez o que qualquer um de nós faria—fugiu da cidade o mais rápido possível. *O que nos indica que a presciência que Deus possui dos eventos não significa que eles sejam predestinados.* 1 Samuel 23 nos conta que Deus previu dois eventos que nunca aconteceram. O fato de Deus ter a presciência de que rebelião divina e fracasso humano fossem ocorrer, não significa que Ele os tenha *ocasionado*. Presciência não exige predestinação.

Precisamos enxergar estes eventos da queda sob este prisma. Deus sabia que Adão e Eva iam fracassar. Ele não ficou surpreso, pois conhece todas as coisas, reais e possíveis. Mas o fato de Deus ter a presciência de que o mal e a rebelião ingressariam neste mundo, tanto através dos seres humanos quanto do rebelde divino que seduziu a humanidade a se rebelar, não significa que Ele os tivesse causado.

Nós podemos e devemos considerar, da mesma forma, o mal que sofremos nas nossas próprias vidas e em determinados momentos. Deus previu a queda e já estava pronto, com um plano, para retificá-la. Ele também sabia que nós nasceríamos pecadores e fracassaríamos (demais!—sejamos honestos). Mas Ele não predestinou tais fracassos. Quando pecamos, precisamos admitir o nosso pecado. Nós pecamos porque escolhemos pecar. Não podemos dizer que Deus quis que pecássemos ou que não tínhamos escolha porque já estava predestinado.

Mas Deus nos amou a tal ponto que “enquanto ainda éramos pecadores, Cristo morreu por nós” (Romanos 5:6-8). Ele nos amou apesar de estar ciente do que faríamos. Ele não só nos deu a liberdade de pecarmos, como nos deu a liberdade de crermos no evangelho e vivermos para Jesus.

Deus sabe também—e nós sabemos, por experiência própria—que coisas ruins acontecem com as pessoas, até mesmo com os cristãos. O mal está no mundo porque as pessoas (e os seres divinos) têm a liberdade de fazer o mal. O nosso Deus não é uma divindade distorcida que predestina coisas horríveis ou que necessita que crimes e pecados horríveis aconteçam para que um plano maior dê certo. Deus não precisa do mal—ponto final. Os Seus planos vão avançar, independente do mal—derrotando-o e, no final, julgando-o.

Podemos perguntar a Deus porque Ele, simplesmente, não elimina o mal agora. Pela seguinte razão: para Deus eliminar o mal, teria que antes eliminar os Seus geradores de imagem, humanos e divinos, que não são perfeitos como Ele. Isto resolveria o problema do mal, mas também acarretaria uma noção de que a ideia original de Deus, de criar outros agentes divinos e seres humanos para viverem e reinarem com Ele, fosse um grande erro. Deus não comete erros.

Talvez desejássemos que Deus jamais houvesse concedido liberdade aos humanos, mas se fosse assim, onde nos encontraríamos? Com a escolha de nos conceder a liberdade, Deus também decidiu não

nos transformar em escravos néscios nem robôs—ou seja, a alternativa de se ter o livre arbítrio. Já que a liberdade é um atributo que compartilhamos com Deus, sem ela jamais seríamos geradores da imagem de Deus. Deus não é um robô. Ele nos fez semelhantes a Si. O que também não foi um erro. Deus amou demais a ideia da humanidade para tomar uma decisão alternativa. Assim sendo, Ele formulou um método, após o maligno haver se infiltrado no mundo, de redimir a humanidade, renovar o Éden, e enxugar toda lágrima (Apocalipse 7:17; 21:4).

A nossa abordagem da guerra prolongada contra Deus está em andamento. Deus tem uma estratégia de guerra. Mas a situação vai piorar antes que Ele faça a primeira jogada.

CAPÍTULO CINCO

Geografia Cósmica

As transgressões divinas que examinamos no capítulo anterior todas tinham uma coisa em comum. Eram tanto rebeliões sobrenaturais designadas a cooptar o plano de Deus para a humanidade quanto a restauração do Seu governo. Neste capítulo examinaremos outra rebelião, uma que teve origem com as pessoas.

Esta rebelião produziu um dilema do qual ainda fazemos parte, e este predicamento envolve seres sobrenaturais. A luta titânica pela estratégia restauradora de Deus se agravou a tal ponto, que só o retorno de Jesus conseguirá, finalmente, resolvê-la.

A Torre de Babel

A história da Torre de Babel (Gênesis 11:1-9) é, simultaneamente, uma das mais conhecidas e menos compreendidas de toda a Bíblia. As crianças aprendem esta história na escola dominical, como a época em que Deus confundiu as línguas humanas da terra.

Após o dilúvio, Deus repetiu a ordem de cobrir a terra que havia dado a Adão e Eva. Ele tentou dar partida, de novo, à disseminação da Sua influência regente por meio da humanidade. Mais uma vez, não deu certo. As pessoas rejeitaram o plano. Com rebelião em seus corações, elas tiveram uma ideia melhor, ou pelo menos acharam que tinham. Decidiram construir uma torre para *evitar que fossem espalhadas* (Gênesis 11:4). A lógica é meia curiosa. É claro que uma torre sensacional as tornaria famosas (Gênesis 11:4), mas como é que as impediria de serem espalhadas pela terra?

A resposta se encontra na própria torre. Estudiosos bíblicos e arqueólogos sabem que a Babilônia antiga e as cidades que a cercavam construíram torres conhecidas como zigurates. O propósito destes zigurates era o de providenciar lugares em que as pessoas conseguissem se encontrar com os deuses. *Faziam parte das zonas de templos*. Ao invés de transformar o mundo no Éden—disseminar o conhecimento de Deus por toda a parte—as pessoas queriam trazer Deus para um só local.

Este não era o plano de Deus, de modo que Ele não Se agradou. Daí a Sua declaração, mais uma vez, para os membros do Seu concílio: “Vamos *nós* descer e atrapalhar a língua que eles falam” (Gênesis 11:7 NTLH, *italico* acrescentado por mim). Deus o fez, e a humanidade se separou e se dispersou. O incidente explica a origem das nações registradas no capítulo anterior, Gênesis 10.

Esta é a história que a maioria dos cristãos conhece. Agora a que eles não conhecem.

Os Deuses e Suas Nações

Gênesis 11 não é apenas uma passagem que descreve o que aconteceu na Torre de Babel. Deuteronômio 32:8-9 descreve o evento da seguinte forma:

Quando o Altíssimo separou os povos e deu a cada povo as suas terras, ele marcou as fronteiras das nações, dando a cada uma o seu próprio deus. Mas escolheu Israel para ser o seu povo; os descendentes de Jacó pertencem ao Senhor.

Algumas traduções da Bíblia usam “filhos de Israel” ao invés de “filhos de Deus” nesta primeira frase. Todavia, *Israel não existia na época da Torre de Babel*. Deus só chamou Abraão depois de Babel (Gênesis 12). “Filhos de Israel” não pode estar certo. “Filhos de Deus” é a terminologia encontrada nos Pergaminhos do Mar Morto, os manuscritos mais antigos da Bíblia. A versão NTLH interpretou de maneira correta.

O fraseado é importante. Quando Deus separou as nações, *dividiu-as entre os filhos de Deus*. Deus distribuiu as nações para os membros do Seu concílio divino. Esta é a explicação bíblica do porquê as outras nações passarem a adorar outros deuses. Antes de Babel, Deus queria um relacionamento com a humanidade inteira. Mas a rebelião de Babel mudou tudo. Deus decidiu deixar os membros do Seu concílio divino governar as outras nações.

Deus julgou a humanidade. Até mesmo depois do dilúvio ela não concluiria o plano do reinado que Ele havia iniciado no Éden. Assim sendo, Deus decidiu criar uma nação nova, a Sua “porção” como diz Deuteronômio 32:9: Israel. Ele o fez, começando com o chamado de Abraão, em Gênesis 12, o capítulo consecutivo à história da Torre de Babel.

A concessão das nações, por parte de Deus para outros deuses, enquadra todo o Antigo Testamento. Como? O restante do Antigo Testamento focaliza o Deus de Israel e o Seu povo, em conflito com os deuses das outras nações e com o povo que nelas viviam.

Esta não foi a intenção original de Deus. Está certo que o que Ele fez em Babel com as nações foi julgá-las, mas Deus jamais teve a intenção de que as nações ficassem abandonadas para sempre. Quando Deus fez a sua aliança com Abraão, deixou bem claro que “Todas as famílias da terra serão benditas” por meio de Abraão e da sua descendência (Gênesis 12:3 TB10). Em um determinado momento, Deus planejava reintroduzir as nações à Sua família.

Paulo sabia de tudo isso. No seu sermão aos filósofos pagãos de Atenas, ele disse:

De um só homem Ele criou todas as nações por toda a terra. Ele decidiu, de antemão, quando estas nações ascenderiam e quando cairiam, e determinou as suas fronteiras.

Ele fez isso para que todas as nações pudessem procurá-lo e talvez, talvez, o pudessem encontrar, embora Ele não esteja longe de cada um de nós. (Atos 17:26-27, tradução da versão em inglês, NLT)

Por intermédio de Moisés, Deus admoestou o Seu próprio povo a não adorar “o exército dos céus” (Deuteronômio 4:19-20), um rótulo que se aplica aos membros do concílio divino encontrado em outras passagens (1 Reis 22:19). Atos 17:26-27 deixa claro que o propósito de Deus era de que, de alguma maneira, as nações O buscassem.

Mas os deuses que foram instituídos sobre as nações interferiram neste plano de dois modos:

Vimos, anteriormente, em Salmo 82:1, que Deus reuniu os deuses do concílio. O salmo inteiro nos diz o porquê. Os deuses das nações as haviam governado injustamente—meios contrários às verdadeiras expectativas de Deus e aos princípios de justiça. Deus os acusou, tão logo começou a reunião: “Até quando vocês vão absolver os culpados e favorecer os ímpios?” (Salmos 82:2 PTNVI). Depois de atacá-los durante mais dois versículos no tocante às suas injustiças, o Senhor descreve o fracasso dos deuses por não ajudarem as nações, que andavam nas trevas, a encontrarem seu caminho de volta ao Deus verdadeiro: “Vocês são ignorantes, não entendem nada; vocês vivem na escuridão. As bases da lei e da ordem na terra estão abaladas” (Salmos 82:5 NTLH).

Infelizmente, os israelitas acabaram adorando os deuses que “não lhes foram designados” (Deuteronômio 29:26; leia também 32:17) ao invés de buscarem o verdadeiro Deus. A reação de Deus foi imediata e severa (Salmos 82:6-7). “Eu disse: ‘Vocês são deuses; todos vocês são filhos do Deus Altíssimo. Porém morrerão como os homens comuns morrem; a vida de vocês acabará como a de qualquer príncipe’” (NTLH).

Os deuses perderiam sua imortalidade (Salmos 82:7) e morreriam como homens. Sabemos, com o auxílio de outras passagens, que este juízo se associa ao final dos tempos (Isaías 34:1-4). No final do Salmo 82, o autor aguarda o dia em que Deus, por fim, recuperará as nações como Sua herança. Como veremos mais adiante, o Seu desejo é realizado no Novo Testamento.

A Visão Global de Deuteronômio 32

Devido à visão global de Deuteronômio 32, a *geografia na Bíblia é cósmica*. Ou o terreno é santo, dedicado a lavé, ou é domínio de outro deus. Esta visão global é refletida em muitas passagens na Bíblia. Por exemplo, no Antigo Testamento, o livro de Daniel se refere às nações estrangeiras que estão sendo regidas por “príncipes” divinos (Daniel 10:13, 20-21). Um outro exemplo: quando Davi estava fugindo do rei Saul, foi forçado a sair de Israel e a entrar em território filisteu. Em 1 Samuel 26:19, Davi se lamentou: “Pois me expulsaram da terra do Senhor Deus para uma terra onde posso adorar somente deuses estrangeiros” (NTLH). Davi não estava trocando de deuses. Ele também não estava negando que Deus está presente em toda a parte. Mas Israel era terra santa, o lugar que pertencia ao verdadeiro Deus. Davi estava preso sob o domínio de um outro deus.

A minha história favorita do Antigo Testamento que comprova esta hipótese, se encontra em 2 Reis 5. Naamã era o capitão do exército sírio e, ao mesmo tempo, um leproso. Após seguir as instruções de Eliseu para se lavar sete vezes no rio Jordão, ele ficou, miraculosamente, curado da lepra. Naamã disse a Eliseu: “Eu reconheço que em toda a terra não há Deus senão em Israel” (5:15). O profeta não aceitou nenhum pagamento, então Naamã pediu, humildemente, permissão para levar para casa uma carga de terra em duas mulas. *Terra?* Por que pedir terra? Porque aquele terreno pertencia ao Deus de Israel. Era terra santa.

Não é por acaso que encontramos este mesmo tipo de mentalidade no Novo Testamento. Paulo usa uma variedade de termos para descrever os seres divinos hostis (Efésios 1:20-21; 3:10; 6:12; Colossenses

1:16; 2:15): príncipes, principados, potestades, tronos. O que todos eles têm em comum? Eram todos termos bem conhecidos na época, utilizados na designação de domínios geográficos.

O apóstolo Paulo escreveu duas cartas à igreja de Corinto para lidar com algumas situações das quais ouvira falar. Na primeira carta, ele disse aos líderes da igreja para expulsarem um homem que estava vivendo em pecado sexual, sem se arrepender (1 Coríntios 5:1-13). É interessante ele ter escrito que este homem devia ser “entregue a Satanás” (1 Coríntios 5:5). Este tipo de linguagem não tem nenhum sentido!

A declaração de Paulo só é concebível quando equiparada ao contexto da visão global cósmico-geográfica do Antigo Testamento. Na teologia do Antigo Testamento, a “porção” de lavé era Israel e a terra que Ele estava concedendo aos israelitas—a terra de Canaã. A presença Dele santificou o solo—tornou-o santo. De início, a presença de lavé residia no tabernáculo. Quando os israelitas paravam para descansar e montar acampamento, a arca da aliança era colocada no centro para marcar o acampamento de Israel como lugar santo. Mais tarde, quando Israel passou a habitar em Canaã, a presença de lavé se encontrava no templo, santificando a Terra Prometida, tornando-a terra santa—lavé e o Seu povo estavam em casa. Agora, a presença de lavé habita naqueles que creem—nós somos o templo de Deus (1 Coríntios 6:19; 2 Coríntios 6:16; Romanos 8:9). O que significa que os crentes, o corpo de Cristo, são o novo povo de Deus, um Israel novo. Paulo deixa isto explicitamente claro em Gálatas 3:

Portanto, vocês devem saber que os verdadeiros descendentes de Abraão são os que colocam a sua fé em Deus...

Pois, por meio da fé em Cristo Jesus, todos vocês são filhos de Deus. Porque vocês foram batizados para ficarem unidos com Cristo e assim se revestiram com as qualidades do próprio Cristo. Desse modo não existe diferença entre judeus e não judeus, entre escravos e pessoas livres, entre homens e mulheres: todos vocês são um só por estarem unidos com Cristo Jesus. E, já que vocês pertencem a Cristo, então são descendentes de Abraão, são os seus herdeiros e receberão aquilo que Deus prometeu. (Gálatas 3:7, 26-29 NTLH)

Já que os da fé—e os lugares onde eles se congregam—são terra santa, o pecado precisa ser expulso. Da mesma forma que o solo que circundava o acampamento dos israelitas e o solo das nações ao seu redor, que viviam sob o domínio de outros deuses, eram considerados profanos, assim também no período do Novo Testamento—e no dia de hoje—o mundo era solo profano. Daí a ordem de Paulo para expulsar um cristão impenitente de volta ao mundo, o domínio de Satanás. Ser expulso da igreja significava ser reposicionado em território profano. Pois é onde pertence o pecado.

Por Que Isso É Importante

A geografia cósmica, resultante do julgamento que Deus pronunciou contra as nações de Babel, é a cena onde se desenrola o conflito de Israel. Ao mesmo tempo, prepara o cenário para o evangelho. As boas novas da obra de Jesus na cruz é que o povo de Deus não são mais apenas os judeus e sim todo aquele que crê em Jesus (Gálatas 3). À medida que os discípulos se vão pelo mundo inteiro, o domínio de Satanás é transformado em território de Deus. O reino de Deus avança, reconquistando o controle das nações.

A lição é que *este* mundo não é o nosso lar. A trevas permearam o globo. Os incrédulos são, essencialmente, prisioneiros das forças espirituais. Precisam do evangelho para serem libertados. E não se esqueça: o *evangelho* é a nossa arma. Não recebemos autoridade para confrontar diretamente os principados e as potestades. Não existe dom espiritual para tal propósito, transmitido a nós pelas mãos dos apóstolos. Mas a distribuição fiel do evangelho vai virar a maré. O “Grande Comissionamento” é um plano de guerra espiritual. Aprenderemos mais sobre o assunto nos capítulos que se seguem.

Outra lição: precisamos considerar como terra santa toda congregação de crentes verdadeiros. As aparências externas, os prédios, e o tamanho da congregação não interessam a Deus. O que importa é que, onde dois ou três estiverem reunidos, Jesus vai estar no meio deles (Mateus 18:20). O espaço é sagrado. Toda congregação, independente de quão pequena ou grande seja, está posicionada na linha de frente da guerra espiritual. Toda igreja foi incumbida da mesma tarefa. Os poderes das trevas não prevalecerão.

Abordaremos novamente a ideia de geografia cósmica quando chegarmos no ministério de Jesus. Por enquanto, as fronteiras da guerra foram traçadas. As nações do mundo foram julgadas e deserdadas por Deus. É hora Dele começar de novo e Se apoderar da Sua porção e do Seu povo.

CAPÍTULO SEIS

A Palavra, o Nome e o Anjo

No capítulo anterior, aprendemos um aspecto da geografia cósmica da Bíblia. Em reação à rebelião na Torre de Babel, Deus renunciou as nações e as transferiu para os membros do Seu concílio celestial, os filhos de Deus (Deuteronômio 32:8-9). Para substituir as nações agora abandonadas, Ele haveria de criar um povo novo, uma nação só Dele. Estes seriam os agentes de Deus para renovar o Seu reino na terra. Contudo, esta tarefa acabou se tornando um conflito horrível, à medida que os outros deuses e os povos dos seus domínios se tornavam inimigos ferozes de Israel e de Deus.

O novo povo de Deus se originaria de um homem chamado Abrão, nome este que Deus, mais tarde, trocava para Abraão. Logo depois do julgamento em Babel, Deus lhe fez uma visita.

Abraão Foi Apresentado à Palavra

A maioria dos cristãos se lembra da visita que Deus fez a Abraão em Gênesis 12. Deus manda Abraão deixar a sua casa e se mudar para um lugar que ele nunca tinha visto. Deus promete guiá-lo. Diz a Abraão que será o seu Deus e estabelece uma aliança com promessas especiais. Ele capacitará Abraão e Sara a terem um filho, embora ambos sejam idosos. Deste filho nascerá uma multidão—pessoas que formarão a nova família terrestre de Deus. Nelas as nações serão abençoadas.

Temos tendência a pensar que os encontros que Abraão teve com Deus eram uma voz vinda do céu ou na cabeça de Abraão. Ou que Deus veio a ele em sonho. A Bíblia deixa claro que Deus fez assim com os profetas e com outras pessoas. Mas não foi o caso com Abraão. Deus realizou algo mais dramático. Veio como um homem. Ele e Abraão conversavam face a face.

Observamos uma vaga referência a isso em Gênesis 12:6-7. A Bíblia diz que Deus *apareceu* a Abraão. Três capítulos mais tarde, Deus aparece de novo (Gênesis 15:1-6). Desta vez Deus veio a Abraão como “a palavra do Senhor” em uma *visão*. Não se tratava de uma voz na cabeça, pois a “palavra” conduziu Abraão para fora e mostrou-lhe as estrelas, a fim de ressaltar que a sua descendência seria incontável (Gênesis 15:5).

Deus apareceu a Abraão na forma de um homem em outras ocasiões (Gênesis 18). E fez o mesmo com Isaque (Gênesis 26:1-5), o filho que Deus havia prometido, e com Jacó, filho de Isaque (Gênesis 28:10-22; 31:11-12; 32:24-30).

A “palavra” ou voz de Deus, como uma maneira de expressar Deus em forma humana, aparece em passagens inesperadas. Uma das minhas ilustrações favoritas se encontra em 1 Samuel 3. O menino Samuel não parava de ouvir a voz chamando-o à noite, enquanto tentava dormir. Finalmente Eli, o sacerdote (Samuel morava em sua casa e trabalhava para ele), decifrou que a voz era de Deus. No versículo 10, Deus retornou a Samuel: “Então o Senhor veio e ficou ali. E, como havia feito antes, disse: Samuel, Samuel!” (NTLH). Sabemos que era Deus em forma humana por causa da descrição de que Ele

“ficou ali” e também por dizer no final do capítulo (1 Samuel 3:19) que “a palavra do Senhor” passou a aparecer a Samuel.

Um outro profeta, a quem veio a “palavra do Senhor” em forma humana e física, foi Jeremias. Em Jeremias 1, o capítulo em que ele foi chamado para ser profeta, Jeremias diz que a “palavra” veio a ele. Jeremias identificou a “palavra” com o próprio Deus. O Senhor lhe tocou *com a Sua mão* (Jeremias 1:1-9).

Deus em Forma Humana

As aparições de Deus em forma de homem são, na realidade, padrão no Antigo Testamento, bem antes da Sua vinda como Jesus de Nazaré. Se você pensar bem, faz sentido. Deus é completamente diferente de nós. A Bíblia nos indica que humano nenhum tem condições de ver a verdadeira essência de Deus, a Sua verdadeira presença cheia de glória, e viver. Quando os personagens da Bíblia se encontravam, fisicamente, com Deus achavam que iam morrer (Gênesis 32:30; Deuteronômio 5:24; Juízes 6:22-24). Eles só não morreram por que Deus filtrou a Sua presença com algo que a mente humana conseguisse processar—um fogo, uma nuvem e, com mais frequência do que muitos cristãos reconheçam, um homem.

Em vários exemplos, descreve-se a aparição de Deus em forma humana como um encontro com “o Anjo do SENHOR.” Este Anjo é um personagem que nos é familiar. Por exemplo, Ele apareceu a Moisés em uma chama de fogo, no meio da sarça (Êxodo 3:1-3). O Deus que estava na sarça prometeu usar Moisés para retirar o Seu povo do Egito. Deus apareceu a Jacó de maneira visível, no sonho de Betel (Gênesis 28:10-22), onde Ele Se identificou como o SENHOR (Iavé). Em seguida, o Anjo de Deus veio a Jacó em outro sonho e lhe disse, categoricamente, que Ele era o mesmo Deus que havia lhe encontrado da outra vez, em Betel (Gênesis 31:11-12).

Muitos professores da Bíblia hesitam em identificar este Anjo como o Próprio Deus. Há, porém, inúmeras indicações seguras de que é Ele mesmo. Talvez a mais importante ocorra logo após Deus entregar a Lei a Moisés. Enquanto os israelitas se preparam para viajar para a Terra Prometida, Deus diz a Moisés:

Eis que eu envio um Anjo adiante de ti, para que te guarde pelo caminho e te leve ao lugar que tenho preparado. Guarda-te diante dele, e ouve a sua voz, e não te rebeles contra ele, porque não perdoará a vossa transgressão; pois nele está o meu nome.

Mas, se diligentemente lhe ouvires a voz e fizeres tudo o que eu disser, então, serei inimigo dos teus inimigos e adversário dos teus adversários. (Êxodo 23:20-22)

Este não é um anjo qualquer. Este Anjo pode perdoar pecados (ou não). Este Anjo tem o nome de Deus nele. Tal expressão é diferente, mas bastante significativa. O “nome” era uma maneira, no Antigo Testamento, de se referir ao próprio Deus, à própria presença ou essência de Deus. Por exemplo, Isaías 30:27-28 projeta o nome do Senhor como uma pessoa—como se fosse o próprio Deus:

Eis o nome do SENHOR vem de longe,

ardendo na sua ira, no meio de espessas nuvens;

os seus lábios estão cheios de indignação,

e a sua língua é como fogo devorador.

A sua respiração é como a torrente que transborda.

Até hoje, os judeus que observam a lei se referem a Deus, chamando-O de *ha-shem* (“o nome”).

Outro modo de se reconhecer que este Anjo era Deus em forma humana é comparando Êxodo 23:20-22 com outras passagens. O Anjo que veio ao encontro de Moisés na sarça ardente, o Anjo cujo o nome de Deus se encontrava dentro dele, foi quem conduziu os israelitas do Egito à Terra Prometida (Juízes 2:1-3). Mas o Senhor também o fez (Josué 24:17-18), bem como a própria presença de Deus (Deuteronômio 4:37-38). O Senhor, a presença e o Anjo do Senhor são meios diferentes que apontam para a mesma figura: Deus. Só que o Anjo tem forma humana.

Uma das passagens bíblicas, que torna esta verdade ainda mais convincente, também é muito obscura. Poucas pessoas a percebem. A cena se passa em um leito de morte. Antes de morrer, Jacó quer abençoar os filhos de José. Durante a bênção ele recorda episódios da sua vida—alguns dos seus encontros com Deus. Começa a bênção da seguinte maneira (Gênesis 48:15-16):

O Deus em cuja presença andaram meus pais Abraão e Isaque,

o Deus que me sustentou [foi meu pastor] durante a minha vida até este dia,

o Anjo que me tem livrado de todo mal...

Logo, de uma forma incrível, no versículo 16 ele ora: “Que *Ele* abençoe estes rapazes” (ARA, *itálico* acrescentado por mim). Ele não diz: “Que *eles* abençoem estes rapazes,” como se estivesse se referindo a duas pessoas diferentes, a Deus e ao Anjo. Ele funde os dois na oração: que *Ele* abençoe estes rapazes.

Ainda mais alucinante é o chamado de Gideão, em Juízes 6. Neste caso, *tanto* o Senhor *como* o Anjo do Senhor se encontram *na mesma cena* (Juízes 6:22-23). Até no Antigo Testamento Deus era mais do que uma pessoa, e uma delas veio como um homem.

Jesus: a Palavra, o Nome e o Anjo

As descrições de Deus que abordamos até aqui lhe devem ser reconhecíveis—todas são versões no Antigo Testamento da maneira em que o Novo Testamento se refere a Jesus.

Abraão se encontrou com a Palavra, Deus em forma humana. Em João 1:1, o apóstolo escreve: “No princípio era aquele que é a Palavra e a Palavra estava com Deus e a Palavra era Deus.” No versículo 14, João diz que a Palavra “Se tornou carne e habitou entre nós.” Quando um judeu do primeiro século lia o evangelho de João, a mente dele ou dela se recordava do próprio Deus vindo em forma da Palavra. Aliás, Jesus chegou a dizer que Abraão havia “visto o Seu dia,” e que Ele existia antes de Abraão (João 8:56-58).

Moisés teve o encontro com o Anjo do Senhor, Deus em forma humana, na sarça ardente e depois

também. O Anjo retirou Israel do Egito e o conduziu à Terra Prometida. Mas Judas escreveu na sua curta epístola: “Quero, pois, lembrar-vos, embora já estejais cientes de tudo uma vez por todas, que o Senhor, tendo libertado um povo, tirando-o da terra do Egito, destruiu, depois, os que não creram” (1:5). O Anjo era Deus em forma humana. O Anjo era a segunda pessoa da Trindade—que mais tarde nasceria da Virgem Maria.

A presença de Deus, o nome, fez com que este Anjo fosse distinto de todos os outros. Às vezes, no Novo Testamento, Jesus se refere a Deus, o Pai, como o nome. Em Sua oração no jardim do Getsêmani, antes de ser capturado para o julgamento que resultaria na Sua crucificação, Jesus orou: “E, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo. Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. ... Eu lhes fiz conhecer o teu nome” (João 17:5-6, 26). O que ele quis dizer com esta última frase? Jesus não estava dizendo que havia feito as pessoas conhecerem o nome de Deus. Eles eram judeus. Sabiam qual era o nome de Deus—era *lavé*. Eles tinham o Antigo Testamento. Podiam consultá-lo para ler o nome de Deus em milhares de versículos. Quando Jesus disse que havia manifestado o nome de Deus às pessoas, o que Ele quis dizer é que manifestou *o próprio Deus* às pessoas. Ele era Deus diante dos próprios olhos delas. *Ele era o nome que se fez carne*.

Por Que Isso É Importante

Avançamos bastante no nosso estudo para conseguirmos discernir os fatos bíblicos. Todas as histórias da Bíblia que você conhece se desenrolam dentro do contexto abrangente do conflito espiritual no mundo invisível. É um confronto entre os deuses em que o vencedor leva tudo.

Na abordagem bíblica do mundo invisível, Deus tem inimigos sérios: outros deuses criados por Ele que eram leais apenas a Ele, mas seguiram seus próprios caminhos. Estes deuses rebeldes são aqueles que Paulo descreve como poderes tenebrosos, potestades, dominadores e tronos do mundo invisível (Efésios 6:11; Colossenses 1:16). Eles ainda estão aqui. Nada no Novo Testamento indica que eles hajam sumido. Eles vivem para se opor ao reinado de Deus—e para destituí-lo da reunião eterna com a sua amada família humana, por meio do evangelho.

Um destes poderes tenebrosos é o senhor dos mortos. Ele tem direito de reivindicar a humanidade, já que ao enganar Adão e Eva, conseguiu como resultado que eles perdessem a imortalidade. Este era o objetivo dele—a exterminação do povo de *lavé*. Foi o que os descendentes dos filhos rivais de Deus tinham em mente quando os israelitas entraram em Canaã: matar ou morrer, a fim de impedir que o povo de Deus possuísse a terra. A partir do momento em que Israel entrou na terra, o alvo dos poderes tenebrosos continuou o mesmo, mas a estratégia mudou: seduziremos o povo de Deus a adorar outros deuses e *lavé* acaba com eles para nós. Foi o que aconteceu. Deus enviou o seu povo ao exílio.

Mas os poderes tenebrosos sabiam de mais uma coisa: que *lavé* não desistiria de seus planos. A maldição que caiu sobre o primeiro rebelde previa que, um dia, chegaria um descendente de Eva, para desfazer os efeitos do fracasso humano no Éden. Eles estavam cientes de que em algum momento O Prometido viria—embora, como nos disse Paulo, eles não soubessem, com precisão, o que Deus estava planejando (1 Coríntios 2:6-8; Efésios 3:10; 6:12). É porque era um mistério intencionalmente oculto a

todos pelo Altíssimo.

CAPÍTULO SETE

Regras de Engajamento

A nossa história até então: Deus ignorou as nações e os seus povos em Babel. Os deuses inferiores designados a cuidar delas, passaram a dominar (Deuteronômio 32:8-9). Quando Deus recomeçou com Abraão, ficou claro que Ele planejava, um dia, tomar posse de novo das nações através da influência de Israel (Gênesis 12:3). Mas os deuses das nações seriam forçados a render seu poder e adoração (Salmos 82:6-8). Isto provocou conflito—em ambas as esferas, a visível e a invisível. A partir do momento em que Israel passou a existir, se tornou objeto da mira dos deuses.

Quem É Iavé?

Não demora muito, na história bíblica, para Israel se encontrar em uma situação precária. A história de José (Gênesis 37-50) explica porque Israel foi para o Egito. A providência de Deus transformou o mal, que os irmãos de José intentaram contra ele, na salvação de Israel da fome (Gênesis 46:3-4; 50:20). O fato de Deus não ter dito a Israel que saísse do Egito imediatamente também foi intencional. Deus sabia que o faraó que honrou José iria morrer e ser sucedido por um inimigo (Êxodo 1). Ele havia previsto que o Egito escravizaria os israelitas para o trabalho forçado (Gênesis 15:13-16). Ele também sabia que resgataria Israel no momento certo (Gênesis 46:4).

Por que esperar? Deus sempre tem uma boa razão para o sofrimento. Nem sempre conseguimos enxergá-la. Neste caso, porém, a passagem bíblica deixa o motivo bem claro.

Após Moisés ter fugido do Egito e passado a morar no deserto, Deus o chamou na sarça ardente (Êxodo 3:1-14) para mandá-lo de volta ao Egito. As Suas ordens eram simples: Diga a Faraó: “Deixa ir o meu povo” (Êxodo 5:1). Faraó tinha outras ideias. Ele era deus em carne no Egito, o emblema de toda a sua glória e poder. Não ia permitir que um Deus invisível dos pastores hebraicos dissesse a ele o que fazer. Ele nem sabia se o Deus de Moisés era real e respondeu, de maneira debochada: “Quem é o SENHOR para que Lhe ouça eu a voz e deixe ir a Israel?” (Êxodo 5:2).

A resposta viria—e para machucar. Deus o havia enganado. Deus disse a Moisés: “Eu lhe endurecerei o coração, para que não deixe ir o povo” (Êxodo 4:21). Deus tinha que provocar a briga. Depois de oprimirem os israelitas durante tanto tempo, era hora do Egito e seus deuses serem punidos. O endurecimento do coração de Faraó fazia parte daquele enredo. A Bíblia nos conta que as pragas foram direcionadas aos deuses do Egito—principalmente a última, a morte do primogênito (Êxodo 12:12; Números 33:4), foi um ataque direto à família de Faraó: “Aconteceu que, à meia-noite, feriu o SENHOR todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se assentava no seu trono, até ao primogênito do cativo que estava na enxovia, e todos os primogênitos dos animais” (Êxodo 12:29).

Faraó havia debochado de Deus e agora a situação se invertera de modo drástico. Como Paulo, mais

tarde, comentou: “Não se enganem; de Deus não se zomba. Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gálatas 6:7). O golpe que o Egito levou durante a libertação de Israel produziu o efeito desejado. Gente bem distante, lá em Canaã, ouviu falar da surra que o Deus de Israel havia dado no Egito e em seus deuses (Josué 2:8-10; compare com Êxodo 15:16-18; Josué 9:9). Jetro, o midianita, sogro de Moisés, resumiu a lição quando Moisés, afinal, retornou: “Agora sei que Jeová é maior do que todos os deuses” (Êxodo 18:11 TB10).

Não é de se admirar que Moisés, do outro lado do mar Vermelho, fez a pergunta retórica, desdenhando de Faraó e de seu exército derrotado: Ó SENHOR, quem é como Tu entre os deuses? (Êxodo 15:11).

Tendo abandonado o Egito e atravessado o mar Vermelho, os israelitas sabiam para onde iam: encontrar seu Deus em Sua mais nova habitação e sede terrestre, o Monte Sinai.

Na verdade, os israelitas não conheciam bem a Deus. Não havia Bíblia *nenhuma* nos dias do êxodo. O único conhecimento que os israelitas possuíam de Deus, provinha das histórias que eles ouviram de seus pais, passadas de geração a geração. Ao lermos a história agora na Bíblia, vemos com clareza as intenções de Deus. Os israelitas tinham muito o que aprender. Sinai era a sala de aula.

Israel—A Família de Deus e Os Representantes na Terra

Quando Moisés ficou diante de Faraó, antes do êxodo, disse-lhe que Deus tinha um recado para ele: “Israel é Meu filho, Meu primogênito...deixa ir o Meu filho para que ele Me sirva” (Êxodo 4:22-23 TB10). Esta ideia de Deus ter um filho—no caso, referindo-se a todos os descendentes de Abraão—é importante. Faz-nos voltar aos tempos da criação, quando Deus gerou Adão e Eva.

Deus queria uma família humana. Ele queria viver na Sua criação, a Terra, com o povo que havia feito. Ele queria que a Sua família invisível e a família humana vivessem com Ele e O servissem. Queria que as pessoas se multiplicassem e que toda a Terra se tornasse igual ao Éden. Mas quando Deus abandonou a humanidade na Torre de Babel, não tinha mais filhos—até o dia em que chamou Abraão. Israel era a família nova de Deus. Era chegada a hora de retornar ao plano original. Da mesma forma que Adão e Eva tinham sido os geradores de imagem de Deus na Terra, Israel agora desempenharia este papel.

O retorno a Sinai foi um regresso ao lar. Até o concílio celestial se encontrava lá, observando, enquanto o plano de Deus ia sendo reativado. Eles eram as testemunhas de uma nova aliança—a Lei—entre Deus e o Seu povo.

A Lei de Deus—Entregue pelo Concílio de Deus

Você ficou surpreso quando eu disse que o concílio celeste estava presente em Sinai quando Deus entregou os Dez Mandamentos? Se você viu qualquer filme a respeito do êxodo e da marcha para Sinai, não viu anjos. Mas a Bíblia diz que eles estavam lá e, inclusive, que entregaram a lei de Deus (Atos 7:52-53; Hebreus 2:1-2).

A Bíblia também indica que a Lei foi escrita “com o dedo de Deus” (Deuteronômio 9:9-10). Esta

linguagem já deve ter se tornado familiar—Deus em forma humana. Deus estava em Sinai, apareceu como um homem, como nas histórias de Gênesis que falam do Anjo do Senhor. Ele e o Seu exército celestial deram a Lei a Moisés e a Israel.

Após receberem a Lei, Moisés, Arão, os filhos de Arão e setenta anciãos de Israel tiveram a oportunidade de ver o Deus de Israel em forma humana novamente. Desta vez, eles se encontraram para uma refeição (Êxodo 24:9-11). Da mesma forma que a Santa Ceia nos tempos de Jesus selou a nova aliança com o Seu sangue, esta ceia em Sinai comemorou a nova aliança de Deus com Israel—a Lei.

Deus deu a Israel a Lei para que fossem santos (Levítico 19:2). Ele queria que Israel se separasse dos outros povos e se tornasse distinguível a todos como a Sua própria família. Da mesma forma que Deus é completamente distinto de todos os outros deuses e de tudo o que existe na terra, o povo de Deus também precisava ser distinto dos outros povos.

O que significa santidade? Em que conceito se baseia? Santidade não significa ser esquisito. Santidade é estar identificado com o Senhor, ser dedicado a Deus e desfruir de todas as coisas boas da vida decorrentes de ser reto diante de Deus. Deus queria que Israel atraísse as outras nações para que retornassem a Ele (Deuteronômio 4:6-8; 28:9-10). É por isso que a Bíblia chama Israel de um “reino de sacerdotes” (Êxodo 19:6) e “uma luz para as nações” (Isaías 42:6; 49:6; leia também 51:4; 60:3). A nação inteira herdou a posição de Abraão, de ser uma bênção para todas as nações (Gênesis 12:3).

A Lealdade Que Crê

Ser reto diante de Deus é uma outra forma de se referir à salvação. Apesar do que aprendemos, com frequência, na escola dominical, a salvação não veio aos israelitas pela obediência às regras e observação à Lei. Quer no Antigo Testamento quer no Novo, a salvação não é conquistada nem merecida e sim uma dádiva da graça de Deus em resposta à fé.

Os israelitas, da mesma forma que nós que nascemos após a morte e ressurreição de Cristo, também precisavam ter fé. Eles tinham que *crer* que o seu Deus era o Deus de todos os deuses, confiantes de que Ele os havia tornado o Seu povo. Só eles tinham acesso ao Deus dos deuses. Os israelitas não adquiriram a salvação por intermédio da Lei—e sim por demonstrarem lealdade ao Deus no qual criam. Salvação para um israelita se baseava em fé nas promessas e no caráter do Deus dos deuses, bem como na recusa de adorar um outro deus. Simbolizava *crença* e *lealdade* provenientes do coração e não o merecimento de reconhecimento por parte de Deus.

O rei Davi fez coisas horríveis, tais como cometer adultério e planejar um assassinato (2 Samuel 11). Segundo a Lei, ele era um criminoso e merecia a pena de morte pelos seus crimes. Mesmo assim, jamais vacilou na sua crença em lavé como o Deus Altíssimo. Nunca transferiu a sua lealdade para outro deus. E Deus foi misericordioso para com ele.

O mesmo acontece no Novo Testamento. Crer no evangelho significa crer que o Deus de Israel veio à terra como um homem, morreu, por volição própria, na cruz como sacrifício pelos nossos pecados, e ressuscitou no terceiro dia. Precisamos acatar esta verdade por fé e em seguida demonstrar a nossa

lealdade a Jesus, abandonando todos os outros deuses. Independente do que os outros deuses digam da salvação, a Bíblia nos afirma que não existe salvação em nenhum outro nome a não ser no nome de Jesus (Atos 4:12) e esta fé precisa permanecer intacta (Romanos 11:17-24; Hebreus 3:19; 10:22, 38-39). Trocar Jesus por um outro deus é bem diferente do fracasso pessoal—e Deus é capaz de fazer a distinção.

Por Que Isso É Importante

Existe um simbolismo fascinante no êxodo e no que aconteceu em Sinai. A cena em que Moisés e os outros participam de uma refeição com Deus, em forma humana, em Sinai, imediatamente nos chama a atenção. Setenta anciãos estão com Moisés. Se você contar as nações em Gênesis 10 que Deus dispersou após o incidente da Torre de Babel, obtém setenta. Aquelas nações foram designadas aos filhos de Deus—os outros deuses inferiores—quando o Deus de Israel julgou as nações (Deuteronômio 4:19-20; 32:8-9). Por que setenta anciãos, setenta filhos de Deus e setenta nações deserdadas?

As correspondências são intencionais. Quando Jesus começou o Seu ministério na terra, Ele enviou setenta discípulos (Lucas 10:1). Este ato foi precursor do Grande Comissionamento. O número setenta telegrafia a ideia de que os discípulos de Jesus recuperariam as nações para o governo do reino de Deus. Este reino atingiria o seu apogeu no fim dos tempos, com o novo Éden global de Apocalipse 21-22. A repetição do número setenta é uma mensagem: A nova família terrestre de Deus, Israel—os filhos de Abraão—será o instrumento para recuperar o que se perdeu.

Mas a história não termina assim. O apóstolo Paulo escreveu em Gálatas 3 que os da fé herdaram as promessas feitas a Abraão. Todo aquele que crê em Jesus é um filho de Abraão, por meio da fé (Gálatas 3:26-29). Isto significa que você e eu ficamos incumbidos de retomar as nações das mãos dos deuses. É o nosso dever converter as pessoas que estão sob o domínio espiritual de outros deuses à fé em Jesus. Nós somos o novo concílio humano na terra. E quando formos glorificados, nos uniremos à Sua família divina no novo Éden.

A Bíblia transmite estas ideias em várias passagens. O livro de Apocalipse descreve os crentes herdando o reinado das nações com Jesus no final dos tempos (Apocalipse 3:21). Ou seja, nós vamos depor os filhos de Deus que dominam estas nações desde a época de Babel. É por isso que João diz que os que creem têm a autoridade de serem feitos filhos de Deus (João 1:12; compare com 1 João 3:1-3); nós vamos tomar o lugar dos filhos de Deus divinos, mas hostis, nos últimos dias.

É por isso, também, que Paulo, ao escrever aos da fé pedindo que evitassem permitir que os tribunais do mundo resolvessem as suas disputas, diz: “Vocês não sabem que hão de julgar os próprios anjos?” (1 Coríntios 6:3). Quando nos tornarmos divinos (glorificados) na nova terra, *vamos superar os anjos em hierarquia*. Um dia seremos como Jesus (1 João 3:1-3; 1 Coríntios 15:35-49) e reinaremos com Ele as nações (Apocalipse 2:26) que agora são controladas pelos deuses hostis. Os da fé, a descendência espiritual de Abraão, irão, por fim, reverter a deserdação das nações juntamente com a maldição da morte que resultou do fracasso no Éden.

Precisamos viver as nossas vidas crendo neste destino. Tudo no plano do Antigo Testamento aponta para nós. Pense bem no Éden. Deus queria que as Suas duas famílias—uma divina e a outra humana—

vivessem e governassem juntas no Éden. Aquele plano foi arruinado pela rebeldia, mas reavivado quando Israel foi resgatado do Egito. Da descendência de Abraão viria o messias, que desfaria o fracasso no Éden (Gênesis 3:15). Sem Israel, não teríamos destino.

E é precisamente o motivo dos deuses e seus seguidores tentarem, mais uma vez, apagar Israel.

CAPÍTULO OITO

Espaço Sagrado

Os israelitas passaram mais de um ano no Monte Sinai. Por que tanto tempo? Eles já haviam feito a aliança com Deus e recebido os Dez Mandamentos. Mas ainda tinham muito que aprender. Uma coisa era prometer que criariam e seriam leais ao Deus dos seus antepassados, Abraão, Isaque e Jacó; mas outra era saber o que Deus esperava deles e como Ele era.

O Conceito da Santidade

Muitas das leis e práticas estranhas do Antigo Testamento se baseiam na necessidade de ensinar às pessoas que Deus é *desigual* a tudo o mais. Em Sua natureza e caráter, Ele é inigualável; é totalmente *outro*, distinto da humanidade e de tudo o que existe. Para Israel, esta verdade precisava ser reforçada o tempo todo. Caso contrário, eles podiam achar que Deus fosse mediano.

A palavra bíblica para a ideia da peculiaridade de Deus ser “outro” é *santidade*. Esta palavra significa “ser separado” ou “ser distinto.” O conceito não implica, necessariamente, conduta moral—a ideia de que precisamos nos comportar de uma certa forma para refletirmos os padrões morais distintos de Deus—embora ela esteja incluída (Levítico 19:2).

Como É Que Deus É “Outro”?

A resposta abreviada para esta pergunta é “em todos os aspectos,” mas fica muito abstrata. A Bíblia é bem mais realista, e os rituais e regras para se viver na comunidade israelita refletem isto.

Por exemplo, a Bíblia nos ensina que Deus não só era a única fonte de vida de Israel—Ele *era* vida. Deus não é desta terra, um lugar onde existe morte, doença e imperfeição. A Sua esfera é sobrenatural. A nossa é terrestre. O espaço terrestre que Ele ocupa se torna sagrado e *de outro mundo*, por meio da Sua presença. O espaço que nós ocupamos é ordinário. Deus e o ordinário são polos opostos.

No Israel da antiguidade, estas ideias eram transmitidas pelo fato das pessoas terem que ser convidadas e purificadas para ocuparem o mesmo espaço que Deus. Muitas leis do Antigo Testamento regulam esta purificação.

Os israelitas podiam se desqualificar (tornarem-se “impuros”) do espaço sagrado através de uma variedade de atividades e condições. Relações sexuais, perda de sangue, certas deformidades físicas, e o toque em um cadáver (humano ou animal), todas estas atividades tornavam um israelita impuro. Os israelitas eram proibidos de comer certas aves de rapina que se alimentavam de animais mortos (e.g., urubus, falcões; Levítico 11:13-19) ou animais que se encontrassem em cima ou dentro de uma carcaça (e.g., lagartos, ratos; Levítico 11:24-40).

Nestes casos, a impureza não derivava de imoralidade, mas sim da associação com a perda de vida e

incompatibilidade com a perfeição de Deus. Embora a lógica seja simples, para as nossas mentes modernas parece um tanto alheia. A perda de sangue e de fluidos sexuais era considerada a perda de elementos que criavam e sustentavam a vida. Os israelitas não associavam Deus à *perda* de vida, mas O consideravam o *doador* de vida. A exigência da “purificação” após a perda de tais fluidos era um lembrete da natureza de Deus. “Purificação” semelhante era exigida após se tornarem impuros por terem contato com os mortos. Alguém também podia ser excluído das áreas sagradas em Israel devido à imperfeição física ou a ferimentos, neste caso porque tal imperfeição é incompatível com a perfeição de Deus.

Todas estas leis tinham o objetivo de fortalecer o conceito de uma visão global sobrenatural.

Solucionando o Problema da Impureza

Ser “impuro” e inepto para se aproximar do espaço sagrado era um problema sério para os israelitas da antiguidade. Eles não podiam trazer sacrifícios nem ofertas para os locais exigidos se estivessem impuros. A solução era o ritual de purificação, que às vezes envolvia o seu próprio sacrifício ou um período de espera.

A lógica do sacrifício de sangue—a pincelada ou aspersion de sangue sobre uma pessoa ou objeto para torná-los limpos e dignos de ocupar o espaço sagrado—nos é alheia. Mas os sacrifícios de sangue possuíam um propósito teológico—eles introduziram o conceito da substituição. Já que o sangue era a força da vida (Levítico 17:11), retirar a vida de um animal ensinava a lição de que se aproximar de Deus sob quaisquer termos que não sejam os Dele, significava morte. O sangue do sacrifício era uma substituição misericordiosa para retificar o estado contaminado e impuro de um israelita.

O ponto do ensinamento é que Deus estava *preservando* a vida de um israelita ao substituí-la pelo sacrifício. A vida humana era mais sagrada do que a vida de um animal porque os seres humanos foram criados à imagem de Deus (Gênesis 1:26; 9:6). Os israelitas deviam a sua existência a uma intervenção sobrenatural que capacitou Abraão e Sara a terem um filho (Gênesis 12:1-3). Mas a vida humana corria perigo na presença de um Deus santo. Os sacrifícios faziam com que eles se lembrassem de que Deus tem poder sobre a vida e a morte—e Deus queria lhes demonstrar misericórdia.

O Céu (e o Inferno) na Terra

Atrair atenção para a peculiaridade de Deus comunicou certas ideias—não apenas a respeito de Deus, mas também sobre as fronteiras sobrenaturais. A ideia de “distinção de esferas” era fundamental à visão global sobrenatural de Israel. Se o lugar onde a presença de Deus habitava era santo, o solo em outras partes não era—era ordinário ou, em alguns casos, hostil e maléfico.

A própria presença de Deus foi marcada por lembranças do Éden. Muitas características do tabernáculo e do templo eram designadas a fazer as pessoas pensarem no Éden, o lugar onde o céu e a terra se encontravam. O candelabro de ouro era moldado e decorado como se fosse uma árvore (Êxodo 25:31-40), uma analogia da Árvore da Vida no Éden. Ele servia de proteção em frente ao véu que bloqueava a entrada do Santo dos Santos—o lugar onde a arca da aliança ficava posicionada, com a tampa moldada para funcionar como o trono de Deus (Êxodo 25:10-22).

Os querubins que ficavam dentro do Santo dos Santos também eram uma conexão clara com o Éden. Os querubins edênicos mantinham a guarda da habitação de Deus no Éden (Gênesis 3:24). Os querubins dentro do Santo dos Santos guardavam a tampa da arca da aliança (Êxodo 25:18-20). Mais tarde, quando Salomão construiu o templo, a estrutura de tenda do tabernáculo foi transferida para dentro do templo e dois querubins gigantes foram instalados sobre a arca que representava o trono de Deus, fazendo dela o estrado de seus pés (1 Crônicas 28:2).

O templo também foi decorado como o jardim do Éden, repleto de imagens de plantas verdejantes e de animais (1 Reis 6-7). Flores, palmeiras, leões e romãs foram talhados na sua arquitetura. Era uma recordação visual do lugar em que Deus desceu à terra, pela primeira vez, para viver com a Sua família humana.

Os israelitas também precisavam ser alertados do lado tenebroso da geografia cósmica. Se o acampamento israelita, e mais tarde a nação de Israel, era terra santa, o lar de Deus e do Seu povo, então o terreno fora de Israel era terra *profana*. Deus havia, bem antes de Sinai, abandonado as outras nações e as outorgara a deuses inferiores (Deuteronômio 4:19-20; 32:8-9). Ele um dia retomaria as nações para Si, mas durante os tempos bíblicos, elas pertenciam aos domínios das trevas.

Um ritual israelita nos transmite fortemente esta lição, com detalhes inesquecíveis. O Dia da Expição (Yom Kippur), observado todo ano e descrito em Levítico 16, incluía uma lição prática fascinante para lembrar as pessoas da terra santa e das terras profanas.

Este ritual envolvia dois bodes. Um era sacrificado e o seu sangue aspergido no santuário a fim de purificá-lo da contaminação humana por mais um ano. O bode era sacrificado “ao Senhor.” O outro bode não morria—ele era enviado ao deserto após o sumo-sacerdote lhe transferir, de maneira simbólica, os pecados do povo. Este bode era “para Azazel.”

Quem ou o que é Azazel? Algumas traduções utilizam o termo *bode de expiação* ao invés de Azazel. Nos Manuscritos do Mar Morto, a palavra hebraica em questão é um nome próprio—o nome de um demônio. Durante a jornada no deserto para a Terra Prometida, os israelitas sacrificavam aos demônios (Levítico 17:7), pois temiam que forças malignas ameaçassem o acampamento. O deserto ficava, afinal de contas, fora do acampamento israelita e, portanto, era um lugar de entidades malignas. Esta prática teve que acabar, e o bode para Azazel efetuou isso. O bode para Azazel não era uma oferta aos deuses malignos—o bode nunca era sacrificado. Antes, a ação de enviá-lo ao deserto era uma maneira simbólica de purificar o lugar santo (o acampamento israelita) do pecado.

Por Que Isso É Importante

As coisas mudaram no Novo Testamento, mas também permaneceram as mesmas. Deus ainda é *distinto*. A Sua santidade exige que sejamos purificados para entrar na Sua presença. Para nós, esta purificação é realizada ao crermos no que Jesus fez na cruz.

Tudo o que Jesus fez em nosso favor, possuiu conotações sobrenaturais. Ele saiu para o deserto—o lugar onde se encontravam as forças do maligno—e superou a tentação de Satanás. Este evento foi

sucedido pelo início do Seu ministério que culminou na derrota do Diabo, aquele que “tem o poder da morte” (Hebreus 2:14). Jesus foi crucificado *fora* da cidade santa (Hebreus 13:12). Ele Se tornou impuro ao carregar os nossos pecados, pois Jerusalém era terra santa.

A morte e ressurreição de Jesus nos santificam—nos preparam para a presença de Deus. Os nossos pecados foram “removidos” (Romanos 11:27; leia também 1 João 3:5). Embora sejamos pecadores impuros, somos santos se permanecermos em Cristo. Embora sejamos imperfeitos, as nossas imperfeições são negligenciadas por causa de Jesus. É simples assim e, ao mesmo tempo, profundo assim.

A nossa tendência é achar que os israelitas eram, de muitas formas, mais privilegiados do que nós espiritualmente. Afinal de contas, eles tinham a presença de Deus bem ali em seu meio. Viviam em um mundo onde a geografia cósmica sobrenatural era *real*. Às vezes pensamos que seríamos mais espirituais, mais sintonizados em Deus, se ao menos tivéssemos o que eles tinham, se ao menos aquelas recordações contínuas de Deus fossem a nossa realidade.

O Novo Testamento diz que *elas são*.

Nós não precisamos de um tabernáculo ou de um templo para marcar um espaço sagrado. Os nossos corpos *são* espaços sagrados. Paulo chama os nossos corpos terrestres de “tenda” (2 Coríntios 5:4) por habitar em nós a mesma presença divina que preenchia o Santo dos Santos no tabernáculo e no templo (Romanos 8:9-11). Mais cedo ou mais tarde, o nosso corpo, o lar terrestre do nosso espírito vai morrer, mas será substituído por uma “casa não feita por mãos” (2 Coríntios 5:1-3), uma habitação celestial—o novo Éden, o céu que retorna à terra (Apocalipse 22:1-3).

Já que Deus hoje habita naqueles que creem por meio do seu Espírito, cada igreja—cada congregação dos que creem—é lugar santo. É por isso que Paulo, ao mandar, com tristeza, que os coríntios expulsassem o cristão impenitente que vivia em pecado, instruiu-lhes que “o entregassem a Satanás” (1 Coríntios 5:5). A igreja era lugar santo. Fora da comunhão dos cristãos encontrava-se o domínio de Satanás. Era ali que pertencia o pecado e a sua autodestruição.

É hora de nos enxergarmos com olhos sobrenaturais. Você é um filho de Deus, digno de viver no espaço sagrado, não por causa do que faça ou deixe de fazer, mas por estar em Cristo, adotado por Deus (Romanos 8:15; Gálatas 4:5). Você foi extraído do domínio das trevas e “transferido ... para o reino do Filho do Seu amor” (Colossenses 1:13).

Nós não podemos nos esquecer nunca, nem por um segundo, de quem somos em Cristo—e o que isso significa para o mundo.

CAPÍTULO NOVE

Guerra Santa

A Bíblia é um livro controverso. As pessoas que não a enxergam como a Palavra de Deus geralmente contestam o que ela diz. Alguns trechos da Bíblia deixam até os cristãos constrangidos. A guerra de Israel para conquistar a Terra Prometida é um exemplo característico.

Por que? Principalmente por causa da matança que parece indiscriminada e rigorosa demais. Por que foi necessário matar a população inteira de certas cidades—homens, mulheres, crianças e até os rebanhos? Por que não deixar os habitantes se renderem? Não teria sido melhor exilá-los do que massacrá-los?

Existe uma resposta para tais objeções—só que eu descobri que a resposta deixa os cristãos tão constrangidos quanto o problema. Você só entenderá o raciocínio e o motivo dos relatos das conquistas quando os enxergar através da visão global sobrenatural de um israelita.

A Lógica Sobrenatural de Israel

As batalhas pela Terra Prometida se moldaram por dois fatores, ambos profundamente arraigados na maneira de Israel compreender o seu mundo, não apenas como a habitação da humanidade, mas também como o troféu em uma guerra espiritual invisível. Já mencionamos os dois, mas vamos revisar.

Um fator é a decorrência dos eventos na torre de Babel, quando Deus decidiu, depois das nações terem se rebelado contra Ele, que não queria mais um relacionamento direto com os povos daquelas nações. Ao invés disso, nomeou membros do Seu concílio divino, os filhos de Deus, para governá-las (Deuteronômio 4:19-20; 32:8-9). Em seguida, Ele chamou Abraão e o capacitou, tanto ele quanto a sua esposa Sara, a terem um filho (Isaque), de quem procederia o povo de Israel.

Aprendemos no Salmo 82 que esses deuses inferiores se corromperam. Eles permitiram injustiça. Os povos passaram a adorar a eles, em vez do Altíssimo Deus. Assim sendo, eles se tornaram inimigos de Deus e do Seu povo, Israel. Visto que algumas daquelas nações se situavam dentro da terra de Canaã, a qual Deus decidiu conceder para a Sua nação, Israel, depois do êxodo, Moisés e os israelitas acreditavam que as pessoas que ocupavam aquelas terras eram seus inimigos mortais e os seus deuses fariam tudo para destruir Israel.

O segundo fator foi mais apavorante ainda para os israelitas. Explica-se melhor pelo que aconteceu quando os israelitas chegaram à fronteira de Canaã, a Terra Prometida.

Moisés enviou doze espias a Canaã para vistoriar a terra e seus habitantes. Os espias retornaram com evidência de que a terra, em si, era maravilhosa—manava “leite e mel”—como lhes havia dito Deus (Números 13:27). Mas logo em seguida deram uma notícia devastadora: “A terra pelo meio da qual passamos a espiar é terra que devora os seus moradores; e todo o povo que vimos nela são homens de

grande estatura. Também vimos ali gigantes (os filhos de Anaque são descendentes de gigantes), e éramos, aos nossos próprios olhos, como gafanhotos e assim também o éramos aos seus olhos” (Números 13:32-33).

Já mencionamos os Nefilins antes. Eles eram aquela cria aterrorizante dos filhos de Deus e das filhas dos humanos lá em Gênesis 6:1-4. Os gigantes Anaquins que os espias israelitas viram em Canaã eram descendentes dos Nefilins e havia muitos deles dispersos pela terra de Canaã, entre as nações e cidades que os israelitas teriam que derrotar, a fim de tomarem posse da terra (Números 13:28-29). A tarefa de conquistar as terras e seus deuses já dava a impressão de ser difícil antes; agora então, havia se tornado praticamente impossível. Agora, para se apossarem da terra, eles enfrentariam guerreiros de tamanho físico anormal.

Apenas dois dos espias—Josué e Calebe—creram que Deus ajudaria os israelitas a derrotarem os Anaquins. Os restantes persuadiram o povo a crer que eles perderiam. Ao invés de confiarem que Deus—o mesmo Deus que havia devastado Faraó e os seus exércitos por completo—intercederia para lhes dar a vitória, eles reclamaram: “Não poderemos subir contra aquele povo, porque é mais forte do que nós” (Números 13:31).

Deus respondeu: “Até quando me provocará este povo e até quando não crerá em mim, a despeito de todos os sinais que fiz no meio dele?” (Números 14:11). Aliás, Deus ficou tão zangado que ameaçou deserdar Israel—a mesma coisa que havia feito com as nações na torre de Babel—e começar tudo de novo, só que desta vez, com Moisés: “Com pestilência o ferirei e o deserdarei; e farei de ti povo maior e mais forte do que este” (Números 14:12).

Moisés clamou a Deus para que Se arrependesse (Números 14:13-19). Deus o fez, mas não relevou a incredulidade do povo que teria de aprender uma lição. Uma lição dura. Disse o Senhor a Moisés:

Segundo a tua palavra, eu lhe perdoei. Porém, tão certo como eu vivo, e como toda a terra se encherá da glória do Senhor, nenhum dos homens que, tendo visto a minha glória e os prodígios que fiz no Egito e no deserto, todavia, me puseram à prova já dez vezes e não obedeceram à minha voz, nenhum deles verá a terra que, com juramento, prometi a seus pais, sim, nenhum daqueles que me desprezaram a verá...

Neste deserto, cairá o vosso cadáver, como também todos os que de vós foram contados segundo o censo, de vinte anos para cima, os que dentre vós contra mim murmurastes; não entrareis na terra a respeito da qual jurei que vos faria habitar nela, salvo Calebe, filho de Jefoné, e Josué, filho de Num. Mas os vossos filhos, de que dizeis: Por presa serão, farei entrar nela; e eles conhecerão a terra que vós desprezastes. (Números 14:20-31)

“Dez vezes” era uma expressão nos tempos bíblicos para “vez após vez” (Gênesis 31:7; Jó 19:3). Até aqui Deus havia sido tolerante com as murmurações do povo. Ao invés de ficarem extasiados por não serem mais escravos no Egito, os israelitas reclamavam da comida que comiam (Números 11:1-14; 35-35) e do líder escolhido por Deus, Moisés (Números 12:1-16). Só que a paciência de Deus acabou; desta vez, a incredulidade teria um preço muito alto. Israel vagaria pelo deserto durante quarenta anos até que os

adultos que não creram, morressem um por um.

Mais Uma Chance

Israel receberia mais uma chance para tomar posse da Terra Prometida. Deuteronômio 2-3 registra que, durante os quarenta anos que eles vagaram no deserto, os israelitas acabaram chegando em um território do outro lado do rio Jordão (chamado “Transjordânia”), ao leste da Terra Prometida. As terras transjordanianas eram Edom, Moabe e Amon—territórios que Deus havia dado aos descendentes de Ló, sobrinho de Abraão, e a Esaú, irmão de Jacó. As pessoas que moravam lá eram parentes dos israelitas... pelo menos a maioria delas, mas não todas.

Deus orientou a Moisés nesta viagem com um propósito específico. Não foi para visitar parentes distantes. Os israelitas, no tempo devido, alcançaram a região conhecida como Basã. O lugar tinha uma reputação aterrorizante. Na literatura antiga, não associada à Bíblia, Basã era conhecido como “o lugar da serpente.” Duas de suas maiores cidades, Asterote e Edrei, ambas mencionadas em conexão com esta jornada (Deuteronômio 1:4; Josué 13:12), eram consideradas portais para o submundo do domínio dos mortos. No contexto da visão global que os israelitas tinham do sobrenatural, Deus os havia conduzido aos portais do inferno.

E não foi só isso.

Deus os levou para lá a fim de encontrarem dois reis, Seom e Ogue. Estes dois reis eram amorreus (Deuteronômio 3:2-3; 31:4) e regentes daqueles que a Bíblia chama de Refains. Como Deuteronômio 2:11 coloca, de forma ominosa, os Anaquins eram “também considerados Refains.” Deus, por intermédio de Moisés, guiou o povo para mais uma área ocupada pelo mesmo tipo de gigantes que, há uns anos antes, havia amedrontado os espias de Israel a ponto de os tornar incrédulos (Números 13:32-33), o evento que resultou em quarenta anos de vagueação.

Por que Deus os trouxe para aquele lugar? Porque esta confrontação lhes serviu para sentir o gosto do que eles teriam que fazer quando se passassem os quarenta anos. Israel, mais cedo ou mais tarde, atravessaria o Jordão para ocupar a terra que Deus lhe havia concedido. Deus estava testando o Seu povo. Será que eles iriam crer e lutar desta vez? Se fosse o caso, a vitória lhes ofereceria a confiança e a fé para que viria mais adiante.

Os israelitas haviam fugido anos antes. Mas desta vez a história terminaria de maneira diferente. Como disse Moisés: “E o Senhor nosso Deus, no-lo entregou [Seom], e o derrotamos, a ele, e a seus filhos, e a todo o seu povo... Deu-nos o Senhor, nosso Deus, em nossas mãos também a Ogue, rei de Basã, e a todo o seu povo; e ferimo-lo, até que lhe não ficou nenhum sobrevivente” (Deuteronômio 2:33; 3:3). O profeta Amós, relatando o confronto em seu próprio livro bíblico, muitos anos depois, descreveu o resultado do seguinte modo: “Todavia, eu [o Senhor] destruí diante deles o amorreu, cuja a altura era como a dos cedros, e que era forte como os carvalhos” (Amós 2:9).

Foi uma maneira difícil de começarem sua nova chance. Deus exigiu que eles enfrentassem os seus medos—os terrores que lhes custaram quarenta anos vagueando sem destino. O Deus que havia partido

as águas do mar Vermelho estava do lado deles. Era hora deles se lembrarem disso.

“Destinadas para a Destruição”

Israel conquistou a vitória contra Seom e Ogue. Nesta passagem, nos deparamos, pela primeira vez, com o porquê da conquista da Terra Prometida, às vezes, exigir aniquilação. As populações inteiras das cidades que serviam de base para os gigantes Refains eram “destinadas à destruição” (Deuteronômio 3:6). O objetivo não era vingança e sim garantir a eliminação da linhagem dos Nefilins. Para os israelitas, a linhagem dos clãs gigantes era demoníaca, produzida por seres divinos rebeldes e caídos. Israel não poderia coexistir com uma herança demoníaca.

O tempo passou e antes dos israelitas atravessarem o Jordão para Canaã, Moisés morreu. A liderança foi transferida para Josué. Ele liderou muitas campanhas militares dos israelitas na conquista da Terra Prometida e tais campanhas eram guiadas por dois fatores, os quais ressaltamos antes neste capítulo: expulsar as nações inimigas que lhes eram hostis e, no processo, eliminar as linhagens dos clãs gigantes.

Encarada neste contexto, a conquista da Terra Prometida era uma guerra santa—uma batalha contra as forças das trevas e inimigos dominados por deuses hostis que a Bíblia reconhece como verdadeiras entidades espirituais.

A lógica da conquista é sintetizada bem em Josué 11:21-22:

Naquele tempo, veio Josué e eliminou os anaquins da região montanhosa, de Hebrom, de Debir, de Anabe, e de todas as montanhas de Judá, e de todas as montanhas de Israel; Josué os destruiu totalmente com as suas cidades. Nem um dos anaquins sobreviveu na terra dos filhos de Israel; somente em Gaza e, em Gate e em Asdode alguns subsistiram.

Por Que Isso É Importante

As campanhas de Josué foram, na maioria, bem-sucedidas, mas não por completo. Alguns gigantes escaparam—e embora isto não dê a impressão de ser muito importante, foi um presságio de eventos vindouros. Alguns subsistiram em Gate. Gate se tornou uma cidade dos filisteus (Josué 13:3) e era a cidade natal de Golias nos tempos do rei Davi (1 Samuel 17:4). Golias também não era o único gigante em Gate (1 Crônicas 20:5-8). Nem todos aqueles “destinados à destruição” durante a conquista da Terra Prometida acabaram, na verdade, sendo destruídos. E o fato desta conquista não concluir totalmente suas diretrizes primordiais gerou consequências para os israelitas.

O livro de Juízes nos conta que a conquista ficou incompleta de certa forma, na época em que Josué morreu. Ela nunca se concretizou plenamente. Os israelitas decidiram que haviam feito o melhor possível, desobedecendo, assim, ao comando de Deus de expulsar as outras nações. Só que obediência parcial é desobediência.

Os israelitas passaram séculos pagando pela decisão de não cumprirem por completo os objetivos de Deus. O livro de Juízes reitera um ciclo horrendo: Israel foi derrotado, repetidamente, pelas nações hostis e a crença na lealdade de Deus ficou quase extinta. As coisas melhoraram na época do rei Davi e de seu

filho, Salomão, mas logo que Salomão veio a falecer, Israel se desintegrou com guerra civil e idolatria.

A glória da conquista se obscureceu pelo fracasso épico. A derrota foi, de repente, arrancada das garras da vitória. O governo do reino de Deus—o Seu plano para um Éden restaurado—desvaneceu-se em chamas. A visão global sobrenatural que surgiu de Babel, com nações incrédulas sob o domínio de deuses malignos, permaneceu intacta. Israel foi derrotado e disperso, e sua Terra Prometida ficou sujeita ao domínio de outros deuses e seus povos. Esta mesma visão global permeia o Novo Testamento também. Paulo usa termos tais quais *principados*, *autoridades*, *tronos* e *potestades* para descrever as forças das trevas. Cada um destes termos era usado na antiguidade para denominar um reino geográfico.

A causa do fracasso dos israelitas foi a desobediência e a falta de fé, por parte do povo de Deus. Os seres humanos são fracos. Talvez questionemos por que Deus se importa conosco. Mas se rememorarmos o Éden, entenderemos o porquê. Deus Se comprometeu com a humanidade. Somos os geradores da Sua imagem, somos a Sua família terrestre. O Seu plano original de reger toda a terra nos inclui. Se Deus Se livrasse da participação dos seres humanos no Seu concílio de governo na terra, daria a impressão de que Ele é incapaz de fazer a coisa funcionar ou de que foi uma má ideia, logo de início. Deus não é incapaz de cumprir os Seus objetivos. E como mencionei antes, em um capítulo mais acima, Ele não erra.

Era hora de uma nova abordagem para um velho problema de pecado e fracasso. A humanidade não podia ficar encarregada de reavivar o governo do reino edênico. Só Deus mesmo poderia fazer o que tinha de ser feito. Só Deus poderia cumprir as obrigações de Suas próprias alianças. Mas a humanidade não seria descartada. Ao contrário, *Deus teria que Se tornar homem*. Deus teria que cumprir a Lei e as alianças sozinho e levar sobre Si a punição de todo o fracasso humano. Só que, para garantir o sucesso desta solução inimaginável, ela teria que se manter secreta, escondida de todo o mundo, inclusive dos seres inteligentes sobrenaturais que eram hostis aos propósitos de Deus. Não seria fácil.

CAPÍTULO DEZ

Escondido em Plena Vista

Desde a queda, Deus vem tentando reavivar o Seu objetivo original para o Éden: viver com ambas as Suas famílias, divina e humana, na Terra. Deus disse a Adão e Eva que fossem fecundos e se multiplicassem, disseminando, portanto, o bom governo de Deus ao resto do planeta. Deus queria que toda a Terra fosse um lugar em que o Céu e a Terra convergissem, onde a humanidade pudesse desfrutar do divino e onde o divino pudesse desfrutar da Terra e da humanidade. Sabemos *qual foi* o resultado.

Uma História de Fracasso

A humanidade pecou e foi expulsa da presença de Deus. O Éden foi paralisado. O inimigo divino, a Serpente, foi banido—atirado ou derrubado—da presença de Deus para a Terra, o lugar onde a morte rege, onde a vida não é eterna. Ele se tornou o senhor dos mortos obtendo, assim, direito sobre todos os seres humanos que fossem viver—porque eles pecam, e o salário do pecado é a morte (Romanos 6:23).

Depois do dilúvio, Deus repetiu o objetivo do Éden para Noé e sua família: sejam fecundos e multipliquem-se. Ou seja, tentem de novo. No entanto, a humanidade se rebelou. Ao invés de obedecer a Deus e disseminar o conhecimento e a regência de Deus em toda a parte, os homens construíram uma torre onde Deus pudesse visitá-los.

Mais um fracasso. Deus não caiu nessa. Misturou as línguas das nações e as transferiu para as mãos de Seu concílio divino, para que as dominassem. Em seguida, decidiu começar tudo de novo com uma nova família humana—por intermédio de Abraão e Sara. Ele se dirigiria às outras nações—através dos descendentes de Abraão—assim que o governo do Seu reino fosse reavivado (Gênesis 12:3).

Este plano também fracassou. Daí a próxima tentativa, retirar Israel do Egito, conduzi-lo a Sinai e, finalmente, para a Terra Prometida. Israel fracassou. Por fim, Deus levantou Davi e, em seguida, Salomão. Contudo, após a morte de Salomão, Israel passou a seguir outros deuses e os israelitas se voltaram uns contra os outros. Deus teve que os expelir da Terra Prometida para o exílio.

A história humana, independente da presença de Deus, é uma história de fracasso. Isso porque a humanidade está perdida desde a queda. Todos os seres humanos são imperfeitos e alienados de Deus. Não se podia confiar em nenhum líder humano para dar início e manter o reino de Deus. Eles resistiam a lealdade a apenas um só Deus. E seguiam seus próprios caminhos. Os seres humanos pecavam, fracassavam e se uniam ao senhor dos mortos, o grande inimigo de Deus. Mas a visão de Deus de compartilhar a bênção de serem administradores-reis de um novo Éden não podia acontecer sem os seres humanos. E a única condição dos homens cumprirem a sua parte no plano de Deus, seria por meio de mais uma renovação. A maldição da queda teria que ser anulada.

E para isso, Deus tinha um plano.

A Solução—e um Problema

Deus precisava de um homem que fosse mais que homem—alguém que conseguisse resistir à tentação, que fosse sempre obediente, que fosse idôneo de realeza, que conseguisse reverter a maldição da morte ao morrer e depois ressuscitar, pelo seu próprio poder. Tudo isso só podia acontecer de uma forma: o próprio Deus tornando-Se um homem. Deus cumpriria o Seu próprio plano, *como homem*, para toda a humanidade, e restauraria o Éden. Só quando os seres humanos fossem perdoados e se tornassem divinos como Jesus, através do poder da ressurreição (1 João 3:1-3), é que o Éden voltaria a ser realidade.

Havia, porém, um problema. Se o plano fosse desvendado—que o homem que era Deus estava aqui para morrer e ressuscitar, a fim de garantir que a visão original de Deus fosse restaurada—as forças das trevas não seriam enganadas.

Foi, precisamente, o que Paulo disse na carta para a igreja de Coríntios:

Mas falamos a sabedoria de Deus, oculta em mistério, a qual Deus ordenou antes dos séculos para nossa glória; a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu; porque, se a conhecessem, nunca crucificariam ao Senhor da glória. (1 Coríntios 2:7-8 ARC95)

De quem Paulo estava falando? A palavra *príncipes* pode se referir a autoridades humanas—tais como Pôncio Pilatos e os líderes judeus—mas Paulo também tinha os poderes divinos e demoníacos em mente (Efésios 2:2). Os inimigos de Deus, humanos e divinos, não podiam saber de nada. Tudo dependia da morte e ressurreição do Deus-homem.

Mas como manter sigilo sobre isso?

O Messias Críptico

O Deus-homem, de quem dependia a restauração do Éden era, é claro, o messias—Jesus de Nazaré. Mas você ficou surpreso quando eu sugeri que o plano messiânico fosse um segredo? Não podemos, simplesmente, ler o Antigo Testamento e enxergar o plano inteiro? Não, não podemos.

Acredite ou não, não existe versículo nenhum no Antigo Testamento que empregue a palavra *messias* para descrever um homem que, na realidade, era Deus e que Ele morreria pelos pecados da humanidade. Nem mesmo Isaías 53:11 com o seu retrato de um “servo sofredor.” A palavra *messias* nunca aparece naquele capítulo, e em todas as outras passagens de Isaías, o “servo” se refere à nação de Israel e não a um salvador individual (Isaías 41:8; 44:1-2, 21; 45:4; 48:20; 49:3). E a palavra *messias*, que significa “ungido,” quase sempre se refere apenas a Davi ou a um dos seus descendentes que reinaram, como reis, depois dele.

Aliás, a prova do que estou dizendo—que o perfil de um messias divino que morreria e ressuscitaria é difícil de se encontrar no Antigo Testamento—está clara no Novo Testamento.

Pense na reação dos discípulos quando Jesus lhes disse que ia a Jerusalém, para morrer. O anúncio os mistificou e os estressou (Mateus 17:22-23; Marcos 9:30-32). Eles não reagiram, dizendo:

—Ah, sim. Lemos nas Escrituras Sagradas que isso ia acontecer.

Inclusive, Pedro repreendeu Jesus por dizer tais coisas (Mateus 16:21-23).

Os discípulos não tinham a menor ideia, nenhuma suspeita, deste novo plano de Deus. Eles achavam que Jesus fosse apenas o filho de Davi e o herdeiro legítimo de seu trono, alguém que operava milagres, tal qual os profetas do Antigo Testamento.

Mesmo *após* a ressurreição, os discípulos precisaram ter suas mentes abertas de maneira *sobrenatural*, a fim de enxergarem um messias padecedor. Depois que Jesus ressuscitou de dentre os mortos, apareceu a eles e disse:

São estas as palavras que eu vos falei, estando ainda convosco: importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos. Então, Ihes abriu o entendimento para compreenderem as Escrituras (Lucas 24:44-45).

O “novo plano” de Deus—de que Ele morreria e depois ressuscitaria de dentre os mortos para reverter a maldição da queda—não é, de forma nenhuma, evidente no Antigo Testamento. Antes, as pistas estão espalhadas pelo Antigo Testamento em dezenas de lugares. Elas nunca foram reveladas em uma passagem só. O perfil messiânico só fica claro em retrospecto—e mesmo assim, só para alguém que sabe o que procurar e o que aguardar.

Seres malignos, inteligentes e sobrenaturais sabiam, é claro, que o filho prometido de Davi havia chegado (Mateus 8:28-29; Lucas 4:31-35). Até aí eles entendiam, baseados no Antigo Testamento. Mas nada que os demônios diziam, dava a impressão de que eles compreendiam que Jesus veio à terra para morrer e ressuscitar, revertendo a maldição.

Como disse Paulo, se tivessem compreendido, jamais teriam motivado pessoas como Judas a trair Jesus e entregá-lo àqueles que buscavam a Sua morte. O diabo, e todos aqueles que se alinham a ele, são muitas coisas, mas não burros. Eles foram *trapaceados* a matar Jesus, como Deus havia planejado. Eles desencadearam uma série de eventos que os levaria ao seu próprio fim. Foi má orientação, divinamente designada.

Aspectos do Perfil

Em retrospecto, podemos observar fragmentos do perfil messiânico com mais clareza do que os discípulos. Embora não haja nenhum versículo descrevendo que o filho messiânico e divino de Davi morreria e ressuscitaria para reverter a maldição, os fios desta história se entrelaçam por todo o Antigo Testamento. Agora que você já viu como o plano se desenrolou, pode achar os fios e começar a seguir os padrões.

Por exemplo, pergunte: “Quem é o filho de Deus?” A resposta não é “Jesus” no Antigo Testamento. Adão era o filho de Deus—ele foi o primeiro homem. Israel é chamado o filho de Deus (Êxodo 4:23; Oséias 11:1). O rei Israelita é chamado filho de Deus (Salmos 2:7). No Novo Testamento, Jesus é o “segundo Adão” e o “Filho de Deus” (Romanos 1:4; 1 Coríntios 15:45; 2 Coríntios 1:19; Hebreus 4:4).

Talvez perguntemos: “Quem é o servo de Deus?” Adão servia a Deus (Gênesis 2:15). Israel foi chamado o servo de Deus (Isaías 41:8; 44:1-2, 21; 45:4; 48:20; 49:3). Davi e outros reis israelitas de sua linhagem também foram chamados de servos de Deus (2 Samuel 3:18; Salmos 89:3; 1 Reis 3:7; 2 Crônicas 32:16). Jesus também era o servo (Atos 3:13; 4:30; Filipenses 2:1-8).

Esses filhos de Deus e servos de Deus sofreram? A sua existência terrestre terminou a algum momento? Tal existência foi renovada? Eles têm um futuro no novo Éden? As respostas são todas positivas. Adão, Israel, e os reis da dinastia de Davi foram exilados da presença de Deus—o lugar na terra onde Ele habitava (o Éden e a Terra Prometida). No entanto, eles foram e serão redimidos em um novo Éden, para que vivam com Deus e com o Jesus ressurreto.

A questão é que todas estas figuras apontam para Jesus de algum modo e *Ele completa os padrões*. Ele é o quadro unificado que se torna visível quando todos os fragmentos são detectados e encaixados em seus devidos lugares. Tudo estava em plena vista, e mesmo assim indetectável sem a retrospectiva.

Por Que Isso É Importante

Os seres inteligentes do maligno—Satanás, demônios, os deuses inferiores que regem as nações—não sabem de tudo. Eles não têm a mente de Deus, nem conseguem sondá-la. A nossa tendência é presumir que, por serem eles sobrenaturais, sabem de tudo. Não é verdade. Só existe *um* ser onisciente: Deus. E calhou de Ele estar do nosso lado.

Por causa da queda, Satanás conseguiu jurisdição legítima sobre todos nós. O que quero dizer com isso? Por causa do pecado de Adão, “a morte passou a todos” (Romanos 5:12). A serpente foi amaldiçoada, derrubada para governar o domínio dos mortos—o submundo, ou aquilo que chamamos de inferno. Por causa da queda, todo mundo estava destinado a morrer e ir para a esfera dos mortos—onde o diabo preside.

Tudo isso mudou quando Jesus veio *pela primeira vez* e cumpriu o plano de Deus para a salvação, morrendo na cruz e ressuscitando de dentre os mortos. O primeiro passo para restauração do Éden era prover um meio para a humanidade escapar da maldição da morte. Todos os que creem, que se tornaram membros da família de Deus e do reino, não são mais reféns da maldição da morte nem do senhor dos mortos. É por isso que Jesus, ao começar o Seu ministério de reavivar o reino (Lucas 10:1-9), disse: “Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago” (Lucas 10:18). Jesus sabia que a Sua morte e ressurreição pagariam a dívida do pecador, deixando Satanás sem nenhum direito às nossas almas. O reino foi o início do fim do senhor dos mortos.

Precisamos, mais uma vez, nos lembrarmos de quem somos—e de onde vem a nossa identidade. Os da fé, como igreja coletiva, são chamados de *o corpo de Cristo*. E o corpo de Jesus foi ressuscitado. Nós ressuscitaremos porque Ele ressuscitou (1 Coríntios 15:20-23). Ele é o *primogênito* dentre os mortos. Nós somos a “assembleia dos primogênitos que estão inscritos no céu” (Hebreus 12:22-24). Como disse João: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (João 1:12). *Satanás não tem jurisdição nenhuma sobre os filhos de Deus* pois eles ressuscitarão da morte. Não é necessário procurar os viventes no domínio dos mortos.

Deus não ia abrir o jogo com ninguém—quer fossem humanos, quer divinos; leais ou adversários. Os detalhes de como o messias cumpriria os propósitos de Deus precisavam ficar escondidos. Mas Deus *permitiu* que eles soubessem, de maneira inconfundível, que quando o messias chegasse, Ele seria Deus em carne humana e a restauração do reino edênico, o objetivo final. Como observaremos nos próximos dois capítulos, foi o suficiente para provocar fé nos corações das pessoas e engodar os poderes das trevas a colocar em andamento a sua própria destruição.

CAPÍTULO ONZE

A Intenção Sobrenatural

No capítulo anterior, vimos que o Antigo Testamento apresenta o messias, escondendo-o em plena vista. A chave do plano de Deus para restaurar o Éden e redimir a humanidade foi que o messias, Jesus, morresse na cruz e depois ressuscitasse de dentre os mortos.

Somente, ao se tornar um homem, Deus conseguiria garantir que um rei humano da linhagem de Davi governaria o Seu povo, sem cair no pecado e se desviar espiritualmente. Somente se esse rei morresse no lugar do Seu povo e ressuscitasse de dentre os mortos, é que Deus conseguiria julgar, com justiça, o pecado e providenciar a salvação ao mesmo tempo. Somente por meio da morte e ressurreição do messias as pessoas caídas conseguiriam um lugar no concílio da família de Deus, governando no reino edênico renovado, como havia sido planejado, no início.

Mas pense bem em tudo o que isso exigiu: Jesus precisou, de alguma forma, garantir que os poderes sobrenaturais das trevas manipulassem os homens a matá-Lo—sem compreenderem direito o que estavam fazendo. Como disse Paulo aos coríntios (1 Coríntios 2:6-8), se soubessem quais seriam os resultados, jamais teriam crucificado o Senhor.

A vida e ministério de Jesus talvez se revelem com mais clareza quando abordados por este prisma. É fácil para os leitores do Novo Testamento, por exemplo, terem a impressão de que o ministério de Jesus até chegar à cruz, ficou, um tanto ou quanto, deixado ao acaso. Afinal de contas, os evangelhos nem sempre apresentam os mesmos episódios—por exemplo, o nascimento de Jesus só se encontra em dois deles (Mateus e Lucas), e só um menciona os reis magos (Mateus 2). De vez em quando, as cenas aparecem em ordem ligeiramente diferente, em cada evangelho. Mas aqueles atos de Jesus gravados nos evangelhos, até Ele chegar à cruz—a cura dos doentes, o anúncio da chegada do reino de Deus, o perdão dos pecados, a confrontação da hipocrisia—representavam muito mais do que atos deixados ao acaso de um viajante sábio que, às vezes, operava milagres. Há muito mais acontecendo nas histórias dos evangelhos do que se imagina. Existe um subtexto importante em tudo o que Jesus fazia.

Defraudando o Maligno

O evento que marcou o início do ministério público de Jesus foi o Seu batismo. Foi ali que Deus, publicamente, identificou Jesus como o Seu Filho (Marcos. 1:11) e foi ali que João Batista O identificou como Aquele que “tira o pecado do mundo” (João 1:29). Ao lermos estas palavras de João, pensamos imediatamente na crucificação. Mas os discípulos de João não estavam pensando nisso. Francamente, ninguém estava. Quando foi se aproximando o final do Seu ministério—mais de três anos depois do Seu batismo—Jesus começou a falar da Sua morte; os Seus próprios discípulos rejeitaram a ideia (Mateus 17:22-23; Marcos 9:30-32). A última coisa que eles esperavam ouvir de seu Senhor é que Ele ia morrer em breve. Isso era conversa de doido. Eles não entenderam que a morte de Jesus na cruz havia sido planejada desde o início. E por que não? Porque, como já mencionamos no capítulo anterior, o plano não foi

apresentado no Antigo Testamento com ampla clareza.

Depois do batismo de Jesus, Ele foi impelido ao deserto pelo Espírito para confrontar Satanás (Mateus 4:1; Marcos 1:12; Lucas 4:1-13). O fato do diabo ter vindo para tentar Jesus nos indica que Satanás sabia quem Jesus era—Ele era o messias com a missão de reinstalar o “governo local” de Deus na terra. Afinal de contas, o “ungido” (messias) seria um rei da linhagem de Davi. Satanás, o “príncipe deste mundo” (João 12:31), entendeu que o alvo de Jesus seria o domínio satânico—as nações que Deus havia deserdado na Torre de Babel antes de criar Israel (Deuteronômio 4:19-20; 32:8-9).

A maioria de nós se recorda da cena entre Jesus e Satanás. Satanás tentou Jesus três vezes (Mateus 4:3-11). A terceira estratégia, para conseguir que Jesus violasse o Seu relacionamento com Deus, foi a de oferecer ao Filho de Deus as nações do mundo (Mateus 4:8-9), exatamente o que ele presumiu que Jesus tivesse vindo para retomar:

Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. (Mateus 4:8-9)

A proposta de Satanás era uma alteração astuta do plano de Deus. Produziria o resultado que Deus desejava—a restituição das nações que Ele havia deserdado, passando a não serem mais o Seu povo. Missão cumprida. Tudo o que Jesus precisava fazer era adorar Satanás ao invés de adorar a Deus.

A oferta de Satanás revela que ele ainda não tinha percebido que o plano de Deus *exigia* a morte de Deus. Jesus também não lhe deu nenhuma pista. Não explicou porque rejeitou a oferta. Simplesmente disse a Satanás que desse o fora. Deus recuperaria o que era Seu quando e como quisesse. A missão de Jesus não era a de apenas reinar sobre todas as nações e sim a de reconstruir uma família. Para incluir nesta família, gente de todas as nações, não só Israel, o pecado precisaria ser expiado. Como Ele havia planejado, no início, o governo de Deus incluiria os Seus filhos. A cruz era essencial para redimir a humanidade e, portanto, colocar em prática o plano de Deus. Jesus não seria enganado—mas o diabo *sim*, na hora certa.

Um Gostinho do Éden

Logo após a tentação no deserto, Jesus, de imediato, fez duas coisas: chamou os seus primeiros discípulos (Pedro, André, Tiago e João) e curou um homem endemoninhado (Marcos 1:16-28; Lucas 4:31-5:11). Ambas as ações continuaram—o chamado dos discípulos e as curas—formando, assim, o início de um padrão. À medida que Ele chamava mais discípulos, dava-lhes o poder de expulsar demônios e curar as pessoas de todo o tipo de doença, de aleijamento e de estado de saúde (Lucas 9:1-5).

De início, Jesus chamou doze discípulos. Este número não foi imprevisto, pois corresponde às doze tribos de Israel. Jesus começou o plano do reino com Israel em vista. Eles são, afinal de contas, a porção de Deus, escolhidos acima de todas as outras nações (Deuteronômio 32:8-9). Paulo, mais tarde, consideraria a disseminação do evangelho da mesma forma—começando com os judeus e depois se dirigindo aos gentios (Romanos 1:16-17).

Jesus não parou com os Doze. Em Lucas 10 Ele comissionou mais setenta pessoas para curar e expulsar

demônios (Lucas 10:1, 9, 17). Tal número também não foi imprevisto. É o número das nações registradas em Gênesis 10—as nações que Deus havia descartado no evento da Torre de Babel e colocado sob o domínio de deuses inferiores (Deuteronômio 4:19-20; 32:8-9). Algumas traduções relatam *setenta e duas* ao invés de setenta, nestes versículos. Isto se deve ao fato de alguns manuscritos de outrora do Antigo Testamento apresentarem os nomes das nações em Gênesis 10 de tal forma que a soma delas resulta em setenta e dois. Tanto faz, a questão é a mesma—o despacho destes homens corresponde ao número das nações em Gênesis 10. Da mesma forma que o chamado dos Doze foi um sinal de que o reino havia chegado a Israel, o despacho dos setenta significou que o reino retomaria as nações.

Quando os setenta voltaram (Lucas 10:17) a resposta de Jesus é reveladora: “Eu vi Satanás cair do céu como um raio” (Lucas 10:18). A mensagem é dramática: a grande reversão estava em andamento. Satanás não poderia mais exercer qualquer direito sobre a humanidade, a partir do momento em que as pessoas passassem a pertencer a Jesus. O seu acesso a Deus para “acusar os irmãos” (Apocalipse 12:10 NTLH) foi cortado. Ele virou um promotor sem processo.

Vem e Me Pega

Depois de pregar, por três anos, a vinda do reino de Deus, expressar às pessoas o amor de Deus e demonstrar como seria a vida em um mundo edênico, Jesus começou a se preparar para o fim—para o Seu verdadeiro propósito.

Logo antes da jornada para Jerusalém, que seria a Sua última, Jesus levou os discípulos para o extremo norte de Israel. Ele precisava provocar a crucificação. Não podia ter escolhido um lugar melhor para desafiar os poderes sobrenaturais.

Jesus trouxe os discípulos para um lugar chamado Cesareia de Filipe. Mas este era o nome romano da cidade. Nos tempos do Antigo Testamento esta região se chamava Basã. Já falamos deste lugar antes, no capítulo 9. Basã era considerado o portal para a esfera dos mortos—os portais do inferno. Cesareia de Filipe fica situada ao pé do Monte Hermon, o lugar onde, na mentalidade judaica, os filhos de Deus vieram à terra na rebelião descrita em Gênesis 6:1-4. Resumindo, na época do Antigo Testamento, Basã e Hermon eram o Marco Zero dos poderes cósmicos malignos.

Foi neste local que Jesus fez a Sua pergunta tão famosa: “Quem dizes que Eu sou?” (Mateus 16:15). Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo” (versículo 16). Jesus o elogiou e adicionou:

Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. (versículos 17-18)

A identificação da “pedra” que Jesus mencionou é um debate de muitos séculos. A chave para se compreender o termo está na geografia da região. Cesareia de Filipe se localiza na área do extremo norte de Basã. Nos tempos do Antigo Testamento, supunha-se que esta região contivesse os portais para a esfera dos mortos. Cesareia de Filipe fica ao pé de uma montanha. A “pedra” é aquela montanha. Os “portais do inferno” marcam o exato lugar onde Jesus e Seus discípulos se encontravam.

Jesus estava desafiando os poderes das trevas. Na queda, a humanidade perdeu a vida eterna com Deus e ganhou, em vez disso, a sorte de morte e de separação eterna de Deus. O senhor dos mortos—a serpente, conhecida como Satanás e o diabo—passou a ter direito sobre a humanidade. Todo ser humano se uniria a ele na esfera dos mortos. Mas Deus tinha outras ideias. O plano secreto de enviar Jesus para pagar a dívida pelos pecados da humanidade se tornaria o ataque de fronteira aos portais do inferno. O senhor dos mortos e suas forças não teriam condições de se oporem ao reino de Deus. Em sumo, naquela passagem em Mateus 16, Jesus se encaminha à porta da frente do diabo e desafia os seus direitos. Jesus queria provocar Satanás. Por que? Porque era hora de Jesus morrer para colocar o plano secreto de Deus em andamento.

Como se este desafio verbal não fosse suficiente, Jesus deu mais um passo. Mateus, Marcos e Lucas todos concordam que o próximo evento no ministério de Jesus foi a transfiguração. Marcos 9:2-8 relata:

Seis dias depois, Jesus foi para um monte alto, levando consigo somente Pedro, Tiago e João. Ali, eles viram a aparência de Jesus mudar. A sua roupa ficou muito branca e brilhante, mais do que qualquer lavadeira seria capaz de deixar. E os três discípulos viram Elias e Moisés conversando com Jesus. Então Pedro disse a Jesus:

— Mestre, como é bom estarmos aqui! Vamos armar três barracas: uma para o senhor, outra para Moisés e outra para Elias.

Pedro não sabia o que deveria dizer, pois ele e os outros dois discípulos estavam apavorados. Logo depois, uma nuvem os cobriu, e dela veio uma voz, que disse:

— Este é o meu Filho querido. Escutem o que ele diz!

Aí os discípulos olharam em volta e viram somente Jesus com eles. (NTLH)

A transfiguração ocorre no Monte Hermon. Jesus escolheu este lugar específico para revelar a Pedro, Tiago e João exatamente quem Ele era—a glória de Deus em forma corpórea. Ele estava dando a Satanás e aos poderes das trevas um aviso prévio: *Vim para a terra para reivindicar o que Me pertence. É chegado o reino de Deus. Ou seja: "Aqui estou—agora façam o que têm de fazer."*

Não é por acaso que após a transfiguração, Jesus, de imediato, se voltou para Jerusalém e começou a dizer aos Seus discípulos que ia morrer lá. Eles não queriam escutar. Mas Jesus havia engodado Satanás e o resto dos poderes malignos à ação. Havia uma sensação de urgência para se livrarem Dele. E era exatamente o que Jesus queria. A Sua morte era a chave de tudo.

Por Que Isso É Importante

O ministério de Jesus foi intencional. Ele tinha uma visão clara do Seu papel em reavivar o reino de Deus na terra para que progredisse até o dia do Seu retorno, um dia em que o Éden global fosse inaugurado.

As nossas vidas não são tão fundamentais quanto a Dele, mas cada um de nós, como discípulos, tem um verdadeiro papel a cumprir. Precisamos viver como se crêssemos nesta verdade. Os crentes que são

trazidos para o concílio da família de Deus não são observadores e sim participantes (Colossenses 1:13).

Entre as intenções de Jesus, encontravam-se as de mostrar às pessoas como era o Éden e como seria a vida com Deus. Na família de Deus e no domínio de Deus, não existirá doença nem imperfeição física. Não existirão poderes hostis. O reino de Deus definitivo é maior do que um jardim, mais amplo do que Israel. O reino será global. Incluirá todas as nações. E será tudo o que era o Éden—o céu na terra.

A nossa responsabilidade é de imitar Jesus. Podemos, como Ele, cuidar do corpo e da alma dos nossos cogeradores de imagem, conduzi-los à fé no Rei e fortalecer a sua determinação de serem fiéis a Ele. Não se requer, necessariamente, poderes sobrenaturais para se “curar os quebrantados de coração” e “proclamar libertação aos cativos,” seguindo os passos do messias (Isaías 61:1), mas estes atos são sobrenaturais até ao âmago. Eles exigem resistência às trevas e visão estratégica. Nenhum ato de amabilidade vai deixar de ser usado pelo Espírito para direcionar o coração de alguém. Nenhuma proclamação do evangelho vai ser infrutífera. A bondade de Jesus era congruente com a Sua mensagem. Uma não diminuía a outra. Este é um padrão que qualquer crente pode imitar—e é a descrição de cargo para a visão do reino.

Por fim, somos alertados mais uma vez para o fato de que o maligno inteligente não só tem limitações, mas também é *vulnerável* à visão e ação do reino. Jesus já está assentado “à destra de Deus, ficando-Lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes” (1 Pedro 3:22). Nós somos “já e ainda não” co-reinantes com Ele (Colossenses 3:1; 2 Timóteo 2:12; Apocalipse 2:26; 3:21). Os portais do inferno não aguentarão o progresso e a culminação da Igreja como o reino de Deus na terra. A decisão de participar da grande reversão é nossa.

CAPÍTULO DOZE

O Cavalgante das Nuvens

Eu encerrei o capítulo anterior, contando que Jesus começou, de imediato, a falar da Sua morte, após engodar os poderes das trevas nos portais do inferno e no Monte Hermon. O desafio desencadeou uma série de eventos que resultariam no julgamento do Senhor e Sua morte na cruz. Cristãos leem a respeito do julgamento de Jesus muitas vezes. Mas existe uma cena de fundo sobrenatural que é negligenciada com frequência.

Para compreendermos o que atraiu, finalmente, a sentença de morte por parte das autoridades judaicas e a transferência de Jesus para Pôncio Pilatos, a fim de que executasse esta sentença, precisamos retornar ao livro de Daniel no Antigo Testamento—para uma reunião que Deus teve com o Seu exército celestial, o Seu concílio divino.

O Ancião de Dias e o Seu Concílio

Daniel 7 começa com uma visão esquisita. Daniel vê quatro bestas saindo do mar (Daniel 7:1-8). São todas uma aberração, mas a quarta besta é a pior. Nas interpretações de sonhos, no Antigo Testamento, tanto objetos como seres vivos representavam algo, e neste sonho, as quatro bestas da visão de Daniel correspondem a quatro impérios. Sabemos disso porque a sua visão se equipara aos temas do sonho de Nabucodonosor, em Daniel 2, que descrevia a Babilônia e três outros impérios consecutivos. O nosso foco está, no entanto, nos versículos seguintes:

Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-se o tribunal, e se abriram os livros. (Daniel 7:9-10)

Sabemos que o Ancião de Dias é o Deus de Israel. É fácil determinarmos isso, especialmente se compararmos a descrição do Seu trono com a visão de Ezequiel do trono de Deus (Ezequiel 1). O fogo, as rodas e a forma humana no trono desta visão são iguais aos da visão de Daniel.

Mas você notou que não havia apenas um trono? Existem vários tronos na visão de Daniel (Daniel 7:9)—o suficiente para se assentar o tribunal divino, o concílio de Deus (Daniel 7:10).

O tribunal celestial se reúne para decidir a sorte das bestas—dos impérios—na visão. Fica decidido que a quarta besta precisa morrer e as outras, lhes ser tirado o domínio (Daniel 7:11-12). Elas serão substituídas por um outro rei e reino. É aí que as coisas ficam mais interessantes.

O Filho do Homem Que Vem nas Nuvens

Daniel continua narrando a sua visão:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído. (Daniel 7:13-14).

“Filho do Homem” é uma expressão usada muitas vezes no Antigo Testamento. Não é de se admirar que faz referência a um ser humano. A surpresa, porém, é a descrição do homem que se segue nesta passagem. Daniel 7:13 descreve um homem *vindo nas nuvens* para o Ancião de Dias.

Por que este ponto é importante? Porque em todas as outras passagens do Antigo Testamento que esta descrição ocorre, se aplicava *apenas* ao próprio Deus (Isaías 19:1; Deuteronômio 33:26; Salmos 68:32-33; Salmos 104:1-4). Mas em Daniel 7, *Deus já havia entrado em cena* como o Ancião de Dias. É como se, na sua visão, Daniel enxergasse um “segundo Deus” que também é um homem—parecido com a forma dos cristãos crerem em um Deus que é mais de uma pessoa.

É precisamente ao que me refiro.

Quando Jesus estava diante de Caifás no seu julgamento em Mateus 26, com a vida em jogo, Ele tocou num ponto nevrálgico ao apelar para a seguinte ideia:

Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte. E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Mas, afinal, compareceram duas, afirmando: Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias. E, levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do Homem assentado à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia! Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte. (Mateus 26:59-66)

Dando a impressão de dar uma resposta irrelevante para uma pergunta tão clara, Jesus citou Daniel 7:13 a Caifás. *Você quer mesmo saber quem Eu sou, Caifás? Preste atenção.* A reação foi imediata. Caifás entendeu num instante que Jesus estava Se declarando a segunda figura de Deus em Daniel 7:13—o humano descrito de uma forma tal que só cabia a Deus no Antigo Testamento. Ele alegou ser Deus em forma humana, o que era blasfêmia—e motivo de sentença de morte.

Só que Jesus sabia disso, é claro. Ele não tinha o menor interesse em Se proteger. Sabia que *precisava* morrer para restaurar o reino de Deus, trazer os que criam para a família de Deus, e retomar as nações dos principados e potestades malignos que as controlavam, as mesmas nações que Deus rejeitou em

Babel.

Assim, Ele morreu. Salmo 22, contendo palavras de Davi bem conhecidas pela maneira de descrever os efeitos físicos da crucificação, nos dá um vislumbre de horrores inconcebíveis na cruz. O salmista sofrendo geme:

Todos os que me veem caçoam de mim,
mostrando a língua e balançando a cabeça.

Eles dizem: “Você confiou em Deus, o Senhor;
então por que ele não o salva?”

Se ele gosta de você,
por que não o ajuda?” ...

Como touros, muitos inimigos me cercam;
todos eles estão em volta de mim,
como fortes touros da terra de Basã.

Como leões, abrem a boca,
rugem e se atiram contra mim.

Já não tenho mais forças;
sou como água derramada no chão.

Todos os meus ossos estão fora do lugar; (Salmos 22:7-14 NTLH)

A parte mais arrepiante desta descrição são os fortes touros *de Basã*. Como observamos acima, nos tempos do Antigo Testamento, Basã era a Marca Zero para os deuses demoníacos e para a esfera dos mortos. Aquela região era o centro principal para a adoração de Baal, simbolizada por touros e vacas. “Touros da terra de Basã” é uma referência aos demônios, aos poderes das trevas. Em tempos mais modernos, a alegoria foi captada com toda a sua repulsão assustadora, por C.S. Lewis no livro *O Leão, A Feiticeira e o Guarda-Roupa*. Quem leu este livro ou viu o filme jamais pode se esquecer de Aslam rendendo a vida às hordas entusiasmadas da Feiticeira Branca na Mesa de Pedra.

E da mesma forma que Jesus passou a perna em Satanás, Aslam fez a Feiticeira Branca de boba. O que o maligno percebeu como o momento de triunfo, acabou sendo a sua própria irreversível derrota.

Vocês São Deuses mas Morrerão Como Homens

A perda do direito sobre as vidas dos filhos de Adão não foi a única derrota que Satanás sofreu na cruz.

Os seus aliados em rebeldia, os deuses (*elohim*) sobrenaturais das nações também veriam os seus domínios começarem a desvanecer.

Os deuses sobrenaturais haviam sido designados àquelas nações pelo Altíssimo, o Deus de Israel (Deuteronômio 4:19-20; 32:8-9). Não nos é revelado quando eles se tornaram inimigos de Deus, mas sabemos que o fizeram. Eles desviaram o próprio povo de Deus, Israel, para que, em vez de O adorarem, oferecessem sacrifícios a eles (Deuteronômio 17:1-3; 29:26-27; 32:17). Salmo 82, o salmo que estudamos no capítulo 2 para introduzir o concílio divino, nos conta que estes *elohim* abusaram o seu poder e compensaram os ímpios. Eles não dão a mínima para a lei nem para a justiça de Deus:

Deus toma o seu lugar

na reunião dos deuses (*elohim*) e no meio deles dá a sua sentença:

“Vocês precisam parar de julgar injustamente

e de estar do lado dos maus.

Defendam os direitos dos pobres e dos órfãos;

sejam justos com os aflitos e os necessitados.

Socorram os humildes e os pobres e os salvem do poder dos maus.

“Vocês são ignorantes, não entendem nada;

vocês vivem na escuridão.

As bases da lei e da ordem na terra estão abaladas. (Salmos 82:1-5 NTLH)

O resto do Salmo nos conta que Deus havia convocado esta reunião do concílio celeste para dizer aos deuses que o futuro deles seria miserável. Os seus reinos de terror terminariam no momento em que Deus decidisse retomar as nações:

Eu disse: ‘Vocês são deuses;

todos vocês são filhos do Deus Altíssimo.

Porém morrerão como os homens comuns morrem;

a vida de vocês acabará

como a de qualquer príncipe.’

Vem, ó Deus, e governa o mundo,

pois todas as nações são tuas!” (Salmos 82:6-8 NTLH)

Quando é que Deus vai decidir recuperar as nações? Lemos a resposta acima, em Daniel 7:14 (NTLH):

Deram-lhe o poder, a honra e a autoridade de rei, a fim de que os povos de todas as nações, línguas e raças o servissem. O seu poder é eterno, e o seu reino não terá fim.

A mensagem de Daniel 7:13-14 é bem clara—quando o Filho do Homem receber o reino, será o início do fim para os poderes sobrenaturais das trevas. Jesus recebeu o reino na Sua ressurreição. Deus “ressuscitou Cristo e fez com que ele se sentasse ao seu lado direito no mundo celestial. Cristo reina sobre todos os governos celestiais, autoridades, forças e poderes. Ele tem um título que está acima de todos os títulos das autoridades que existem neste mundo e no mundo que há de vir” (Efésios 1:20-21 NTLH)

Por Que Isso É Importante

Antes da cruz, Satanás possuía direito eterno às nossas almas. Todos os seres humanos morriam—e em consequência iam para a esfera dos mortos, *o domínio dele*. E lá permaneceríamos, se não fosse pelo sacrifício de Jesus e a Sua ressurreição. Por meio da fé na Sua obra da cruz, ressuscitamos com Ele. Como observamos no capítulo anterior, Satanás foi expulso da presença de Deus quando o reino começou na terra (Lucas 10:18). Deus não suportaria mais nenhuma das suas acusações contra aqueles que creem. Ele não teria mais direito às nossas almas.

Por que, então, vivemos como se ele ainda possuísse este direito?

A salvação não é obtida através da perfeição moral. É um dom que vem da graça, por meio da fé (Efésios 2:8-9). Portanto, a salvação não pode ser *perdida* através da imperfeição moral. O que não se obtém por desempenho, não se pode perder por mau desempenho. A salvação se resume na nossa *lealdade que crê*—confiança no que Jesus fez ao derrotar o direito de Satanás e dar as costas a todos os outros deuses e aos sistemas de crença do qual fazem parte.

Esta é a mensagem do reino de Deus, a qual fomos comissionados para proclamar às nações (Mateus 28:19-20). E ao a obedecermos, os domínios dos deuses inimigos, dos principados e potestades, vão definhando—alma a alma, momento a momento. Os portais do inferno, a esfera dos mortos, *não* resistem a ressurreição, e *não conseguem* resistir o avanço do evangelho.

Porém, no momento da crucificação de Jesus, nada disso dava a impressão de ser real para os discípulos. Mas logo eles entenderiam a mensagem de maneira dramática e inesquecível.

CAPÍTULO TREZE

A Grande Reversão

Além das histórias de Jesus nos evangelhos—tais quais as reportagens do Seu nascimento, morte e Sermão da Montanha—é possível que a passagem mais conhecida do Novo Testamento seja Atos 2, quando o Espírito Santo se derrama sobre os seguidores de Jesus, no dia de Pentecostes. Este dia marca a inauguração da igreja inexperiente e o início do evangelismo global em nome de Jesus.

Por mais familiar que nos seja, esta passagem contém bem mais do que imaginamos. Atos 2, na realidade, designa-se a anunciar a campanha de reversão da geografia cósmica pós-Babel do Antigo Testamento, em que as nações, com exceção de Israel, se encontravam sob o domínio de deuses inferiores. O que aconteceu em Pentecostes foi um plano de guerra para infiltrar as nações deserddadas por Deus em Babel com o evangelho de Jesus—uma estratégia da antiguidade para guerra espiritual.

Pentecostes

O acontecimento que Atos 2 descreve no dia de Pentecostes foi, com toda certeza, extraordinário:

Quando chegou o dia de Pentecostes, todos os seguidores de Jesus estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho que parecia o de um vento soprando muito forte e esse barulho encheu toda a casa onde estavam sentados. Então todos viram umas coisas parecidas com chamas, que se dispersaram como línguas de fogo; e cada pessoa foi tocada por uma dessas línguas. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, de acordo com o poder que o Espírito dava a cada pessoa. Estavam morando ali em Jerusalém judeus religiosos vindos de todas as nações do mundo. Quando ouviram aquele barulho, uma multidão deles se ajuntou, e todos ficaram muito admirados porque cada um podia entender na sua própria língua o que os seguidores de Jesus estavam dizendo. A multidão ficou admirada e espantada e comentava:

— Estas pessoas que estão falando assim são da Galileia! Como é que cada um de nós as ouvimos falar na nossa própria língua? (Atos 2:1-8 NTLH)

Algumas das coisas que nos conduzem à visão global sobrenatural do Antigo Testamento nesta passagem notável, não são tão óbvias na tradução para o Português. O “vento soprando” associado à chegada do Espírito é uma descrição bem familiar da presença de Deus no Antigo Testamento (2 Reis 2:1, 11; Jó 38:1; 40:6). O fogo também é uma descrição familiar da presença de Deus (Ezequiel 1:4; Isaías 6:4; Daniel 7:9; Êxodo 3:2; 19:18; 20:18).

Tais referências deixam claro que Deus estava presente no evento e por trás do que estava acontecendo. A Sua intenção era de inaugurar a Sua campanha para recuperar as nações dos deuses inferiores—deuses estes que Ele havia designado para as nações (Deuteronômio 4:19-20; 32:8-9) mas que se tornaram inimigos Dele (Salmos 82).

A ferramenta de Deus para realizar isto eram as palavras dos discípulos—daí a imagem das línguas. Deus capacitou os judeus seguidores de Jesus a falarem com o resto dos judeus reunidos ali no dia de Pentecostes—aqueles que viviam em *todas* as nações que se encontravam sob o domínio dos deuses inimigos. Quando eles ouviram o evangelho e creram, retornaram para as suas nações e contaram aos outros a respeito de Jesus.

Pentecostes e Babel

O incidente da Torre de Babel ocasionou a decisão de Deus de dispersar as nações e colocá-las sob a autoridade de outros deuses (Deuteronômio 4:19-20; 32:8-9). De relance, não se tem a impressão de haver conexão entre este evento e o que ocorreu em Atos 2. Mas nas línguas originais, existem conexões claríssimas entre ambos.

Dois itens-chaves em Atos 2 conecta tais eventos a Babel: o primeiro representa as línguas de fogo como “dividadas” e o segundo pressupõe que a multidão, formada por judeus de todas as nações, estivesse “confusa.” Em português, tais termos não são lá muito convincentes. Lucas escreveu em grego e as palavras gregas que ele usou, traduzidas como “dividadas” e “confusão” provem de Gênesis 11:7 e Deuteronômio 32:8, ambas passagens que descrevem a divisão das línguas e das nações em Babel e a confusão resultante.

Lucas, o autor do livro de Atos, era gentio. Só sabia ler grego. Consequentemente, utilizou a tradução grega do Antigo Testamento amplamente conhecida na época (e até o dia de hoje) como a Septuaginta. Este era o Antigo Testamento da igreja primitiva, visto que muitos não sabiam ler hebraico. Lucas estava pensando no evento de Babel quando escreveu Atos 2.

Ora, por que conectar uma passagem com a outra? Pense bem no que aconteceu no dia de Pentecostes. O Espírito desceu, da mesma forma que Deus descia, com frequência, no Antigo Testamento: como um vento forte e fogo. A confusão de se ter múltiplas línguas (consequência de Babel) foi eliminada quando as línguas de fogo capacitaram os discípulos a falarem nas línguas dos judeus do mundo inteiro que haviam se congregado em Jerusalém para a comemoração da festa. Três mil deles creram na mensagem de Jesus (Atos 2:41).

Aqueles novos cristãos que acataram Jesus como o messias, levariam aquela mensagem de volta para os seus países natais—as nações dispersas em Babel. Lá em Gênesis 11, Deus havia dado as costas para as nações da humanidade e, em seguida, de imediato, em Gênesis 12, chamou Abraão para estabelecer o novo povo e a nova nação de Deus. Ele agora ia juntar pessoas de todas aquelas nações que rejeitara e trazê-las de volta para a Sua família da fé, juntamente como os judeus crentes, descendentes de Abraão. Com o passar do tempo, o reino de Deus se estenderia além dos reinos dos deuses inimigos.

O mais incrível nisso tudo é a lista de nações em Atos 2 e a ordem em que são apresentadas. Se você consultar um mapa, vai descobrir que estas nações, a partir do leste, são, uma após a outra, locais para onde os judeus haviam sido exilados no final do Antigo Testamento, desde a Babilônia e Pérsia, seguindo para o oeste até o ponto mais distante que se conhecia na época. Elas abrangem a mesma distância e extensão das nações registradas em Gênesis 10—aquelas que ficaram subjugadas a deuses inferiores.

A Nossa Luta Não É contra a Carne e o Sangue

A maior parte do livro de Atos relata as jornadas missionárias de Paulo. Paulo era o apóstolo para os gentios—a primeira pessoa a ser enviada por Deus para fundar igrejas nas nações exteriores a Israel. As jornadas e as circunstâncias da vida de Paulo, como por exemplo a sua detenção pelos romanos, o levou, cada vez mais, para o oeste.

Em suas cartas no Novo Testamento, Paulo sempre falava das forças espirituais que se opunham ao seu ministério e à disseminação do evangelho. O seu vocabulário para as entidades malignas, cujo os domínios ele invadia no encalço de Pentecostes, demonstra que ele compreendia a geografia cósmica do Antigo Testamento. Você percebe o fio da meada em comum na terminologia de Paulo (extraída da versão TB10) quanto às forças invisíveis das trevas?

- governos/principados (Efésios 1:20-21; 6:12; Col. 2:15)
- autoridades (Efésios 1:20-21; 3:10; 6:12; Col. 2:15; 1 Coríntios 2:6)
- potestades (Efésios 1:20-21; 3:10)
- domínios (Colossenses 1:16)
- senhores (Efésios 1:20-21; 1 Coríntios 8:5)
- tronos (Colossenses 1:16)

Todas estas palavras denotam *domínio geográfico*. Aliás, estes mesmos termos são usados no Novo Testamento e em outras literaturas gregas de homens que ocupavam altos cargos políticos. A linguagem de Paulo se refere à autoridade territorial que, refletindo o Antigo Testamento, representava o relacionamento do mundo espiritual com o mundo humano: as nações abandonadas por Deus se encontram sob o domínio espiritual de seres hostis a Ele e ao Seu povo.

“Eu Vou para a Espanha”

O livro de Atos termina com a viagem de Paulo para Roma. Paulo era prisioneiro e estava viajando para Roma por dois motivos: apelar a César e disseminar o evangelho. Mas Paulo sabia que para reivindicar as nações subjugadas aos deuses hostis, ele teria que chegar ao fim do mundo daquela época. Nos tempos do Antigo Testamento, tal lugar se chamava Târsis. Nos dias de Paulo, se chamava Espanha. Paulo tinha que chegar até a Espanha para concluir a sua missão. As suas palavras aos romanos, antes de ser preso, indicam que ele tinha toda a intenção de ir à Espanha—para o ponto mais ao oeste da terra na sua época— a fim de reivindicar cada nação para Jesus:

Penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha, pois espero que, de passagem, estarei convosco e que para lá seja por vós encaminhado, depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia... Tendo, pois, concluído isto e havendo-lhes consignado este fruto, passando por vós, irei à Espanha. (Romanos 15:24, 28).

Paulo motivava-se pelo entendimento de que o plano de Deus para restaurar o Seu reino se inaugurou durante a sua vida, crendo que quando “a plenitude dos gentios chegar” então “todo o Israel será salvo” (Romanos 11:25-26). Ele achava que ia cumprir o que o dia de Pentecostes iniciou.

Por Que Isso É Importante

Paulo possuía uma perspectiva sobrenatural da sua própria vida. Ele se enxergava como um instrumento de Deus. E era mesmo. Bem como todos os outros novos cristãos não mencionados que, depois de Pentecostes, partiram de Jerusalém para infiltrar as fortalezas demoníacas em seus respectivos locais de residência.

O mesmo se dá conosco.

Se *nós* somos instrumentos de Deus da mesma forma que *Paulo* foi um instrumento de Deus, então por que ele foi tão mais influente e eficaz? Uma diferença é que Paulo *entendia* o propósito da sua própria vida. Ele *cria* que os poderes que exerciam domínio sobre a terra eram reais—e que o poder que o apoiava e que estava dentro dele era maior.

Você crê nestas coisas? A Bíblia as expressa como se fossem óbvias. E era assim que Paulo as tratava em sua própria vida.

Paulo não sabia, na realidade, quão grande era o mundo. Ele não sabia da existência da América do Norte, América do Sul, China, Índia, Noruega, Austrália, Islândia, e muitos outros lugares. Deus sabia. Deus sabia que a tarefa de espalhar o evangelho por todo o mundo seria, por fim, muito maior do que Paulo pudesse compreender. Deus sabia que outros teriam que adotar o objetivo que Paulo estabeleceu para si, a fim de que o evangelho alcançasse toda parte da terra. Se nós não tentamos, com assiduidade, realizar tal tarefa, não cumprimos o propósito para o qual nos encontramos na terra. Se queremos Deus apenas para que Ele venha a nós e atenda às nossas necessidades, então somos mais parecidos com as pessoas de Babel do que com Jesus, os Doze e Paulo.

Outras passagens das Escrituras Sagradas que examinamos insinuam que o conceito de fortalezas demoníacas seja bíblico. Estas passagens não nos dão uma descrição completa das zonas demoníacas, dos limites de fronteiras e nem da hierarquia espiritual existentes no lado negro. No entanto, elas *nos dizem* que os poderes invisíveis consideram a terra domínio deles e nos dizem que tais poderes resistem ao reino de Deus e não querem que as pessoas façam parte do plano de Deus de disseminar o Seu bom governo em toda a parte. O que significa que devemos *contar com* resistência, a qual não conseguimos explicar com lógica ou evidência empírica e nem conseguimos derrotar sozinhos. Deus nos deu o Seu Espírito e Seus agentes invisíveis, para nos ajudarem a promover a Sua missão (1 Coríntios 3:16; 6:19; Hebreus 1:13; 1 João 4:4).

A verdadeira pergunta que precisamos fazer a nós mesmos é a seguinte: Como seriam as nossas vidas se acordássemos a cada dia com uma visão do mundo e de suas influências sobrenaturais igual a de Paulo? E se, a cada dia, as nossas vidas fossem organizadas em torno do reconhecimento da nossa condição de membros da família de Deus, incumbidos de libertar nossos irmãos e irmãs das trevas? E se vivêssemos

intencionalmente, sabendo que cada decisão que tomamos e cada palavra que proferimos não são à toa nem sem propósito? E se, antes, crêssemos que as inteligências invisíveis que nos cercam usam as nossas decisões, ações e palavras para influenciarem outras pessoas—para o bem ou para o mal—quer as vejamos e as conheçamos, quer não. Os nossos empregos, renda, talentos, até mesmo os nossos problemas são inconsequentes quando sabemos quem, *de verdade*, somos, seremos, e porque estamos aqui. Nós não conseguimos enxergar o mundo sobrenatural—da mesma forma que não enxergamos o mundo microscópico—mas inextricavelmente pertencemos a ambos.

Os cristãos primitivos pensavam assim. Como veremos no próximo capítulo, eles criam que o mundo que os cercava vivia escravizado por trevas que, um dia, iriam se render. Apesar do fato da batalha ser, literalmente, entre eles e o mundo hostil com os seus poderes, eles produziram, em silêncio, o fenômeno global que chamamos de cristianismo, com Deus e Seus agentes invisíveis operando em favor deles. Eles *criam* que o conflito espiritual era real e que, mais cedo ou mais tarde, não teriam como perder. Nós somos a prova viva de que eles não perderam.

CAPÍTULO QUATORZE

Eles Não São Do Mundo

Na famosa oração de Jesus no jardim do Getsêmani, antes de ser aprisionado para o julgamento, Ele disse aos Seus seguidores: “Eles não são do mundo, como também eu não sou” (João 17:16). Os da fé, certamente se encontravam *no* mundo, incumbidos, especialmente, por Deus de levarem o evangelho para todas as nações (Mateus 28:19-20) mas não eram *do* mundo. Este paradoxo—estar no mundo mas não ser dele—foi transmitido aos cristãos primitivos de várias maneiras notáveis.

Espaço Sagrado, Lugar Santo e a Presença de Deus

No capítulo 8 mencionamos o conceito de espaço sagrado. Para os israelitas do Antigo Testamento, Deus era completamente *distinto*. O espaço que a Sua presença ocupava ficava separado de todos os outros espaços. Este fato não nega a onnipresença de Deus—em todo lugar o tempo todo. Era, simplesmente, uma forma de marcar o território no qual Ele escolheu vir ao encontro do Seu povo. Era este um dos propósitos de se ter o tabernáculo e o templo. O conceito de espaço sagrado não só significava o princípio fundamental para muitas das leis e rituais de Israel, como também reforçava a ideia da geografia cósmica—como o mundo ficou dividido entre os deuses inferiores e o Deus Altíssimo, o Deus de Israel.

A noção de espaços sagrados é transportada para o Novo Testamento de forma dramática. A única pergunta que precisamos fazer é:

— Onde se encontra a presença de Deus agora?

Embora Deus esteja em todo lugar, Ele habita, especificamente, *dentro de cada um que crê*. Acredite ou não, *você* é espaço sagrado. Paulo escreveu com clareza que “o corpo é templo do Espírito Santo” (1 Coríntios 6:19 ARC95).

O mesmo se aplica ao chão onde os crentes se reúnem em grupo. Ao escrever para a igreja de Corinto, Paulo lhes disse, de maneira coletiva: “Vós sois o templo de Deus” (1 Coríntios 3:16 ARC95). Ele disse aos cristãos de Éfeso que eram “membros da família de Deus ... um templo santo no Senhor, no qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus no Espírito” (Efésios 2:19, 21-22 ARC95).

As implicações são estupendas. A maioria de nós conhece a declaração de Jesus: “Pois, onde dois ou três estão congregados em meu nome, ali estou eu no meio deles” (Mateus 18:20 TB10). Mas examinada dentro do contexto da ideia de espaço sagrado no Antigo Testamento, esta declaração significa que onde quer que os cristãos se reúnam, o solo espiritual que ocupam é santificado em meio aos poderes das trevas.

O local de habitação que lavé, por fim, escolheu no Antigo Testamento foi Israel—o templo em Jerusalém. Israel se tornou lugar santo porque a presença de Deus residia nele. E este lugar santo vivia ameaçado pelas nações vizinhas com seus deuses hostis. Da mesma forma, cristãos vivem, hoje em dia,

em uma guerra espiritual. Nós, agora, somos o templo de Deus, o lugar especial onde o Espírito de Deus reside, pontos da luz da Sua presença—espalhados pelo mundo, prisioneiros dos poderes das trevas.

Entregue a Satanás

Este conceito é muito bem ilustrado pela visão de Paulo quanto à santidade da igreja local. Todo grupo de crentes seria solo santo, e não um lugar para pecado impenitente.

No capítulo 8, examinamos a maneira em que Israel lidava com o pecado para preservar a santidade do acampamento—seu espaço sagrado. Mencionamos o Dia da Expição (Levítico 16), em que os pecados da nação eram ritualmente transferidos para um bode—a sorte “para Azazel” (Levítico 16:8, 10 TB10). Azazel era uma entidade demoníaca; presume-se que morava no deserto. Os israelitas enviavam o bode para o deserto, carregando os seus pecados. Tal ato enviava, de modo simbólico, os pecados do povo para o lugar onde pertenciam—no deserto, o lugar de trevas espirituais.

Paulo pediu aos coríntios que lidassem com o pecado da mesma forma—enviando-o a onde ele pertencia. Em 1 Coríntios 5, Paulo escreveu aos coríntios a respeito de um homem que estava vivendo em imoralidade sexual e que precisava se arrepender. Ele comandou: “Entreguem esse homem a Satanás” (1 Coríntios 5:5 PTNVI). A lógica desta ordem era bem clara—não existe espaço para o pecado em solo santo. Os cristãos precisavam remover os cristãos impenitentes da igreja (1 Coríntios 5:9-13). Ser expulso da igreja equivalia a ser impelido à esfera de Satanás, de volta para o mundo.

Paulo tinha a esperança de que o homem impenitente sofresse a consequência “da destruição da carne, para que o seu espírito fosse salvo no dia do Senhor” (1 Coríntios 5:5). (Esta referência não se aplica à morte física, e sim à morte das concupiscências da carne que seduziam este homem [Gálatas 5:24; 1 Coríntios 11:32-33]).

Batismo em forma de Guerra Espiritual

A posição de Pedro quanto a este assunto era a mesma da de Paulo—os cristãos se opondo aos poderes das trevas. A sua maneira combatente de pensar se encontra em uma das passagens mais estranhas do Novo Testamento, 1 Pedro 3:14-22:

Mas, ainda que venhais a sofrer por causa da justiça, bem-aventurados sois. Não vos amedronteis, portanto, com as suas ameaças, nem fiquéis alarmados; antes, santificai a Cristo, como Senhor, em vosso coração, estando sempre preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós, fazendo-o, todavia, com mansidão e temor (respeito), com boa consciência, de modo que, naquilo em que falam contra vós outros, fiquem envergonhados os que difamam o vosso bom procedimento em Cristo, porque, se for da vontade de Deus, é melhor que sofraís por praticardes o que é bom do que praticando o mal. Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e pregou aos espíritos em prisão, os quais, noutro tempo, foram desobedientes quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual

poucos, a saber, oito pessoas, foram salvos, através da água, a qual, figurando (correspondente a isso) o batismo, agora também vos salva, não sendo a remoção da imundícia da carne, mas a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo; o qual, depois de ir para o céu, está à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes.

Tenho certeza que você notou a excentricidade desta passagem. O que a arca, Noé e os espíritos aprisionados têm a ver com o batismo? E este texto diz que o batismo nos salva?

O que Pedro está fazendo aqui se parece com o que Paulo fez em Romanos 5. Paulo se referiu a Jesus nessa passagem, mas com Adão em mente, também. Pense em Jesus como se fosse, em certos aspectos, o oposto de Adão. É por isso que Paulo diz coisas como “pela desobediência de um só homem [Adão] muitos se tornaram pecadores, por meio da obediência de um só [Jesus], muitos se tornarão justos” (Romanos 5:19). Pedro tinha Enoque em mente, ao invés de Adão, quando escreve a respeito de Jesus em 1 Pedro 3. Só que para Pedro, Enoque e Jesus não eram opostos. Enoque serve de analogia para o argumento que Pedro quer afirmar acerca de Jesus.

Você pode ficar curioso e perguntar: “Que argumento?” Afinal, só existem uns poucos versículos que se referem a Enoque no Antigo Testamento (Gênesis 5:18-24). Tudo o que ficamos sabendo é que ele viveu antes do grande dilúvio e que “Enoque andou com Deus; e já não foi encontrado, pois Deus o havia arrebatado” (Gênesis 5:24 PTNVI). Estes versículos não têm nenhuma conexão com o que Pedro diz em 1 Pedro 3 acerca de Jesus.

Para entendermos por que um ato de Enoque fez com que Pedro se lembrasse de Jesus, precisamos entender o que Pedro leu nos livros hebraicos não incluídos no Antigo Testamento. Para ser específico, Pedro estava a par de um livro judaico da antiguidade que tinha muito a dizer a respeito de Enoque. Este livro é intitulado, como se pode prever, 1 Enoque. Ele preenche, com detalhes, o que aconteceu na época do dilúvio, principalmente em Gênesis 6:1-4, quando os filhos de Deus (Enoque os chama de guardiões) geraram filhos (os gigantes nefilins) com as mulheres humanas. Quando Pedro e Judas escreveram sobre os anjos que pecaram nos dias de Noé (2 Pedro 2:4-5; Judas 6), ambos aludiram a ideias em 1 Enoque que não faziam parte da história do dilúvio bíblico. O relato do dilúvio em Gênesis, por exemplo, não nos conta que os filhos divinos de Deus ficariam presos na esfera dos mortos, o submundo, até os dias do fim, mas 1 Enoque sim (1 Enoque 6:1-4; 7:1-6; 10:4, 11-13).

Alguma coisa que aconteceu com estes “espíritos aprisionados” no livro de 1 Enoque forneceu a Pedro uma percepção clara de Jesus. Na história de 1 Enoque, Enoque teve um sonho em que os espíritos aprisionados pediam a ele que intercedesse em seu favor diante de Deus. Afinal de contas, Enoque andava com Deus—não havia ninguém melhor do que ele para pedir a Deus que tivesse piedade deles e os libertasse. Enoque o fez, mas recebeu más notícias. A resposta de Deus foi um *não* enfático. Enoque teve que transmitir aquela resposta—assim, descendeu aos espíritos aprisionados. Disse-lhes que ainda estavam sob julgamento.

Pedro fez uma analogia de Jesus com esta história. O aspecto que Pedro queria ressaltar era o de que Jesus, ao morrer, desceu até a esfera dos mortos com uma mensagem para os seres divinos caídos que se

encontravam por lá. Quando eles viram Jesus entrar no lugar dos mortos, é bem provável que tenham achado que os seus companheiros, os demônios, O houvessem derrotado e eles logo saíam da prisão. Ao invés disso, Jesus lhes disse que não os veria ali por muito tempo—pois ascenderia outra vez. Tudo fazia parte do plano de Deus. Eles não venceram—*ainda estavam sob julgamento e mais condenados do que antes*. É por isso que esta passagem estranha termina assim, com Jesus “indo para o céu” e Se assentando “à destra de Deus, ficando-lhe subordinados anjos, e potestades, e poderes” (1 Pedro 3:22).

Por que Pedro conecta tudo isso com o batismo? No parecer de Pedro, a morte e a ressurreição de Jesus—complementadas pelo anúncio da Sua vitória aos poderes demoníacos—são simbolizadas pelo batismo. O batismo simboliza a morte, a sepultura e a ressurreição de Jesus (Romanos 6:1-11).

Para Pedro, o batismo “corresponde” a tudo isso pois é “a indagação de uma boa consciência para com Deus, por meio da ressurreição de Jesus Cristo” (1 Pedro 3:21). A palavra grega para “indagação” se refere a um compromisso que se assume. A palavra grega para “consciência” geralmente se refere a uma capacidade de se distinguir o certo do errado. Mas não é o caso, nesta passagem. A distinção entre o certo e o errado não se relaciona, de maneira específica, à morte, sepultura e ressurreição de Jesus. A palavra grega também pode significar o estabelecimento de um compromisso—um ótimo compromisso e não um insensato. É o que Pedro demonstra em 1 Pedro 3. Essencialmente, *o batismo era um juramento de lealdade e uma mensagem aos poderes demoníacos* (bem como a qualquer pessoa presente) anunciando de que lado você se encontrava na guerra espiritual. Os cristãos da antiguidade entendiam melhor este princípio do que nós hoje. Os rituais de batismo na igreja primitiva incluíam a renúncia a Satanás e aos seus anjos, por causa desta passagem.

Por Que Isso É Importante

Em primeiro lugar, entenda que aqueles que creem são solo santo, onde a presença de Deus habita—a glória do Antigo Testamento. Vivemos como tal? Os israelitas e os crentes dos dias de Jesus sentiam a necessidade, sempre presente, de se diferenciarem dos incrédulos. O objetivo não era o de serem, deliberadamente, tão esquisitos que os incrédulos fossem encorajados a evitar contato! Israel visava ser um “reino de sacerdotes” e “uma nação santa” (Êxodo 19:6). Viver da maneira que Deus queria que Seus filhos vivessem acarretava em uma vida frutífera, produtiva e feliz. Os israelitas tinham como objetivo atrair as pessoas que viviam prisioneiras aos deuses inimigos, de volta para o verdadeiro Deus.

Nós não somos deste mundo quando a nossa visão global está sintonizada ao plano de Deus de resgatar pessoas de todas as nações, para incluí-las na família de Deus. Ser deste mundo significa estar absorvido pelas preocupações do mundo e viver de maneira correspondente às tais preocupações. Os incrédulos devem ser capazes de discernir, pelo nosso modo de falar, comportamento, éticas e maneira de tratar os outros que não somos cínicos, egocêntricos e ásperos—que o nosso foco não é o de ultrapassarmos ou usarmos as pessoas. Não devemos viver para nos gratificarmos. Precisamos ser a antítese de tais coisas. Ou seja, temos que viver como Jesus viveu. As pessoas queriam ficar perto Dele *porque* Ele não era igual aos demais.

Em segundo lugar, o que fazemos nas nossas igrejas precisa elevar Deus e Jesus. Nos tempos bíblicos, uma visita ao tabernáculo reforçava as ideias da perfeição de Deus, do quanto Ele é “distinto”—e do Seu

amor por Seus filhos. Tudo isso se realiza em conjunto. Por que um Deus que não precisa de nada e é superior a tudo quer uma família humana? Por que este Deus se incomodou em criar uma nova família depois de ter abandonado as nações em Babel e as ter consignado a outros deuses? Por que não dar as costas a tudo? Porque Ele nos ama.

É, justamente, por sabermos que Deus podia ter feito qualquer outra coisa e não fez, que o Seu amor assume tanto significado! Quando uma igreja fala apenas do amor de Deus mas não demonstra a ironia deste amor, quando contrastado com outros aspectos do caráter de Deus, os cristãos não dão valor a ele. Por exemplo, o amor vai parecer banal para aqueles que não estão cientes da santidade de Deus.

Uma terceira implicação consequente do que examinamos neste capítulo é que os poderes das trevas sabem de que lado estamos, baseados no nosso comportamento. Eles não são burros. Eles observam a nossa lealdade a Deus e como nós agimos com as nossas decisões de seguirmos Jesus em certas áreas, tais quais o batismo e a resistência ao pecado. Mas eles também nos observam quando agimos de forma desleal a Deus e entendem quanta vulnerabilidade tais ações introduzem nas nossas vidas. Quer creiamos, quer não, estamos sendo observados—*por ambos os lados* da guerra espiritual.

É mais fácil compreendermos do que vivermos estas verdades. Embora redimidos, ainda estamos caídos. Para vivermos estas verdades, precisamos que as nossas mentes e corações fiquem sintonizados com a razão de estarmos aqui, vivendo como estrangeiros em nosso próprio mundo. Como Jesus, nós também não somos deste mundo—nele, mas não dele (João 8:23; 1 João 4:4). Este contraste e a nossa condição vão se tornar cada vez mais acentuados assim que aprendermos a lidar com o que significa sermos filhos de Deus.

CAPÍTULO QUINZE

Coparticipantes da Natureza Divina

Você sabe quem você é?

Fiz esta pergunta antes, mas é hora de levantar a questão de novo. Sim, vivemos no mundo, mas não somos dele. É verdade, fomos salvos pela graça mediante a fé no que Jesus fez na cruz (Efésios 2:8-9). Mas este é apenas o início da nossa compreensão dos planos de Deus.

A intenção original de Deus no Éden era a de fundir a Sua família humana com a divina—os filhos celestiais de Deus que estavam aqui antes da criação (Jó 38:7-8). Ele não abandonou este plano com a queda. Cristão, você se tornará divino, como um dos filhos *elohim* de Deus, como o próprio Jesus (1 João 3:1-3).

Os teólogos se referem a esta ideia, usando muitos rótulos. O mais comum é a *glorificação*. Pedro faz menção deste conceito também dizendo que você se torna “coparticipante da natureza divina” (2 Pedro 1:4). Já João se expressa da seguinte maneira: “Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, o somos” (1 João 3:1, *itálico acrescentado por mim*). Neste capítulo estudaremos como a Bíblia transmite esta mensagem.

Filhos de Deus, Semente de Abraão

Quando Deus transferiu o cuidado das nações do mundo para os deuses inferiores em Babel, Ele o fez, sabendo que iria começar tudo de novo com uma família humana nova e própria. Deus chamou Abraão (Gênesis 12:1-8) logo após Babel (Gênesis 11:1-9). Através de Abraão e de sua esposa, Sara, Deus retornaria ao Seu plano edênico original.

O povo de Deus, os filhos de Abraão, os israelitas, por fim, fracassaram em restaurar o bom governo de Deus na terra. Mas um destes filhos *seria* bem-sucedido. Deus se tornaria homem em Jesus, um descendente de Davi, Abraão e Adão. E foi por meio de Jesus que a promessa de Deus, de um dia abençoar as nações que Ele havia punido em Babel, se cumpriu. Paulo descreveu o assunto em várias passagens. A seguir, duas delas:

“Pois, segundo uma revelação, me foi dado conhecer o mistério, conforme escrevi há pouco, resumidamente; pelo que, quando ledes, podeis compreender o meu discernimento do mistério de Cristo: ...a saber, que os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho.” (Efésios 3:3-6)

Todos vocês são filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus... Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. E, se vocês são de

Cristo, são descendência de Abraão e herdeiros segundo a promessa. (Gálatas 3:26-29 PTNVI)

Como expliquei em capítulos anteriores: Em todo o Antigo Testamento, os povos que não eram israelitas viviam em territórios subjugados ao domínio dos deuses inferiores, que Deus havia conferido às nações em Babel. Em Babel, as nações, com exceção de Israel, foram deserdadas de um relacionamento com o verdadeiro Deus. Israel, e somente Israel, era a “porção” da humanidade que pertencia a Deus (Deuteronômio 32:9). Os israelitas usavam muitos termos para se referirem aos povos das nações deserdadas. Existiam rótulos geográficos ou étnicos (por exemplo: os egípcios, os moabitas, os amalequitas), mas a descrição mais abrangente nos tempos do Novo Testamento era a de gentios, um rótulo derivado da palavra latina para “nações” (*gens*). Se você não é judeu, é gentio.

A história do Novo Testamento é de que um descendente de Abraão, Jesus, morreu e ressuscitou para redimir não só os descendentes étnicos de Abraão (israelitas/judeus) mas também todos os povos de dentre as nações que foram, em tempos passados, deserdadas pelo verdadeiro Deus. Nos versículos citados acima, Paulo chamou de mistério a inclusão dos gentios na família de Deus. Ele se surpreendeu com o fato dos povos de nações que Deus havia deserdado, subjugadas ao controle de outros deuses, pudessem herdar as promessas feitas a Abraão.

Em Cristo, *todos* os que adotam o evangelho são filhos de Iavé, o verdadeiro Deus, o Deus de Abraão, Isaaque e Jacó (João 1:12; Gálatas 3:26; Romanos 8:14). É por isso que o Novo Testamento descreve os que creem, usando termos de família (filhos e filhas, herdeiros) e usando a linguagem de “ser adotado” por Deus (Romanos 8:15, 23; Efésios 1:5; Gálatas 4:4). A linguagem da herança é absolutamente clara e intencional. Ela nos diz quem somos: a nova família divina-humana de Deus. O destino do cristão é de se tornar o que Adão e Eva eram, no início: imortais, geradores da imagem de Deus e glorificados, aqueles que viviam na presença Dele.

Mas nem isso expressa, plenamente, quem somos. A parte mais maravilhosa é como Jesus nos vê.

Uma Reunião de Família

Os primeiros dois capítulos de Hebreus nos oferecem um panorama dramático da família combinada de Deus—divina e humana. Para mim, é uma das passagens mais inspiradoras da Bíblia.

Hebreus 1 enfatiza que Jesus é “tanto mais excelente que os anjos” (v. 4 TB10). No concílio celestial de Deus ninguém é superior a Jesus. Afinal de contas, Ele é Deus. Aliás, o escritor ressalta que já que não havia anjo digno de se tornar homem e herdar o reino, os anjos precisam adorar a Jesus (vv. 5-6 TB10). Jesus é rei.

Quando Jesus, de maneira extraordinária, Se tornou homem, foi feito, por um pouco, menor do que os anjos. Ele Se tornou um de nós. Os seres humanos são criaturas inferiores aos seres divinos, como, por exemplo, os anjos. O escritor de Hebreus pergunta:

Que é o homem, que dele te lembres? Ou o filho do homem, que o visites? Fizeste-o, por um pouco, menor que os anjos, de glória e de honra o coroaste [e o constituíste sobre as obras das tuas mãos]. Todas as coisas sujeitaste debaixo dos seus pés. Ora, desde que lhe sujeitou

todas as coisas, nada deixou fora do seu domínio. Agora, porém, ainda não vemos todas as coisas a ele sujeitas; vemos, todavia, aquele que, por um pouco, tendo sido feito menor que os anjos, Jesus, por causa do sofrimento da morte, foi coroado de glória e de honra, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todo homem. (Hebreus 2:6-9)

Qual foi a consequência de tudo que Jesus fez? Podemos responder: *salvação*. E esta resposta é correta, mas não inclui o que o escritor de Hebreus quer que saibamos. Por ter Deus se tornado homem em Jesus Cristo, os seus seguidores mortais se tornarão divinos—e membros da mesma família.

Um dia, quer seja na nossa morte ou durante o Seu retorno para a terra, na configuração final do reino na terra, o novo Éden, Jesus vai nos apresentar ao resto do concílio divino, e o concílio a nós. Ele Se tornou como nós para que nós nos tornássemos como Ele:

Porque convinha que aquele, por cuja causa e por quem todas as coisas existem, conduzindo muitos filhos à glória, aperfeiçoasse, por meio de sofrimentos, o Autor da salvação deles. Pois, tanto o que santifica como os que são santificados, todos vêm de um só. Por isso, é que ele não se envergonha de lhes chamar irmãos, dizendo:

A meus irmãos declararei o teu nome,
cantar-te-ei louvores no meio da congregação...
Eis aqui estou eu e os filhos que Deus me deu.

(Hebreus 2:10-13)

Ao invés de ficar com vergonha diante do concílio dos *elohim* de Deus por Se tornar humano—Se tornar menor do que eles—Jesus Se deleita nisso. Tudo faz parte de uma grande estratégia. Diante do concílio (“na assembleia”), Ele nos apresenta: *Eis-Me aqui, Eu e os filhos que Deus Me deu. Estamos todos juntos agora—para sempre*. E este era o plano desde o início.

Ingressar na família divina e glorificada de Deus é o nosso destino. Paulo coloca de um lindo modo em Romanos 8:18-23:

Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus... E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

Paulo encoraja os da fé com a mesma mensagem. Ele disse aos cristãos romanos que eles foram “predestinados para serem conformes à imagem do Seu Filho, a fim de que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29). Disse ele à igreja em Corinto: “E todos nós, com o rosto desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2 Coríntios 3:18), e que a nossa natureza humana seria

transformada: “é necessário que este corpo corruptível se revista da incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista da imortalidade” (1 Coríntios 15:53). Já para Pedro, se unir ao concílio da família de Deus significa nos tornarmos “participantes da natureza divina” (2 Pedro 1:4). João o disse da maneira mais simples: “Seremos iguais a ele” (1 João 3:2).

Por Que Isso É Importante

Como cristãos, é provável que já tenhamos ouvido muitas vezes que precisamos agir igual a Jesus. É certo que sim. Mas quando escutamos esta frase, a processamos *apenas* em termos de sermos bons, ou talvez “menos maus.” Transformamos uma ideia praticamente inconcebível—a de que um dia seremos como Jesus—em um desempenho obrigatório.

Em vez de nos sentirmos culpado por não sermos como Jesus, e nos comprometermos em nossos corações a “melhorar,” precisamos permitir que a bênção do que Ele fez, e vai fazer, reajuste a nossa concepção do que significa sermos como Ele. Podemos transformar a “semelhança a Cristo” em um serviço que devemos prestar, a fim de evitarmos que Deus fique zangado conosco, só que isso é uma teologia defeituosa que torna a graça em dever. Ou podemos ficar gratos de que, um dia, seremos tudo o que Deus quer, *com muito entusiasmo*, fazer de nós—o que Ele nos predestinou para sermos (Romanos 8:29)—e viveremos de tal maneira que as pessoas ainda escravizadas aos poderes das trevas terão vontade de se unir a nós na família de Deus. A primeira perspectiva fita o interior; a outra fita o céu.

A vida cristã, *no momento*, não se resume no medo de que falharemos em agradar Àquele que nos amou enquanto ainda éramos escravos das trevas. A vida cristã se resume no entendimento de dois conceitos: a nossa adoção na família de Deus—o que significa que Jesus é nosso irmão e que Deus nos ama da mesma forma que ama a Jesus—e o nosso propósito no plano de Deus para restaurar o Seu reino na terra. Nós somos, e seremos, *o novo concílio divino de Deus*. Ele é o nosso Pai. Nós somos os Seus filhos, destinados a viver onde Ele vive, para sempre. Somos os Seus colegas de trabalho, incumbidos de ajudá-Lo a libertar aqueles que ainda são possessão do senhor dos mortos e estão presos aos poderes invisíveis das trevas.

É *isto* que a Bíblia representa: de Éden a Éden. *Este* é o seu destino. A sua vida agora não simboliza a conquista do seu lugar na família de Deus, pois não é algo que se adquire. É um dom. A sua vida agora é demonstrar gratidão pela sua adoção, deleitar-se nela, e conseguir que outros compartilhem dela com você.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Governando os Anjos

Para a nossa fé, é importantíssimo entendermos quem somos, como cristãos. Somos filhos e filhas de Deus, um concílio divino reformado que já participa do reino do nosso Pai. Mas existem muitas outras coisas além disso. Sim, somos o concílio da família de Deus—mas com que finalidade?

Embora já estejamos no reino (Colossenses 1:13), ainda não testemunhamos a revelação plena deste reino—ainda não vimos o mundo se tornar o Éden. Este paradoxo do “já e ainda não” aparece na Bíblia de muitas maneiras. Neste capítulo, quero lhe oferecer um vislumbre do “ainda não” que responde a pergunta “Com que finalidade?”

A Participação no Reino Agora

A nossa participação no reino de Deus não é predeterminada, no seguinte sentido: nós não somos meros robôs realizando funções programadas para nós. Isto infringe toda ideia de sermos geradores da imagem de Deus, os Seus representantes. Fomos criados para sermos iguais a Ele. Ele é livre. Se não tivermos uma liberdade genuína, não podemos ser como Ele—por definição, *não seríamos* como Ele. Somos livres para obedecer e adorar, ou para nos rebelarmos e mimarmos as nossas vontades. E vamos colher o que semearmos. A nossa colheita não está programada.

Mas Deus é maior do que nós somos. Ele fez um plano que vai se realizar. O sucesso deste plano não depende da liberdade humana e nem é forçado a se adaptar à tal liberdade. Nós não podemos debilitá-lo—nem muito menos os seres divinos que também são livres para escolher.

Pense bem na reunião do concílio celestial que mostrei no capítulo 1. Eu lhe perguntei se você cria nas coisas que a Bíblia diz, e em seguida o conduzi a uma reunião de Deus com o seu concílio celestial em 1 Reis 22. Deus proferiu um decreto (e que assim seja) de que havia chegado a hora do perverso Acabe morrer. Mas em seguida, Deus permitiu que os seres espirituais no Seu concílio decidissem como efetuar o decreto (1 Reis 22:19-23).

Predestinação e liberdade operam lado a lado no governo do reino de Deus. Os Seus propósitos jamais serão subvertidos ou suspensos. Ele é capaz de tomar o pecado e a rebelião e mesmo assim realizar—por meio de outros representantes livres—o que deseja. Como disse C.S. Lewis a respeito de Deus (no livro *Perelandra*), “Do que quer que façam Ele fará aparecer o bem. Mas não o bem que Ele preparara para ti se Lhe tivesses obedecido.”

Com que finalidade, aqui e agora, fazemos parte do concílio de família de Deus? Para participarmos com Deus em liberar as pessoas das trevas. Para mostrarmos às pessoas como viver com justiça e misericórdia—imitando a Deus para aqueles que precisam de ilustração. Para defendermos e espalharmos a verdade sobre o Deus verdadeiro em um mundo hostil que está subjugado ao domínio das inteligências invejosas divinas. Para desfrutarmos da vida, da maneira que Deus planejou.

Todos estes chamados são treinamento para o reino vindouro. Como Paulo perguntou aos coríntios que haviam perdido a perspectiva divina, enquanto brigavam acerca dos negócios deste mundo: “Não sabeis que havemos de julgar [reger] os próprios anjos?” (1 Coríntios 6:3). Ele estava falando sério. Paulo tocou em um assunto bem específico com esta frase.

Estabelecidos Sobre As Nações

O formato final do reino ainda está por vir. Quando chegar, os poderes das trevas serão derrotados. Os deuses demoníacos perderão, permanentemente, o poder—*a família e concílio de Deus, glorificados mas os homens, tomarão o lugar deles*. Veja só o que Jesus disse no livro de Apocalipse:

Tão somente conservai o que tendes, até que eu venha. Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã. (Apocalipse 2:25-28)

Quando Jesus retornar para assumir o Seu trono na nova terra—o novo Éden global—vai compartilhá-lo com os Seus irmãos e irmãs. Os principados e potestades serão destronados e nós tomaremos o lugar deles. Os seus domínios não serão entregues aos anjos fiéis a Deus—nós ultrapassaremos os anjos em importância no final do reino edênico de Deus. Jesus vai deixar os Seus irmãos e irmãs humanos encarregados.

Você ficou perplexo com a frase final de Apocalipse 2:28? “Dar-lhe-ei ainda a estrela da manhã”? Ela dá a impressão de ser esquisita, mas se refere ao nosso governo conjunto com Jesus sobre as nações, depois que os poderes forem despejados. “Estrela da manhã” é uma expressão usada para descrever os seres divinos (Jó 38:7). É, também, um termo messiânico. Já que o messias é divino, a “linguagem estrelar” era usada, de vez em quando, para descrever o seu reino vindouro. Números 24:17 diz: “Uma estrela procederá de Jacó, de Israel subirá um cetro.” No livro do Apocalipse, Jesus Se descreve da seguinte maneira: “Eu sou a raiz e a geração de Davi, a brilhante estrela da manhã” (Apocalipse 22:16).

As palavras de Apocalipse 2:25-28 são poderosas. Não apenas Jesus *diz* que Ele é a estrela da manhã messiânica, mas que nos *concede* a estrela da manhã—Ele compartilha o Seu governo messiânico conosco. Apocalipse 3:20-21 vai mais além ainda, para que os da fé não deixem de entender a mensagem:

Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo. Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono. (Apocalipse 3:20-21)

Com que finalidade nos tornamos participantes da natureza divina? Por que Jesus nos apresenta ao concílio como os seus irmãos e irmãs? *A fim de que Deus nos possa conceder o domínio sobre a terra que, desde o início, almejou*. O céu retornará à terra em um novo Éden global.

O Eterno Éden

Desde os primeiros capítulos de Gênesis, Éden era um ponto de enfoque no plano de Deus para o homem,

o restante dos Seus geradores de imagem divinos, e o Seu reino. Assim sendo, não é surpresa nem coincidência que o último capítulo do livro de Apocalipse nos leve de volta ao Éden:

O anjo também me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro e que passa no meio da rua principal da cidade. Em cada lado do rio está a árvore da vida, que dá doze frutas por ano, isto é, uma por mês. E as suas folhas servem para curar as nações. E não haverá na cidade nada que esteja debaixo da maldição de Deus. O trono de Deus e do Cordeiro estará na cidade, e os seus servos o adorarão. Verão o seu rosto, e na testa terão escrito o nome de Deus. Ali não haverá mais noite, e não precisarão nem da luz de candelabros nem da luz do sol, pois o Senhor Deus brilhará sobre eles. E reinarão para todo o sempre. (Apocalipse 22:1-5 NTLH)

Você percebeu que a Árvore da Vida cura as nações? As nações, antes dominadas pelos principados e potestade, serão regidas pelos novos filhos e filhas de Deus—*você e eu*.

Esta não foi a primeira vez que a Árvore da Vida foi mencionada em Apocalipse. Dirigindo-se àqueles que creram até o fim, Jesus disse em Apocalipse 2:7, 11: “Dar-lhe[s]-ei que se alimente[m] da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus... [Eles] não sofrerá[ão] dano da segunda morte.” A menção da Árvore da Vida é claramente edênica. A primeira morte se refere à morte física, trazida pelo pecado de Adão e a expulsão do Éden. Já que todos os seres humanos, tanto os crédulos como os incrédulos, ressuscitam antes do julgamento, a segunda morte é o juízo final (Apocalipse 21:8). Aqueles que continuam a viver com Deus em um novo Éden não sofrem a segunda morte.

Por Que Isso É Importante

Muitos cristãos têm uma visão inadequada do além. As Escrituras Sagradas não nos contam como será tudo, mas alguns aspectos são certos. Não vamos ficar tocando harpas nem cantando eternamente enquanto flutuamos, por aí, nas nuvens. Não vamos ficar sentados em sofás celestiais conversando com os nossos amados familiares mortos, nem com crentes famosos da antiguidade.

Antes, estaremos vivendo a vida que o Éden oferece—estaremos ocupados desfrutando e cuidando daquilo que Deus fez, do lado dos seres divinos que permaneceram leais a Ele. O céu e a terra não serão mais lugares separados.

O conhecimento do nosso destino precisa moldar a nossa maneira de pensar neste exato momento. Como disse Paulo: “O que ninguém nunca viu nem ouviu, e o que jamais alguém pensou que podia acontecer, foi isso o que Deus preparou para aqueles que o amam” (1 Coríntios 2:9 NTLH). Ficar ciente deste resultado espetacular e glorioso nos ajuda a colocarmos as nossas circunstâncias atuais em perspectiva. Depois de escrever as palavras que acabamos de ler, Paulo disse ainda o seguinte em sua segunda carta aos coríntios:

Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai de misericórdias e Deus de toda consolação! É ele que nos conforta em toda a nossa tribulação... Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima

das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos, tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós, e sim no Deus que ressuscita os mortos. (2 Coríntios 1:3-9)

Deus pode nos preservar em vida. Mas mesmo em morte, ressuscitaremos para nos assentarmos com Jesus no seu trono (Apocalipse 3:21).

Ou vivemos com o nosso destino em mente, ou não. E a nossa consciência do nosso destino deve alterar o nosso comportamento. Se você soubesse que um dia estaria dividindo um apartamento ou trabalhando no mesmo escritório com a pessoa que você criticou, rebaixou, e chegou a desprezar, investiria um pouquinho mais de esforço em se tornar um pacificador, encorajador e talvez até amigo daquela pessoa. Como é então que tratamos os nossos semelhantes cristãos de maneira tão precária? Como é que não investimos tanta energia para conduzir o incrédulo para mais perto de Jesus quanto o fazemos em nos relacionarmos com ele ou ela, como se fossem inimigos? Ou temos a eternidade em mente, ou não.

Quanto do Seu governo Jesus precisa repartir com você para deixá-lo satisfeito? A pergunta pode até ser estranha, visto que *qualquer* dom de Jesus seria maravilhoso. Por que, então, disputamos com outros cristãos para obtermos prestígio? Por que brigamos uns com os outros para obtermos vantagem, atenção e benefícios pessoais? Será que não somos melhores que os coríntios, a quem Paulo precisou lembrar o destino? Ou ficamos contentes de reinar e governar com Ele, ou não.

Cristão, é hora de viver como alguém que sabe quem é e conhece os planos que Deus tem para si.

Conclusão

Chegamos ao final da nossa jornada. Contudo, é melhor dizer que apenas começamos. Levamos em consideração algumas perguntas fundamentais: *Outros deuses existem? Se é o caso, que diferença faz isso na forma em que interpretamos a Bíblia? O que significa para a nossa fé, presumirmos que o mundo invisível descrito na Bíblia existe de verdade—não só nas passagens familiares e aceitas, mas nas passagens raras e geralmente ignoradas?* A partir do momento em que comecei a captar o desígnio do enredo sobrenatural das Escrituras Sagradas, percebi que precisava pensar de forma diferente sobre toda a sorte de assuntos. Posso resumi-los em duas palavras: *identidade* e *propósito*. Espero que você tenha sido desafiado em ambas destas áreas, à medida que foi lendo o livro.

A Nossa Identidade—Temos um Lar na Família de Deus

O material que este livro abordou provoca implicações importantes no que significa ser cristão—ou para viver “em Cristo,” um termo que o Novo Testamento utiliza com frequência. A partir do momento em que percebemos que os deuses do Antigo Testamento são reais, o significado do mandamento de Deus de não se ter nenhum outro deus acima de lavé, o Deus de Israel, se torna claro. O mandamento não se trata de ignorar dinheiro, barcos ou carros. E sim, do amor ciumento de Deus pelo Seu povo. Ou seja, *o mandamento significa exatamente o que diz*. É difícil não enxergar a loucura da lealdade a qualquer deus que não seja o Deus de todos os deuses.

O horror de se viver com as consequências do juízo de Deus sobre os deuses e seus povos (as “nações”) também é bastante óbvio. Nós ficamos, outrora, *deserdados*, escravizados à corrupção e à exploração dos outros deuses. Éramos, como diz Paulo, alheios a Deus e estranhos à Sua aliança de amor (Efésios 2:12). Estávamos perdidos, éramos prisioneiros das trevas, inimigos de Deus, a servir os soberanos invisíveis (Efésios 4:18; Colossenses 1:21).

Com o esclarecimento desta situação, conceitos doutrinários, tais quais *adoção* e *herança*, se tornam mais significativos. Eles passam a ter contexto. Deus não estava disposto a cancelar o plano de viver na terra com a Sua família, desfrutando do mundo que criou com Suas próprias mãos. Sim, lá em Babel Ele virou as costas para a humanidade, mas logo em seguida, chamou Abraão para criar uma família nova—e para se tornar o canal, através do qual aqueles que foram deserdados conseguissem encontrar seu caminho de volta a Ele (Atos 10:26-27).

O acato à realidade sobrenatural do mundo espiritual da Bíblia é essencial para se compreender a Bíblia. Esta realidade explica, no desenrolar do Antigo Testamento, por que o pecado da idolatria não será igual a qualquer pecado. E sim, *o* pecado. Israel foi criado para ser leal a Deus; toda vez que se voltou para outros deuses, Israel foi exilado e expulso, como as outras nações. Esta é a razão central da salvação na Bíblia ser sempre descrita em termos da *fé*. Deus não está buscando, por fim, que nos comportemos melhor. Ele busca a *fé*—a *lealdade que crê*. Ao escolhermos que os nossos corações adiram ao Deus dos deuses, Ele nos salvará. Ao escolhermos outro, plantaremos aquilo que um dia colheremos.

Para nós, hoje, lealdade que crê significa adotarmos o que Jesus fez na cruz, pois Ele era Deus em carne. A nossa ética e comportamento (as nossas obras) não se resumem em nos tornarmos suficientemente leais a Deus, a ponto Dele nos receber. Seguimos os Seus mandamentos porque já O escolhemos. E os Seus mandamentos nos conduzirão à alegria e ao contentamento, pois nos desviam da autodestruição e da destruição do próximo. Eles nos proveem um vislumbre da vida em harmonia com Deus e com o resto da Sua família—a nossa família—visível e invisível, no Seu reino, o novo Éden.

O Nosso Propósito—Todos Nós Desempenhamos um Papel no Plano de Deus de Restaurar o Éden

A inscrição na família de Deus requer apenas uma condição: fé inabalável no Deus dos deuses, que veio a nós na pessoa de Jesus Cristo. Esta inscrição não apenas nos confere privilégios maravilhosos, mas também nos providencia um propósito claro em nossas vidas.

Os membros da família de Deus têm uma só missão: serem os agentes de Deus para restaurar o Seu bom governo na terra e aumentar o número de inscrições na família Dele. Nós somos o meio que Deus escolheu para acionar a grande reversão que se iniciou em Atos 2, o nascimento da igreja, o corpo de Cristo, até o dia em que o Senhor retornar. Assim como o maligno se propagou contagiando toda a humanidade depois do fracasso do primeiro Éden, o evangelho se dissemina como um antídoto através do mesmo portador infectado. Nós somos *portadores* da verdade a respeito do Deus dos deuses, do Seu amor por *todas* as nações, e do Seu desejo inalterável de habitar com a Sua família, no Seu lar terrestre, que sempre quis desde a criação. O Éden *vai* existir de novo.

É um fato científico: os continentes do mundo se afastam um do outro a cada ano. Mas não se detecta a progressão da “deriva continental” através dos sentidos humanos. Nós só sabemos que ela ocorre por causa das observações feitas após o ocorrido. O mesmo se aplica ao avanço firme e incessante do reino de Deus. Não podemos perceber a olho nu o quanto, a cada dia, o domínio dos deuses e dos poderes das trevas encolhe, nem o quanto o evangelho libera, um por um, aqueles que estão subjugados a tal domínio. Mas é uma *certeza indiscernível*.

A chave de nos enxergarmos dentro deste quadro é que aceitemos com firmeza que Deus ainda está efetuando o Seu plano, mesmo quando não conseguimos enxergá-lo. Não podemos professar, de modo genuíno, a crença no mundo invisível, sobrenatural sem acreditarmos que a providência inteligente de Deus esteja ativa em nossas vidas e nos afazeres da história da humanidade. *Deus quer que vivamos com intenção*—crendo que a Sua mão invisível e que os Seus agentes invisíveis, aqueles que ainda são leais a Ele e a nós (Hebreus 1:14), estão envolvidos nas nossas circunstâncias a tal ponto, que juntos o objetivo Dele de um Éden global, inevitavelmente, continue a avançar.

Cada um de nós é vital na trajetória de uma pessoa chegar ao reino e na defesa deste reino. Cada dia nos oferece contato com as pessoas subjugadas ao domínio das trevas e oportunidades de encorajarmos uns aos outros na tarefa difícil de cumprir o nosso propósito em um mundo imperfeito. *Tudo o que fazemos e dizemos tem importância*, embora seja possível que jamais saibamos o por quê e como. Mas a nossa tarefa não é ver—e sim fazer. Caminhar por fé não é passivo—é resoluto.

A Oração do Perdão

A Oração do Perdão: Um Dom Valioso

Todos nós buscamos uma oração por perdão a algum ponto da vida. O perdão é um dom valioso que não é facilmente obtido e nem facilmente concedido. O perdão é essencial para a vida; ele nos liberta de erros passados e nos oferece esperança para o futuro. Foi por causa do perdão que Cristo veio à terra para morrer pela humanidade.

A Oração do Perdão: Só Foi Possível Graças a Jesus Cristo

A oração do perdão é uma oração oferecida a Deus. Embora possamos machucar, diretamente, uns aos outros, todas as nossas transgressões, por fim, machucam Deus. Você pode ficar curioso para saber como isso é possível. Como é que as nossas falhas podem magoar o Criador onipotente do universo? Deus Se interessa? Em Gênesis 6, descobrimos que o Próprio Deus ficou entristecido, de verdade, com todos as injustiças que os homens cometeram uns contra os outros: *“Viu o Senhor que a maldade do homem se havia multiplicado na terra e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração; então, se arrependeu o Senhor de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração”* (Gênesis 6:5-6).

Como conhecedor de tudo, Deus sofre até com o mero conceito do mal. Assim sendo, o perdão completo também deve provir de Deus. Contudo, por causa da Sua justiça, o perdão não é concedido de graça. Precisamos prestar contas de toda injustiça para que Deus seja um juiz justo. Jesus Cristo morreu na cruz do Calvário, em nosso lugar, para que os nossos pecados fossem perdoados. O Seu sofrimento pagou o preço das nossas transgressões. *“Porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados”* (Mateus 26:28).

No Seu amor, Deus sabia que a nossa consciência precisava ser liberada da culpa e da condenação. Ele sabia que o perdão dos pecados era a nossa maior carência. Em um ato de amor supremo, Deus não só sofreu a dor das nossas injustiças, mas também pagou o preço das suas consequências, a fim de que obtivéssemos o perdão que nos é concedido quando pecamos. Tudo o que precisamos fazer é aceitar o Seu dom gratuito do perdão.

A Oração do Perdão: Peça a Deus o Perdão

Quem sabe você tenha encontrado, por acaso, esta página web e esteja buscando uma oração de perdão para acalmar uma alma atormentada. Ou talvez você esteja se esforçando para perdoar alguém que lhe magoou profundamente. Para todos aqueles que aceitam Jesus Cristo como Senhor e Salvador, o perdão já lhes foi concedido de graça. Se reconhecermos os nossos erros e pedirmos perdão, Deus nos perdoará—sem perguntas: *“Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça”* (1 João 1:9).

Se rejeitarmos Jesus, passamos a rejeitar, em essência, o dom do perdão de Deus. O que, na realidade, estamos dizendo com isso é que não desejamos ser reconciliados a Deus (1 João 1:10). Embora o livre arbítrio seja nosso, a escolha de não aceitarmos o perdão de Deus, no final das contas, a responsabilidade por todos os pecados que cometemos também será nossa, no final desta vida. O desejo profundo de Deus é de Se reconciliar com você. *“Pois Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo o que Nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”* (João 3:16). Se você deseja ser perdoado,

de verdade, considere o que Jesus disse e aceite-O, com sinceridade como o seu Senhor e Salvador. Você será perdoado e Deus começará uma obra transformadora em sua vida.

A Oração do Perdão: Receba uma Nova Vida

A oração do perdão nos fornece uma nova esperança e um novo começo. Todos os nossos pecados são apagados por Deus. *“Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei”* (Hebreus 8:12).

Se você percebe que é pecador e crê que Jesus Cristo veio como o único Redentor do pecado, então você entende a oração do perdão. A pergunta é: você está pronto para implementar a oração, ao receber o dom de Deus: Seu Filho, Jesus Cristo? Se está, creia em Cristo, arrependa-se dos seus pecados e entregue o resto da sua vida a Ele, como Senhor:

“Pai, eu sei que infringi as Tuas leis e que os meus pecados me separaram de Ti. Sinto muito, de coração, e agora quero me afastar da minha vida pecaminosa do passado e retornar a Ti. Por favor, perdoa-me, e ajuda-me a não pecar de novo. Creio que Teu Filho, Jesus Cristo, morreu pelos meus pecados, ressuscitou de dentre os mortos, está vivo e escuta a minha oração. Por favor, envia o Teu Espírito Santo para me ajudar a Te obedecer e a fazer a Tua vontade pelo o resto da minha vida. Em nome de Jesus, eu oro. Amém.”

“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo” (Atos 2:38).

Se você decidiu receber Jesus hoje, bem-vindo à família de Deus. Agora, a fim de se aproximar mais Dele, a Bíblia nos diz para darmos seguimento ao nosso compromisso.

- Seja batizado, como Cristo ordenou.
- Conte para outra pessoa da sua nova fé em Cristo.
- Passe tempo com Deus todos os dias. Não precisa ser períodos longos. Simplesmente, desenvolva o hábito diário de orar a Ele e de ler a Sua Palavra. Peça a Deus que amplie a sua fé e o seu entendimento da Bíblia.
- Busque comunhão com outros seguidores de Jesus. Desenvolva um grupo de amigos que também creem, para responder as suas perguntas e apoiá-lo.
- Encontre uma congregação local onde você possa adorar a Deus.

Você se tornou um seguidor de Jesus hoje? Por favor, clique [SIM!](#) ou [NÃO](#)

Você já é seguidor de Jesus? Por favor, [Clique Aqui](#)

O QUE VOCÊ ACHA? — Todos nós pecamos e merecemos o julgamento de Deus. Deus, o Pai, enviou o Seu único Filho para liquidar tal julgamento para aqueles que Nele creem. Jesus, o criador e eterno Filho de Deus, que viveu uma vida sem pecado, nos ama tanto que Ele morreu pelos nossos pecados, tomando para Si o castigo que merecíamos, foi enterrado e ressuscitou de dentro os mortos, segundo a Bíblia. Se você realmente crê e confia nisto em seu coração, só receber Jesus como o seu Salvador e declarar que “Jesus é o Senhor” o salvará do julgamento e você poderá passar a eternidade com Deus

no céu.

Qual é a sua reação?

Sim, eu hoje decido seguir Jesus

Sim, estou já sou um seguidor de Jesus

Ainda tenho dúvidas

Um Pedido do Autor

Sobrenatural é uma versão abreviada do meu livro acadêmico e detalhado, *A Esfera Invisível: Recuperando a Visão Global Sobrenatural da Bíblia* (Lexham Press, 2015). *A Esfera Invisível* se encontra à venda em inglês no site da [amazon.com](https://www.amazon.com).

Espero que você considere o *Sobrenatural* espiritualmente edificante. Eu ofereço este livro de graça por causa das doações generosas por parte de pessoas que se interessam no conteúdo. Por favor, considere uma doação à *Miqlat* no site [miqlat.org](https://www.miqlat.org) ou [nakedbible.org](https://www.nakedbible.org) para possibilitar mais conteúdo grátis.

Para mais ensinamentos bíblicos, por favor visite a minha página web: [dr.msh.com](https://www.dr.msh.com) e escute o meu podcast *Naked Bible* em [nakedbiblepodcast.com](https://www.nakedbiblepodcast.com). O nome “*Naked Bible*” (a Bíblia Nua e Crua) reflete o meu desejo de ensinar apenas o texto bíblico, isento dos filtros das tradições modernas, das denominações e de outros filtros religiosos.

Como você vai descobrir na minha página web, eu também escrevo ficção científica como um meio de introduzir as pessoas à teologia bíblica. Os meus livros de romance (o atual, *The Façade—A Fachada*—e a continuação, *The Portent—O Portento*) só estão disponíveis em inglês através do site [amazon.com](https://www.amazon.com).